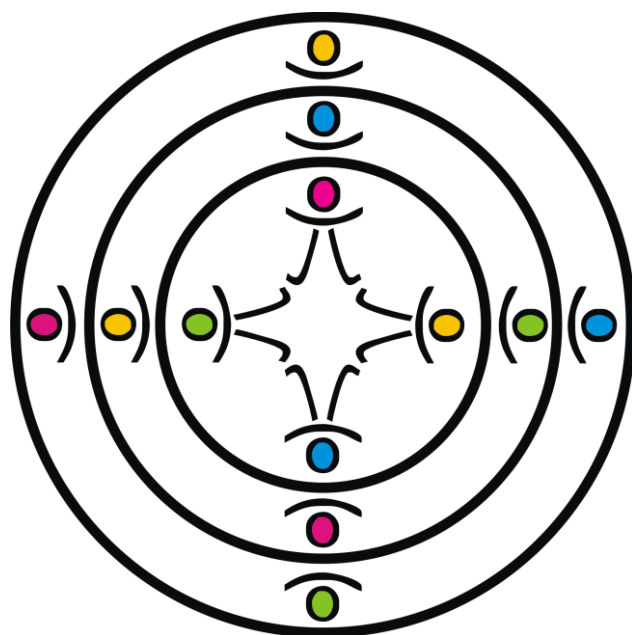




**JUVENTUDE E FAMÍLIA: um estudo sobre jovens que
“deram certo na vida”**

EMÍLIA BEZERRA DE MIRANDA

**JUVENTUDE E FAMÍLIA: um estudo sobre jovens que
“deram certo na vida”**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Psicologia da
Universidade Federal de Pernambuco, como
requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof(a). Dra Maria de Fátima Santos

RECIFE
2009

Miranda, Emília Bezerra de

**Juventude e família : um estudo sobre jovens que
“deram certo na vida” / Emília Bezerra de Miranda. –
Recife: O Autor, 2009.
112 folhas.**

**Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de
Pernambuco. CFCH. Psicologia, 2009.**

Inclui: bibliografia e anexos.

**1. Psicologia. 2. Famílias. 3. Juventude –
Experiências de vida . 4. Desenvolvimento social. 5.
Jovens – Histórias I. Título.**

**159.9
150**

**CDU (2.
ed.)
CDD (22. ed.)**

**UFPE
BCFCH2009/56**

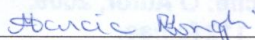
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO DE MESTRADO**

**JUVENTUDE E FAMÍLIA:
um estudo sobre jovens que “deram certo na vida”**

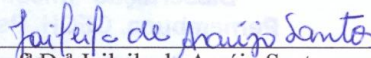
Comissão Examinadora:



Profª Drª Maria de Fátima de Souza Santos
1º Examinador/Presidente



Profª Drª Márcia Reis Longhi
2º Examinador



Profª Drª Jaileila de Araújo Santos
3º Examinador

Recife, 12 de março de 2009

Para o meu pai, minha saudade mais presente, por ter plantado em mim a semente
da inquietação.

Para a minha mãe, pela determinação com que se porta diante da vida.

Para o meu irmão, pela intensa admiração. Mais que isso, pelo amor incondicional.

Para os “meus” jovens, maior sentido deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

É hora de agradecer a todos que fizeram parte dos meus muitos tempos. Com essas pessoas, por diferentes motivos, o tempo do mestrado se tornou mais fácil, mais leve, mais possível.

Se o assunto é **família**, começo agradecendo à minha família biológica inteira. Aos que estão aqui e aos que se foram fisicamente. Desde os meus avós, Apolônio e Joaquim, às minhas avós Anunciada e Hercília. Ao lado Miranda e também à “Bezerrada”. A todos (tios e tias, primos e primas), pelo afeto, pelo deliberado convívio, pelo compartilhar das histórias de vida, sobretudo pelos grandes exemplos que sempre foram pra mim.

A Lucila, minha mãe, por todo o “aparato” que me deu de presente e, sobretudo, pela cara de orgulho sempre que me ouvia falar da pesquisa.

Ao meu irmão Zeca. Tão longe. Tão perto. Obrigada por me dar todos os dias a sensação de que o amor fraterno vai além da convivência diária.

À minha querida Zilda, pelo conforto de todas as horas. E por ter sempre tornado o meu dia-a-dia mais gostoso e aconchegante.

A tia Dulce e tio Giorgio, grandes referências, minha família “de longe”, por terem conseguido diminuir a grande distância que nos separa, à base do afeto mais sincero. Também por saberem a medida perfeita entre a “cobrança” através dos exemplos e o “colinho” carinhoso.

A tia Sydia, tio Eduardo e Mariana, minha segunda família, pelo apoio e pelo carinho confortável que sempre me dedicaram. Maroca, a irmã que eu não tive.

Tia Clara e Serginho, pela doce presença de todas as horas.

Meu padrinho “tio Sérgio”, pela grande referência ética que sempre foi pra mim. Mais que isso, por me sentir um pouco “filha”. E a tia Ester, pelo exemplo de caráter e pelo carinho de tantas sextas-feiras.

Meu “tio pijama”, extensão paterna. Por me amar demais. Por lhe amar demais.

A minha família pra lá de extensa de amigos e amigas:

Mariana, Juli, Flávia, Camila e Lú, amigas de todas as horas, simplesmente por existirem em mim.

Déa, companheira da vida inteira. Em especial, pelo interesse que tem no tema da pesquisa e no que faço, de uma maneira geral.

Juli Martorelli, com quem sempre pude compartilhar inquietações e descobertas desse “fazer social”.

Minha comadre Poly, pelo convívio, pelas trocas, pelo cuidado permanente.

Sama, meu grande amigo, que faz o meu amor pelas palavras crescer a cada poema, a cada crônica, a cada conversa mole.

Chiló, meu amigo de todas as conversas. De toda cumplicidade.

A minha comadre “de longe”, Con, por ser uma eterna “torcedora de mim”. Obrigada pelo presente Pedrinho.

Um agradecimento especial a Fê e a Bel, as “amigas de longe”, que se tornaram “de perto” nos dois meses em que mais precisei... Foi muito mais fácil com o carinho de vocês.

Aos meus pequenos afilhados Pepêco e Pedrinho, amores da minha vida.

A Maria, grande interlocutora no que se refere ao estudo da infância e juventude. Mais que isso, por ser uma amiga (afilhada e madrinha) tão querida.

A Susana Mello, minha eterna professora, supervisora e mentora, tão presente neste trabalho. Sobretudo por ter sido sempre “fazedora” de momentos bons.

A “Bia”, uma das principais “culpadas” por eu ter chegado aqui. Das maiores incentivadoras, sem dúvida. Obrigada pelo carinho e pela confiança de sempre.

A Júlia Coutinho, pela sensibilidade, disponibilidade e aprendizado. Que nossa sociedade seja eterna.

As amigas e “tias” que se fazem família, no melhor sentido do termo, sem as quais não teria encontrado tranquilidade para seguir na minha dissertação. Em especial, Norminha e Clara. Também Tamara, que me ensinou coisas as quais guardarei pra sempre.

A “Grete”, que me ajudou com perfeição a dar forma ao trabalho.

A Carla, que me ajudou com sua arte, carinhosamente, a dar a “cara” do trabalho.

No universo acadêmico:

A Alda, pela atenção e disponibilidade, o que tornou os procedimentos burocráticos menos chatos.

A minha orientadora Fátima Santos, que já conhecia de “outros carnavais”, por todos os momentos de diálogo, por acreditar na minha capacidade, mas principalmente, por me mostrar que a tarefa acadêmica pode ser encarada com leveza.

A Cristina Brito, pela participação na Banca de Qualificação. Agradeço todas as contribuições.

A Jaileila Araújo. Pelas Bancas, pelas boas aulas e pelos sorrisos doces.

A Márcia Longhi, por ter topado ser mais um olhar sobre o que pude construir como trabalho final.

A todos os professores e professoras do Programa, responsáveis por fazer valer esta experiência, em especial:

Jaileila e Felipe. Pelo PAIR. Pela forte afinidade construída ao longo do curso. Sobretudo, pelo carinho alimentado.

E Aécio Matos, pela coerência de todas as horas.

Aos colegas da turma, todos “anjos” nessa caminhada... Especialmente às amigas Kátia e Inês, dois presentes que ganhei, pela grande afinidade, desde o início. Pela troca. Pelo riso. Obrigada por tudo.

A todos os alunos e alunas da disciplina Psicologia da Família, com os quais pude aprender; e com os quais pude iniciar a tarefa de docência, durante o estágio.

Por último, porém não menos importante:

A Pedoca, meu “projeto paralelo”, onde encontrei colo sempre. Pela paciência. Por ter sido a minha serenidade nesses dois anos.

A vida não dá certeza
Pois tudo se movimenta
Cada dia representa
A chance de uma surpresa
Até mesmo a natureza
Se altera a cada segundo
O tempo é ventre fecundo
Aonde tudo é gerado
Se o tempo fosse parado
Nada existia no mundo

Ninguém sabe o que será
Do tempo futuramente
Mas o tempo do presente
Tudo tem e tudo dá
O que tem no tempo está
Em um caderno anotado
Tudo o que o tempo tem dado
De tempo em tempo se soma
Que o tempo com tempo toma
Tudo o que deu no passado

O tempo não tem feição
Não tem cheiro, não tem cor
Não tem som, não tem sabor
Voa sem ser avião
Rouba mas não é ladrão
Carrega tudo o que cria
Tempo é vento que assovia
Que passa e faz pirueta
E o vivente é borboleta
Levada na ventania

Vejo o tempo que passou
Montando o tempo que passa
E já respirando a fumaça
Do tempo que não chegou
Que o tempo me atropelou
No meio de uma avenida
Estou na porta de saída
Vendo o portão de chegada
Depois de muita rodada
Na bolandeira da vida.

Tempo II (Siba)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
 CAPÍTULO I – Debate teórico	 19
1.1. Algumas bases epistemológicas	19
1.2. Compreendendo as famílias	21
1.3. O papel da família no desenvolvimento humano	25
1.4. As contribuições de D. Winnicott para a compreensão do desenvolvimento na família	26
1.5. A perspectiva de desenvolvimento adotada	29
1.5.1. A noção de desenvolvimento e os “pontos de viragem”	31
1.6. Compreendendo o fenômeno da juventude	32
 2. CAPÍTULO II – Metodologia	 35
2.1. Perspectiva metodológica	35
2.1.1. A pesquisa qualitativa	36
2.1.2. O recurso das histórias de vida	37
2.2. A pesquisa de campo	40
2.2.1. Dos participantes	40
2.2.2. Das entrevistas	40
2.3. Da análise	44
2.4. Caracterização da comunidade	45
 3. CAPÍTULO III - As histórias de vida	 47
3.1. “Quem te viu quem te vê” - A história de Rafaela	47
3.2. “É uma luta muito grande a pessoa tentar ser direita” - A história de Rodrigo	55
3.3. “Porque eu sou livre agora pra adorar ele” - A história de Marcelo	67
3.4. “Eu penso demais, eu penso demais...” - A história de Francisca	76

4. CAPÍTULO IV - Uma análise das aproximações e distanciamentos	84
4.1.O que aproxima e o que distancia as histórias de Rafaela, Rodrigo, Marcelo e Francisca?	84
4.2. Como se desenham as famílias pesquisadas?	84
4.2.1. Como se ocupam as famílias?	87
4.2.2. Outras figuras de referência	88
4.2.3. A idealização da família	89
4.2.4. Como as estratégias de criação dos filhos são percebidas pelos(as) jovens?	90
4.3. A juventude pesquisada: quem são os jovens que “deram certo na vida”?	92
4.3.1. Categorias que definem o que é “dar certo na vida”	95
4.4. Os jovens e os “pontos de viragem”	101
4.5.O jovem e o <i>desenvolvimento integral</i>	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
REFERÊNCIAS	107

RESUMO

É considerável o esforço que vem sendo investido no debate acadêmico e em diversos espaços da sociedade sobre as famílias e as juventudes contemporâneas. A presente pesquisa aconteceu em meio a discussões importantes nesse âmbito, tais como o debate sobre o *direito à convivência familiar e comunitária de crianças e adolescentes* e as questões desafiadoras relativas às juventudes, tendo como exemplo a criação do Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE). O trabalho teve como objetivo compreender de que forma famílias em situação de vulnerabilidade social podem se oferecer como contextos de desenvolvimento integral para jovens. Desse modo, foram utilizadas noções como “desenhos de família”, que indicam a multiplicidade de formas e contextos familiares presentes na sociedade contemporânea. Nessa direção, os jovens, mesmo fazendo parte de um segmento socioeconômico comum, são vistos como protagonistas de histórias singulares, as quais foram analisadas com a preocupação de fugir à lógica desenvolvimentista e normativa. O percurso metodológico caracterizou-se pela utilização do método das *histórias de vida*, tendo sido entrevistados(as) quatro jovens – moradores de uma comunidade popular do Recife. A busca por casos, experiências, histórias que mostrem jovens que puderam desenvolver-se num ambiente *saudável*, traçando trajetórias de vida (consideradas) bem sucedidas – criados ou não em um contexto de família nuclear, vem sendo alvo de interesse por parte de alguns pesquisadores. Assim, pretendeu-se tentar contribuir para a valorização da imagem de jovens pobres moradores(as) das comunidades populares do Recife, respeitando as suas singularidades e procurando mostrar a “vivacidade” de suas trajetórias, problematizando as estratégias familiares. Os resultados da pesquisa foram analisados a partir da perspectiva da Análise de Conteúdo, que busca o latente, o não dito da fala do sujeito; considerando assim a singularidade do seu discurso. Durante a análise das histórias de vida, foram discutidos conceitos e noções centrais, como a noção de “desenvolvimento integral”, a questão dos “pontos de viragem” e também o que se entendeu por “dar certo na vida”. Desse modo, os resultados da pesquisa apontam para a compreensão de que o desenvolvimento humano não é algo linear nem previsível e deve ser entendido como um processo que inclui, simultaneamente, avanços e retrocessos, ganhos e perdas e, principalmente, ambiguidades, rupturas e descontinuidades. Além disso, é preciso problematizar o fenômeno da família, considerando a importância das interações sociais que ocorrem para além desta, na vida das pessoas.

Palavras-chave: famílias, juventude, desenvolvimento integral, história de vida, pontos de viragem.

ABSTRACT

It is considerable the effort being invested in the academic debate and in many areas of society on contemporary families and young. This research was in the midst of discussions in this important field, such as the debate on the right to family and community lives of children and adolescents and the challenging issues related to youth, taking as an example the creation of the National Council of Youth (CONJUVE). The work aimed to see how families in situations of social vulnerability might serve as contexts of integral development for youth. For this, the path was marked by the use of the method of life histories and has been interviewed four young people - residents of a popular community of Recife. The search for cases, experiences, stories that show young people that could develop in a healthy environment, tracing (considered) successful life paths - created or in a context of nuclear family, has been the subject of interest by some researchers. Thus, it was intended to contribute to value the image of poor young people living in the Recife's poor communities, respecting their uniqueness and trying to show the "liveliness" of their careers, discussing their family strategies. When analyzing the life histories, concepts and basic notions were discussed, such as the concept of "integral development", the question of "turning points," and also what is meant by "right to life." Furthermore, the phenomenon of the family and the importance of social interactions that occur beyond that in people's lives were also discussed. Therefore, results of the research with young people who "have a life" pointed to the understanding that human development is not linear or predictable. It should be understood as a process that includes both advances and setbacks, gains and losses and, especially, ambiguities, ruptures and discontinuities.

Keywords: families, youth, integral development, life story, turning points.

Introdução

*Divêrjo de todo o mundo...
Eu quase que nada não sei.
Mas desconfio de muita coisa.
O senhor concedendo, eu digo:
para pensar longe, sou cão mestre –
o senhor solte em minha frente uma idéia ligeira,
e eu rastreio essa por fundo de todos os matos,
amém!*

João Guimarães Rosa

É considerável o esforço que vem sendo investido no debate acadêmico e em diversos espaços da sociedade sobre as famílias e juventudes contemporâneas, o que vem resultando em diversos modos de intervenção junto a esses grupos, tais como programas de governo e projetos pensados e/ou executados por organizações da sociedade civil (ongs e oscips,¹ por exemplo).

A presente pesquisa aconteceu em meio a duas importantes discussões no âmbito da infância e juventude. Atualmente, o crescente debate sobre o *direito à convivência familiar e comunitária de crianças e adolescentes* (capítulo 3 do Estatuto da Criança e Adolescente) vem destacando a importância da família e da comunidade na formação e no desenvolvimento desses sujeitos, o que culminou na elaboração do Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária (BRASIL, 2006).² Ao

¹Organização não-governamental e organização da sociedade civil de interesse público.

²O PNCFC foi aprovado pelo Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda) junto com o Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS) em 13 de dezembro de 2006. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/arquivos/plano-nacional-defende-a-convivencia-familiar-de-criancas-e-adolescentes/>

mesmo tempo, discutem-se questões relativas às juventudes. O Conselho Nacional de Juventude (CONJUBE),³ criado em agosto de 2005, é o resultado de um olhar voltado para esse segmento da população e vem provocando uma discussão no que diz respeito às demandas e preocupações dessa fase da vida.

Dessa maneira, o presente trabalho teve como objetivo responder à seguinte pergunta: *De que forma as famílias em situação de vulnerabilidade social podem se oferecer como contextos de desenvolvimento integral para os jovens?*

Para investigar o desenvolvimento integral de jovens em famílias em situação de vulnerabilidade social (objetivo geral da pesquisa), o caminho percorrido foi a realização de dois tipos de entrevistas. Um primeiro tipo buscava (1) encontrar jovens, de uma comunidade popular, que “deram certo na vida” e (2) entender o porquê de essas pessoas terem sido consideradas bem sucedidas. Um segundo tipo de entrevista, caracterizava-se pelo método das histórias de vida, na qual os(as) jovens “apontados(as)” contaram suas vidas à pesquisadora. Dessa maneira, foi entrevistado um universo de nove jovens: cinco das participantes contribuíram para a escolha dos(as) outro(as) quatro, os(as) quais relataram suas trajetórias.

O interesse da pesquisadora pelo tema *família e juventude* deu-se a partir de um percurso de trabalhos em espaços voltados para crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social na Região Metropolitana do Recife, na própria capital e no sertão de Pernambuco.⁴ Nesse universo, chamava a atenção e gerava inquietações um discurso que aliava negatividade e culpabilização. Negatividade porque, fosse uma criança em situação de rua, um adolescente infrator ou uma jovem em situação de exploração sexual, pairava no ar uma descrença em relação ao futuro deles, como se não tivessem outro caminho que não o fracasso. Culpabilização, porque era a *desestruturação* desses sujeitos que não lhes dava as

³O CONJUBE é uma forma de controle social da Política Nacional de Juventude do Governo Federal, o qual funciona como um espaço de comunicação entre a sociedade civil, o governo e a juventude brasileira. É um órgão consultivo que visa assessorar o governo na formulação de ações e promover estudos e pesquisas sobre a realidade da população jovem. O Conselho é formado por representantes do poder público e da sociedade civil. Disponível em: <http://www.juventude.gov.br/conselho>

⁴A autora teve experiências de execução e gestão, tanto na esfera pública de governo (municipal e estadual) quanto em organizações não-governamentais. O público desses trabalhos foram crianças em situação de rua, jovens em situação de vulnerabilidade social e crianças e adolescentes em situação de exploração sexual. Todas as experiências tinham seu foco no trabalho com as famílias.

condições para um *desenvolvimento integral*.⁵ Diante disso, foram surgindo questionamentos relacionados a como agir nesses espaços onde não apareciam “famílias ideais” e onde era preciso intervir no sentido de garantir os direitos humanos dessas pessoas. Como lidar com grupos familiares nos quais não existia o casal mãe-pai “esperado”, em que a primeira é sinônimo de cuidado e o segundo, sinônimo de autoridade e provedor da casa? Ou mesmo quando não havia o casal parental? Ou ainda, quando se encontravam os pais, porém eles estavam longe de ser o “ideal” no sentido de proporcionar um ambiente favorável de desenvolvimento a seus filhos? Como intervir de maneira a deixar preconceitos ou modelos predefinidos de lado, respeitando as singularidades de cada família e promovendo mudanças na vida de crianças, adolescentes e jovens? Foi diante da complexidade desse campo de atuação profissional, inicialmente, e do contato com a atual produção acadêmica, interessada em problematizar modos de compreensão e intervenção, que surgiram as primeiras inquietações que deram origem a esta pesquisa.

Dizer que uma família é desorganizada é entender que existe uma forma correta a ser seguida: em nossa sociedade ocidental, o modelo hegemônico da família nuclear burguesa pai-mãe-filhos.

Teorias com foco na estrutura e não na qualidade das inter-relações parecem reforçar o discurso da desestruturação do grupo familiar, o que acaba por atrapalhar a discussão sobre o tema, conforme é apontado por Szymanski (1995).

Muito se tem estudado as famílias na perspectiva das configurações não-nucleares e socialmente vulneráveis, em um contexto integral de desenvolvimento. A busca de casos, experiências, histórias que mostrem jovens que puderam desenvolver-se em um ambiente *saudável*, traçando trajetórias de vida (consideradas) bem sucedidas – criados ou não em um contexto de família nuclear, vem sendo alvo de interesse por parte de alguns pesquisadores (ALVIM e GOUVEIA, 2000; CASTRO, 2001, 2005, 2005b, 2005; FONSECA, 2004; LONGHI, 2008; RIZZINI, 2004, 2006; SARTI, 2004, 2007; SOUZA E SILVA, 2003).

Portanto, entende-se que o estudo sobre este tema torna-se relevante, porque ele pode contribuir para uma melhor compreensão, ou para uma compreensão diferente, e uma reflexão sobre as formas das famílias na realidade

⁵Esse conceito será discutido ao longo deste trabalho.

das classes populares, buscando a “coerência interna dessas práticas” antes de chamá-las de *alternativas* (FONSECA, 2004), o que pode favorecer um atendimento de maior qualidade, no sentido de primar pela pluralidade de olhares a adolescentes, jovens e suas famílias nas suas diversas situações de vulnerabilidade.

Além disso, um estudo dessa natureza pode trazer luz sobre o desenvolvimento das pessoas (com foco nos jovens) que compõem a família, uma vez que ele seria compreendido a partir do processo de interação social nas dimensões intra e extra-familiares. Entendendo, dessa maneira, como e em que medida as diversas formas de interação vividas pelos jovens marcam suas histórias e seu processo de desenvolvimento.

É importante apontar, desde já, duas questões pertinentes, que vão surgir no decorrer do trabalho. A primeira foi a preocupação de afastar-se do que Souza e Silva (2003) chamou de “discurso da ausência” que, muitas vezes, serve de norte para conceitos e representações quando se trata de pesquisar pessoas que vivem nas favelas. A segunda foi o cuidado no uso de determinadas categorias ou conceitos, que poderiam ir na contramão do que se pretende neste estudo. A não-dicotomização dos jovens entre os “do bem” e os “do mal” é um exemplo disso. Como salientou Longhi (2008), mais do que contrapor os “certinhos” às “almas sebosas” ou, utilizando os termos tomados nesta pesquisa, os que “deram certo”⁶ aos que “deram errado” na vida, interessava ouvi-los em relação à questão do seu desenvolvimento na família e na comunidade.

Também tentando focalizar as relações nas famílias contemporâneas, chamam a atenção alguns filmes nacionais lançados nos cinemas no período desta pesquisa (entre 2007 e 2008). Obras como “A casa de Alice”, “Linha de Passe” e “Última parada: 174”,⁷ utilizando uma linguagem que se situa entre a realidade e a ficção, põem em pauta a questão dos grupos familiares e terminam por contribuir para uma visão menos estereotipada e estigmatizante da família. Ao mesmo tempo, mostram as interações entre irmãos e, de certa forma, problematizam as diferenças existentes entre eles, o que leva a pesquisadora a perguntar-se: por que em uma

⁶ O termo no passado foi uma forma de melhor se fazer entender na pesquisa de campo, no entanto o desenvolvimento humano será discutido, neste trabalho, como algo que não acontece em períodos determinados, sendo processual e dinâmico.

⁷ “A casa de Alice”, 2007, com direção de Chico Teixeira; “Linha de Passe”, 2008, com direção de Walter Salles e Daniela Thomas, e “Última parada: 174”, 2008, com direção de Bruno Barreto.

mesma família eles seguem caminhos tão distintos? Esta tem sido uma inquietação constante nas reflexões da mesma.

Merecem destaque alguns números que marcam uma realidade negativa da juventude. Esta pesquisa foi realizada em um momento no qual Recife é considerada uma das capitais mais violentas do país, chamando a atenção para a criminalidade entre os jovens (sobretudo os que vivem na linha de pobreza). Jovens que matam e jovens que morrem. De acordo com o contador de homicídios pebodycount.com⁸, 413 jovens, entre dezoito e vinte e quatro anos de idade, foram assassinados entre 01/01/07 e 31/12/08 (período deste estudo).

Assim, pretende-se, também, contribuir para a valorização da imagem de jovens pobres e moradores das comunidades do Recife, respeitando as suas singularidades e tentando mostrar a “vivacidade” de suas trajetórias, em um contraponto à dura realidade dos números. Concordando com Longhi (2008), ao mesmo tempo em que se toma o grupo de jovens moradores de favelas e comunidades pobres como problema social, é preciso prestar atenção a um “grande contingente de jovens que estão construindo trajetórias alternativas” (LONGHI, 2008: 24) nesses espaços estigmatizados. Assim, destacar as histórias desses jovens é dar visibilidade sob um outro ângulo a uma mesma realidade social, tentando contribuir para uma compreensão do desenvolvimento humano, em que se observa a pluralidade de influências nesse processo, bem como o papel ativo desses sujeitos na construção de suas trajetórias de vida.

Para facilitar a leitura do presente trabalho, explicar-se-á a forma como ele foi estruturado. Dividiu-se a dissertação em quatro capítulos.

O capítulo 1 será reservado para situar o leitor quanto às escolhas teóricas da autora, tentando empreender um debate teórico sobre as principais referências utilizadas.

O capítulo 2 será dedicado a explicitar como foi pensada e realizada a pesquisa de campo, salientando alguns pontos quanto ao percurso metodológico em questão.

O capítulo 3 introduzirá as histórias de vida dos(as) quatro jovens entrevistados(as), dando início à atividade de análise.

⁸Disponível em: <http://www.pebodycount.com.br/ocorrencia/ocorrenciaConsulta.php>

No capítulo 4, continuando a análise, serão apresentadas aproximações e distanciamentos entre as trajetórias, apontadas as categorias a que se chegou a partir das narrativas dos entrevistados e, problematizados alguns conceitos (família, desenvolvimento integral, pontos de viragem), à luz das referências teóricas escolhidas.

Nas considerações finais, será feito um esforço de síntese das principais ideias discutidas ao longo do trabalho e serão apresentadas algumas propostas e sugestões para novas pesquisas na área, a partir de novas questões que surgiram ao longo deste estudo.

Capítulo I - Debate teórico

*Livros não mudam o mundo;
quem muda o mundo são as pessoas.
Os livros só mudam as pessoas.*

Mario Quintana

1.1. Algumas bases epistemológicas

Antes de expor as escolhas teóricas que nortearam esta pesquisa, faz-se necessário explicitar suas bases epistemológicas.

Discutindo a *formação do espírito científico*, Bachelard (2005) contribuiu com um construto teórico de grande validade para se pensar a pesquisa. De acordo com a noção de *obstáculo epistemológico*, compreende-se que o conhecimento científico deve ser colocado sempre como algo que se constrói contra um saber anterior. Por essa razão, no campo da ciência, é preciso, antes de tudo, saber formular um problema, de modo a caracterizar assim o seu *verdadeiro espírito*, pois, se não há pergunta, não pode haver conhecimento científico, já que tudo é construído.

A ciência opõe-se à opinião (primeiro *obstáculo epistemológico* a ser ultrapassado) e afasta-se do que é espontâneo. Nesse sentido, não se trata de algo da ordem do definitivo e, por isso, os cientistas devem reorganizar o seu sistema de saber diante do novo. As revoluções espirituais forçadas pela invenção científica fazem do homem uma espécie mutante, uma espécie que precisa mudar e que sofre se não mudar. Assim, movido pelo espírito científico, ele deseja conhecer para melhor questionar (BACHELARD, 2005).

Além de Bachelard, outro autor que se interessou pela filosofia da ciência foi Thomas Kuhn (1922-1996). Como físico que disserta sobre a tarefa da interpretação,

também discutiu a questão da mudança no mundo científico. Segundo ele, o desenvolvimento nesse campo pode ser *normal* ou *revolucionário*.

Na *mudança normal*, “revisa-se ou acrescenta-se uma única generalização e as outras permanecem as mesmas” (KUHN, 2006: 41), percebendo-se o seu caráter cumulativo. Nas *mudanças revolucionárias*, é necessário “ou viver com a incoerência ou revisar em conjunto várias generalizações inter-relacionadas” (KUHN, 2006: 41), apontando para o seu caráter holístico. O que caracterizaria, ainda, a revolução, seria a transformação em várias das categorias taxonômicas, que são pré-requisitos para descrições e padronizações científicas. Há, assim, uma “mudança central de modelo, metáfora ou analogia” (KUHN, 2006: 43), ou seja, muda-se o que era considerado como semelhança ou como diferença.

Dessa maneira, para usar o termo proposto pelo autor, é preciso pensar a ciência alicerçada nas mudanças de *paradigma* ou, melhor dizendo, como um conjunto de conceitos que são produtos históricos em uma determinada cultura (KUHN, 2006).

Pensando mais especificamente o campo da psicologia e uma vez que, neste trabalho, interessa entender os jovens e suas relações familiares a partir de uma perspectiva de não-causalidade e de não-previsibilidade, pretende-se adotar uma psicologia descritiva e analítica, em contraponto a uma psicologia explicativa ou construtiva. Dilthey (2002) entende por psicologia descritiva

a exposição das componentes e dos nexos que se apresentam uniformemente em toda a vida psíquica humana desenvolvida, entrelaçados numa única textura, que não é inferida ou interpolada pelo pensamento, mas simplesmente vivida. (...) é, portanto, a descrição e a análise de uma conexão que, de modo originário e sempre, nos é dada como a própria vida. Daí se depreende uma consequência importante. Tem por objecto as regularidades no contexto da vida psíquica desenvolvida. Expõe esta tessitura da vida interna num homem típico. Observa, analisa, experimenta e compara. Serve-se de qualquer ajuda para a solução da sua tarefa. Mas o seu significado na articulação das ciências assenta em que todo o nexo por ela utilizado pode ser univocamente verificado mediante a percepção interna, e em que toda a conexão análoga se pode mostrar como membro da textura mais ampla, total, não inferida, mas originalmente dada. (DILTHEY, 2002: 31)

Portanto, trata-se de pesquisar os fenômenos que não são da ordem da inferência e, sim, da ordem do que é vivido, experimentado. Desse modo, objetiva-

se lançar mão de um fazer científico que considere, não só possível mas imprescindível, o inacessível, o estranho, o inesperado (DILTHEY, 2002).

1.2.Compreendendo as famílias

O estudo das famílias tem sido permanentemente passado a limpo, dada a produção de trabalhos que procuram rever conceitos e superar obstáculos relativos a esse fenômeno. Pesquisadores de diferentes áreas (Psicologia, Sociologia, Antropologia, História) e de diferentes tempos vêm contribuindo para a produção nesse campo.

Assim, para compreender a vida familiar no Brasil contemporâneo é necessário considerar, além da norma hegemônica do modelo nuclear, outras dinâmicas de famílias, tentando pensar na perspectiva da construção de formas de vida social que fogem da lógica prevista e previsível da modernidade (FONSECA, 2004).

Por ser a família um fenômeno universal, as análises sobre esse tema acabam por naturalizar as relações familiares, tomando como base a família enquanto unidade biológica de reprodução - pai, mãe e filhos. Assim sendo, essas relações terminam por se transformar em um modelo, de base biológica a ser copiado, o que dá espaço para um discurso normativo, do qual todos os outros diferentes estariam se “desviando” (SARTI, 2004).

Mas, na medida em que se consideram outras configurações além do modelo hegemônico, parece ser possível aceitar o que aparece como *diferente* e intervir junto a esses novos (ou simplesmente outros) desenhos, na perspectiva do apoio e do fortalecimento dos elos familiares.

Dada a diversidade de desenhos de família existentes, há vários estudos que destacam a importância da vida no ambiente familiar, sendo esse considerado como “um lugar privilegiado de proteção e pertencimento” (RIZZINI, RIZZINI, NAIFF e BAPTISTA, 2006). Nesse sentido, a família vem sendo apontada como uma das únicas possibilidades de desenvolvimento social e afetivo para uma criança pequena (MARTINS e SZYMANSKI, 2004). É onde são socializados e construídos significados culturais e padrões de interação que caracterizam o estilo singular de cada grupo familiar e de cada pessoa (BASTOS, ALCÂNTARA E FERREIRA-SANTOS, 2002).

Porém, a compreensão de que o ambiente familiar é o *locus* privilegiado para os sujeitos em desenvolvimento não deve desconsiderar a possibilidade de a família ser, algumas vezes, um espaço de violências diversas - tais como: abusos, negligência, abandono, etc. - cometidas contra (e entre) crianças, adolescentes e jovens, e que deve ser evitado, mesmo temporariamente (DE ANTONI e KOLLER, 2000; COSTA, PENSO e ALMEIDA, 2007; HABIGZANG, KOLLER, AZEVEDO e MACHADO, 2005).

Pesquisas e estudos (MARTINS e SZYMANSKI, 2004; DE ANTONI e KOLLER, 2000; ALMEIDA e GALINKIN, 2005) mostram o que se considera como *idealização da família*. Um desses estudos, no qual era pedido que crianças institucionalizadas representassem a família em suas brincadeiras cotidianas, salientou o fato de que as crianças apresentavam grupos familiares harmoniosos e sem problemas, diferentes (na maioria das vezes) de suas próprias experiências (MARTINS e SZYMANSKI, 2004). Do mesmo modo, pesquisa sobre as representações sociais da violência entre adolescentes e professores de classe média demonstrou que, de acordo com as falas de professores de escolas de classe média, há uma certa idealização do ambiente familiar, a qual seria responsável por formar um cidadão também ideal (ALMEIDA e GALINKIN, 2005).

Mas a família nem sempre foi esse espaço privilegiado de cuidado e proteção. A conhecida pesquisa iconográfica realizada por Ariès (2006) ajuda a compreender historicamente os vários sentidos atribuídos à infância e à família ao longo do tempo. Numa perspectiva cronológica, Ariès traz diferentes momentos de organização da família ocidental, traçando mudanças nas formas de vinculação e cuidado, chamando a atenção para o fato de que a instituição familiar seria uma invenção da Idade Moderna, já que o surgimento da família estaria associado à invenção da infância e ao enfraquecimento do Estado, num primeiro momento, na gestão da vida coletiva. Segundo o autor, na Idade Média, as relações comunitárias e sociais tinham mais força, sendo o cenário principal da vida privada, bem como da criação das crianças.

Em um momento posterior, por volta no início do século passado, Costa (2004) ressalta a política higienista como um evento que interferiu na intimidade dos grupos familiares, uma vez que o Estado aceita “medicalizar suas ações” e passa a controlar a vida de crianças e adultos, em função de índices elevados de mortalidade infantil e condições precárias de saúde dos adultos. Os higienistas

impõem à família uma educação física, moral, intelectual e sexual – de acordo com os preceitos sanitários da época. Assim, “a família nuclear e conjugal, higienicamente tratada e regulada” (COSTA, 2004: 13) torna-se sinônimo histórico de família burguesa.

Diferente do tempo analisado por Ariès (2006), as relações de amor entre pais e filhos – idealizadas pelo movimento higienista - se concretizam na família conjugal moderna. Porém, se tais relações de cuidado e afeto passam a existir, os especialistas em amor familiar as avaliam como insatisfatórias, havendo sempre “um ‘a mais’ a corrigir, um ‘a menos’ a tratar” (COSTA, 2004: 15). Desse modo, os técnicos estão sempre a avaliar os excessos e as faltas do amor paterno e materno.

No entanto, é interessante observar que, no processo de definição da instituição familiar, o chamado movimento higienista dirigiu-se às famílias da elite, não interessando ao Estado mudar a forma de vida dos escravos, por exemplo. Estes, junto com os mendigos, loucos e vagabundos serviriam de anti-norma, de casos-limite de infração higiênica e continuariam entregues à polícia ou aos espaços de segregação higienizados como prisões e asilos. Mas o modelo de organização familiar investido pela higiene acaba por dominar as outras camadas sociais e seus modos de ser. Assim, “a ordem médica vai produzir uma norma familiar capaz de formar cidadãos individualizados, domesticados e colocados à disposição da cidade, do Estado, da pátria” (COSTA, 2004: 48).

Em uma mesma direção, as ideias de Michel Foucault (1926-1984) sobre a questão do biopoder contribuem para a compreensão dos modos de controle e governo sobre a vida das pessoas. A biopolítica se ocupa, então, da gestão da saúde, da higiene, da alimentação, da sexualidade, da natalidade, etc. Assim,

É em torno de problemas como natalidade, morbidade, nível de saúde, incapacidades biológicas, efeitos do meio, que a biopolítica inicialmente se desenvolve, tomando a população em uma dimensão científica, política, biológica e de poder (MENEZES, 2002: 107).

O que interessa aqui é sinalizar as mudanças nos campos ético e das práticas de si e do cuidado de si, durante a modernidade:

Se a substância ética continua sendo a mesma, o desejo, o modo de sujeição passa da lei divina para o domínio médico, científico e jurídico. E o domínio das práticas passa a ser habitado pelos saberes *psi* (psicologias, psiquiatria, psicanálise) e seus procedimentos para o

conhecimento da verdade do sujeito, como verbalização de pensamentos, sentimentos, emoções, que não mais estão eminentemente marcados pelas práticas católicas de confissão, mas também pela reativação de antigas práticas históricas, tudo isso com a finalidade de estabelecer identidades e identificar personalidades (MENEZES, 2002: 107/108).

Desse modo, as transformações históricas, políticas, econômicas e sociais provocaram mudanças na vida familiar nas últimas décadas. Algumas das principais são as famílias serem cada vez menores, cada vez mais chefiadas por mulheres, que estão, cada vez mais, entrando no mercado de trabalho, o que demanda que as famílias dêem conta de novos arranjos para criar seus filhos; o aumento das distâncias entre a casa e o trabalho, fazendo com que os pais se tornem menos presentes na vida dos filhos, e a mudança dos papéis parentais e de gênero em diversas sociedades (RIZZINI, RIZZINI, NAIFF e BAPTISTA, 2006).

Cunha (2004), em artigo intitulado “A escola renovada e a desqualificação da família”, afirma que, desde o final do século XIX, a partir dos conhecimentos produzidos sobre a infância e a adolescência, a escola se tornou mais completa, em função de uma certa “decadência” das outras instituições que detinham funções educativas, como a família. Esse tipo de entendimento mostra como a escola passa a culpabilizar a família. Rizzini & Rizzini (2004), ao abordarem o “mito da desorganização familiar”, afirmam que foi a partir da formulação de um aparato oficial de proteção e assistência à infância no Brasil, na década de 1920, que as famílias das classes populares se tornaram o alvo de estudos e de teorias referentes à incapacidade de seus membros de educar os filhos. A constatação desse “fracasso” parece ter contribuído para autorizar profissionais e instituições a substituírem o cuidado da família, e colaborou para o aparecimento daquilo que se passou a chamar de uma “cultura da institucionalização” (RIZZINI, 2004), desqualificando a instituição familiar.

O argumento que desqualifica a família tem sua origem, entre outros motivos, em “fatores ambientais”, como a situação social dos pais, ou seja, sua moral, seus meios financeiros, etc., o que acabaria por gerar sujeitos incapazes de se integrar na sociedade, já que no período da infância não tiveram um ambiente favorável ao seu desenvolvimento. Essa perspectiva ambientalista contribuiu para a relação *família desorganizada x criança/jovem problemático* (CUNHA, 2004). Assim, a figura do

psicólogo como técnico que pode resolver esse problema começaria a surgir na vida moderna.

Sarti (2004) alerta para o esforço de estranhamento que se deve fazer ao abordar o grupo familiar, chamando a atenção para “a tendência a projetar a família com a qual nos identificamos – como idealização ou como realidade vivida – no que é ou deve ser a família” não impeça a capacidade dos pesquisadores e interventores “de olhar e ver o que se passa a partir de outros pontos de vista” (SARTI, 2004: 115), pois isso resultaria em um discurso etnocêntrico.

A mesma autora afirma que a “família como ordem moral” passa a ser uma “referência simbólica fundamental”, maneira pela qual pessoas das camadas populares da sociedade dão sentido às suas relações dentro e fora do ambiente doméstico. Definindo-se em torno desse “eixo moral”, a instituição familiar, para os pobres, seria “em quem se pode confiar” (SARTI, 2005: 86).

1.3.O papel da família no desenvolvimento humano

Nascimento (2002) destaca a existência de divergências em relação ao peso que a socialização realizada na família tem para o desenvolvimento do indivíduo, ao afirmar que ainda se sabe pouco em relação ao que realmente afeta o desenvolvimento humano nesse sentido. A autora afirma que tais divergências podem contribuir para favorecer a ideia de que a socialização do sujeito envolve múltiplas influências e que o seu desenvolvimento não estaria restrito à infância e à adolescência, mas que se daria durante todo o seu ciclo de vida.

Urie Bronfenbrenner (1917-2005) é a principal referência da abordagem teórico-metodológica da *Ecologia do Desenvolvimento Humano*, a qual enfatiza a importância de se considerar o ambiente onde vive o sujeito, nos seus diversos níveis inter-relacionados: a pessoa, o processo, o contexto e o tempo. O ambiente seria, então, um sistema estruturado de instâncias, cujas influências se articulam. Tal construção teórica se interessa, sobretudo, pelos aspectos saudáveis do desenvolvimento, concebendo-o como uma interação entre as particularidades de cada um e o ambiente, a qual produz constância e mudança nas características da pessoa e em sua vida. De acordo com essa abordagem, há que se compreender a forma como o sujeito se desenvolve nos diferentes *sistemas* ambientais, que são

dinâmicos e experienciados concomitantemente. Assim, a família seria uma unidade funcional (um microssistema), um primeiro sistema no qual o ser humano em desenvolvimento interage, e possuiria um padrão de papéis, atividades e relacionamentos associados a comportamentos e expectativas, de acordo com a sociedade no qual está inserido. O *microssistema* (ambiente familiar); o *mesossistema* (a escola, os vizinhos, a comunidade...); o *exossistema* (instituições públicas, de maneira geral, assistência, lazer...) e, por fim, o *macrossistema* (os valores, as ideologias, a cultura de uma maneira geral) estão mutuamente se influenciando no desenvolvimento do indivíduo. Dessa forma, faz diferença, por exemplo, se no desempenho cognitivo da criança ou adolescente a família tem relação com a instituição escolar. Do mesmo modo em um nível mais macro, políticas assistenciais que melhoram as condições de vida das pessoas têm um impacto direto no desenvolvimento do sistema familiar. Outro ponto importante a ser destacado é a questão da *transição ecológica*, ou seja, quanto mais a criança puder contar com suas relações significativas na passagem de um sistema para outros, mais saudável será tal *transição*, e melhor será o seu processo de desenvolvimento (ALVES, 1997; DE ANTONI e KOLLER, 2000).

1.4.As contribuições de D. W. Winnicott para a compreensão do desenvolvimento na família

A família nunca deixa de ser importante, e é responsável por muitas de nossas viagens. Nós escapamos, emigramos, trocamos o sul pelo norte e o leste pelo oeste devido à necessidade de nos libertarmos; e depois viajamos periodicamente de volta para casa para renovar o contato com a família. Passamos boa parte do tempo escrevendo cartas, mandando telegramas, telefonando e ouvindo histórias sobre nossos parentes; e, em épocas de tensão, a maior parte das pessoas permanece leal às famílias e desconfiada dos estranhos (WINNICOTT, 2005: 59).

Um autor que ajuda a pensar sobre o desenvolvimento na família é o psicanalista D. Winnicott (1896–1971), sendo possível dialogar com suas ideias quando assinala a singularidade de cada relação pais-filho. De acordo com suas formulações, é importante compreender a atitude familiar em relação aos filhos, quando se considera o significado que cada criança tem na fantasia (consciente e inconsciente) dos seus pais em torno do ato que provocou sua concepção:

Os pais têm sentimentos muito diferentes, e agem de modo diferente, em relação a cada um dos filhos. Muito disso depende do relacionamento dos pais na época da concepção, durante a gravidez, quando do nascimento e depois (WINNICOTT, 2005: 63).

Daí se poderia refletir sobre as diferenças significativas entre irmãos filhos dos mesmos pais e que foram criados em um mesmo ambiente. Costuma-se considerar incompreensíveis tais diferenças, porém, para o autor, pensar assim seria desconsiderar tanto a elaboração imaginativa da função sexual quanto a especificidade da maneira pela qual “cada criança vem se encaixar, ou não, num certo contexto imaginativo e emocional, contexto esse que nunca é duas vezes o mesmo, por mais que todo o ambiente físico restante não sofra mudanças” (WINNICOTT, 2005: 63).

Sendo a relação entre o desenvolvimento do sujeito e sua família permeada por diversos aspectos, Winnicott (2005), afirma que:

Muito se poderia dizer acerca da interação desses múltiplos fatores, fatores que concernem aos pais, em sua relação com a sociedade e em seu desejo de fundar uma família, e fatores que surgem da tendência inata à integração que acompanha o crescimento pessoal, mas que – no início, ao menos – depende da existência de um ambiente suficientemente bom (WINNICOTT, 2005: 71)

Tentando articular a noção de “desenvolvimento integral”, adotada nesta dissertação, com os construtos teóricos winnicottianos, cabe refletir sobre o que o autor chama de “personalidade insuficientemente integrada”. Seriam aquelas pessoas que “dão errado” em suas trajetórias de vida, como os jovens que apresentam elevados comportamentos de risco, por exemplo? Por outro lado, pode-se dizer que aqueles(as) que foram considerados(as) como tendo “dado certo” na vida puderam aproveitar as suas capacidades integrativas, em função do ambiente suficientemente bom em que se desenvolveram? O autor fala sobre uma “tendência à integração”, que o ser humano poderia ou não potencializar.

Em outras palavras, no centro de sua discussão está a compreensão de que “...há algo no desenvolvimento sadio de cada criança que constitui a base da integração do grupo familiar” (WINNICOTT, 2005: 72). Ao mesmo tempo, são as famílias “sadias” que promovem maiores integrações aos sujeitos e que propiciam agrupamentos mais vastos, que se sobrepõem e são, às vezes, mutuamente

antagônicos, mas que são capazes de conter o germe de um círculo social cada vez mais abrangente. Nessa perspectiva dialética, cada bebê, cada criança cria a sua família, uma vez que haveria tal “tendência para a integração”, do mesmo modo que a família deve oferecer-se como um ambiente saudável para o desenvolvimento de seu bebê e de sua criança.

Winnicott (2005) ainda faz referência ao conceito de “maturidade relativa”, lançando a pergunta “seria possível ao indivíduo atingir a maturidade emocional fora do contexto familiar?” (WINNICOTT, 2005: 129).

Se o que interessa é o grau de adaptação das condições do ambiente às necessidades do sujeito, em qualquer momento de sua vida, o autor relaciona o cuidado materno (que pode ser exercido pela mãe biológica ou não) com a capacidade do indivíduo de tornar-se independente. Buscando a compreensão do que chama de “desenvolvimento sadio” e, também, apoiando-se em uma perspectiva dialética, Winnicott afirma que:

O cuidado materno transforma-se num cuidado oferecido por ambos os pais, que juntos assumem a responsabilidade por seu bebê e pela relação entre todos os filhos. Além disso, os pais têm a função de receber as ‘contribuições’ fornecidas pelas crianças sadias da família. O cuidado proporcionado pelos pais evolui para a família e esta palavra começa a ter seu significado ampliado e passa a incluir avós, primos e outros indivíduos que adquirem o *status* de parentes devido à sua grande proximidade ou a seu significado especial – os padrinhos, por exemplo (WINNICOTT, 2005: 130).

Aqui, o autor amplia as possibilidades de cuidados para além da família nuclear das crianças e jovens, considerando a necessidade humana de se vincular a um círculo cada vez mais amplo, que proporcionaria cuidado ao sujeito, assim como esse necessita inserir-se em um contexto que lhe permita, de tempos em tempos, aceitar uma contribuição sua advinda de um impulso de criatividade ou de generosidade, pois “todos esses círculos, por largos e vastos que sejam, identificam-se ao colo, aos braços e aos cuidados da mãe” (WINNICOTT, 2005: 131).

Assim, Winnicott (2005) compreende que o grupo familiar da criança é a única entidade que pode dar continuidade à tarefa da mãe (e depois também do pai) de acolher as necessidades do indivíduo. Entende ele por necessidades tanto a dependência como o caminhar do sujeito em relação à independência. Nesse

sentido, a tarefa consistiria em aceitar as irrupções de rebeldia, bem como as recaídas na dependência que se seguem ao movimento rebelde.

Ainda segundo Winnicott (2005):

É provável que a família do jovem seja a estrutura mais apta a suportar essa dupla exigência: a exigência de tolerância face à rebeldia, e a exigência do cuidado, do tempo e do dinheiro dos pais. Como se sabe, o adolescente que foge de casa não se livra de modo algum de sua necessidade de ter um lar e uma família (WINNICOTT, 2005: 131).

Diante disso, talvez uma proposição-chave nas discussões do referido autor seja o entendimento de que, no percurso de seu desenvolvimento emocional, o sujeito “transita da dependência para a independência; e o indivíduo sadio conserva a capacidade de transitar livremente de um estado a outro” (WINNICOTT, 2005: 131). Pode-se afirmar, então, que as condições de alternar entre esses dois estados resultaria no que se chama de “desenvolvimento integral”. O que facilitaria tais condições para o alcance do desenvolvimento sadio seria o fato de que a pessoa busca vincular-se a outros círculos mais amplos que estejam dispostos a aceitá-la, em uma espécie de necessidade de retorno àquelas situações rompidas. Cada um desses outros grupos representaria, pois, a fuga de casa e, ao mesmo tempo, todos eles simbolizariam o lar que foi deixado para trás e, nas suas fantasias, foi destruído.

Portanto seria muito mais difícil para o sujeito elaborar esses conflitos de saída e volta sem um apoio satisfatório de sua família.

1.5.A perspectiva de desenvolvimento adotada

Na tentativa de ir além de uma razão desenvolvimentista e normativa, Castro (2001) defende uma Psicologia da Infância que possa produzir “narrativas do presente”, que seriam “compreensões localizadas e parciais da nossa época”, sem a pretensão de formular teorias que se proponham a dar conta da totalidade ou da previsibilidade. Dessa forma, deve-se levar em consideração a fala das crianças e dos jovens no que diz respeito ao seu lugar – na família e no mundo.

Segundo Jobim e Souza (2003),

a psicologia do desenvolvimento distingue-se como disciplina acadêmica que faz parte das ciências do comportamento, e que pretende, objetivamente, observar e medir as mudanças exibidas pelos indivíduos ao longo de sua trajetória de vida (JOBIM e SOUZA, 2003: 44).

Para essa autora, tal compreensão de desenvolvimento como um tempo cronológico e linear contribuiu para se pensar a infância com a qualidade de menoridade, dando ao fenômeno uma certa “desqualificação”, já que seria um estado “inacabado” e “imperfeito”. Um exemplo disso seria o próprio ECA, que considera a criança e o adolescente como sujeitos em pleno desenvolvimento e, portanto, incapazes de fazer determinadas escolhas em suas vidas. Tal concepção vai marcar “de forma profunda” o entendimento do que seriam padrões de infância normal e deficiente. Assim, é preciso adotar um enfoque que caminhe em duas direções: a primeira seria uma redefinição da questão da temporalidade humana; a segunda seria o resgate do caráter de sujeito social, histórico e cultural do homem contemporâneo, esse sujeito que se coloca como autor das transformações sociais. Portanto, para a autora, é preciso falar de “desenvolvimento como liberdade”, indo ao encontro da linguagem como “expressão criativa do ser, onde o sujeito não se anula e nem se desfaz” (JOBIM e SOUZA, 2003: 55).

Santos e Bastos (2005), ao analisarem as trajetórias de adolescentes em uma favela de Salvador, na Bahia, orientam-se pelas noções de “pertencimento” e “desterro”. Sendo a favela um contexto de desenvolvimento e, também, de risco psicossocial, os autores destacam a existência de fatores de risco e de proteção que orientam ou modificam as trajetórias dos adolescentes. Pertencimento seria a maneira como os adolescentes se integram no cenário da favela, como se constituem os vínculos e como se estabelecem os seus projetos de vida - em sua maioria elaborados a partir de encontros significativos com outrem. Desterro seria a violência que se produz contra os adolescentes e a interrupção da possibilidade de continuar vivendo na favela.

Tomando como referência as noções de *pertencimento* e *desterro*, cabe questionar: em que medida as famílias dos jovens vêm funcionando como encontros significativos em suas trajetórias?

Sobre os possíveis contextos de desenvolvimento aos quais estão sujeitas as crianças (e adolescentes) brasileiras, Carvalho e Lordelo (2002) concluem que o desenvolvimento humano não é algo da ordem do determinado, mas é possibilitado por “um enorme conjunto de processos em interação dinâmica” (CARVALHO e LORDELO, 2002: 229). Assim, é um fenômeno que não pode ser previsível.

1.5.1.A noção de desenvolvimento e os “pontos de viragem”

Adota-se, portanto, neste trabalho, a perspectiva de desenvolvimento humano em que é possível questionar “verdades científicas” referentes a esse campo investigativo, tais como as noções de linearidade temporal, evolução, continuidade e ordem no processo de desenvolvimento:

Em vez de mostrar eventos psicológicos como sendo bem dirigidos e progressivos, os relatos autobiográficos evidenciam que o desenvolvimento deve ser entendido como um processo que inclui, simultaneamente, avanços e retrocessos, ganhos e perdas e, principalmente, ambiguidades, rupturas e descontinuidades. Tais relatos também demonstram que o desenvolvimento é imprevisível, repleto de acasos, encontros acidentais e imponderabilidade (OLIVEIRA, REGO e AQUINO, 2006: 1).

Trata-se, desse modo, de uma outra maneira de conceber o desenvolvimento humano, tal como um fenômeno complexo, segundo a qual “o passado não prediz o futuro” (OLIVEIRA, REGO E AQUINO, 2006: 1).

Assim, os(as) autores(as) propõem enfocar três dimensões das relações entre desenvolvimento psicológico e constituição de subjetividades. A primeira seria a *periodização do desenvolvimento*, na qual importariam as maneiras “de inserção dos sujeitos em suas condições de vida históricas e concretas” (OLIVEIRA, REGO E AQUINO, 2006: 1), bem como as várias formas de apropriação dessas condições, ao invés de se tomar o desenvolvimento por estágios definidos previamente, como se fosse algo natural.

Uma outra dimensão seriam as próprias *narrativas autobiográficas*, interessando explorar de que forma podem contribuir para um melhor entendimento das relações entre o desenvolvimento psicológico e as práticas culturais que o constituem, compreendendo as relações entre o sujeito e seu meio sócio-histórico.

A terceira dimensão seria localizar o foco em como o âmbito subjetivo é influenciado pelas transformações mundiais, marcadas pela derrocada da lógica disciplinar clássica.

Desse modo, uma noção que servirá de referência e será explorada nas narrativas que serão apresentadas neste estudo, é o que os(as) autores(as) denominaram de “pontos de viragem”. Quando contam suas histórias de vida a alguém, as pessoas recorrem a marcadores, que podem indicar momentos significativos de suas trajetórias, momentos que podem ter sido tensos, evocando contradição ou períodos de crise. As maneiras como os narradores passaram por esses momentos devem ser consideradas pelo interlocutor, pois entende-se que algo se passou e transformou de algum modo os seus percursos. Além disso, ao mesmo tempo em que tais marcadores são idiossincráticos, dialogam com os “pontos de viragem” culturalmente dados e com os significados da passagem pelos diferentes ciclos de vida (OLIVEIRA, REGO e AQUINO, 2006: 2).

1.6.Compreendendo o fenômeno da juventude

O jovem é alguém que é tido como uma “não-mais-criança e um não-adulto” (SARTI, 2004: 124) e, portanto, frequentemente considerado um problema para esse mundo adulto. Não é mais criança. Pode ser ou não adolescente. Pode ser ou não adulto, isso se for classificado por sua divisão cronológica. Mas, quando se fala de juventude, alguns termos vêm à cabeça das pessoas: preocupação, esperança, autor ou vítima de violência nas grandes cidades, futuro, paixão, grupo, dentre tantos outros. No entanto, talvez o mais frequente seja, de fato, a associação com algo da ordem do problemático.

Gouveia (2000) sugeriu uma alternativa para pensar a questão dos sistemas classificatórios da juventude:

A meu ver, embora o alongamento da adolescência esteja se generalizando nas sociedades atuais, na realidade em foco as fronteiras entre criança e adolescente, e entre este último e jovem-adulto, são muito tênues. Por isto, optei por uma denominação incipiente: “juventude-adolescente pobre”, procurando açambarcar não só a escala etária, a singularidade de classe e o itinerário pessoal, como também certa imprecisão do limiar característico da “pessoa-jovem” (GOUVEIA, 2000: 67).

Se o interesse deste estudo foi ouvir os jovens *das comunidades*, é necessário que seja salientado de que juventude se está querendo falar. Primeiro, ao abordar esse tema, é importante que se refira às juventudes,⁹ assim como se sugeriu tratar as famílias no plural, uma vez que existem vários contextos de desenvolvimento nos quais os jovens brasileiros nascem e vivem suas vidas. Depois, considerando-se que se trata de um segmento da população que vive em condições de pobreza e exclusão, é de fundamental importância concebê-la evitando uma representação negativa - seja olhando para os jovens como marginais, desviantes ou desajustados da conduta, seja rotulando-os como apáticos ou alienados (ALVIM e GOUVEIA, 2000).

A atitude de definir os jovens é delicada, na medida em que, historicamente, se tem compreendido o fenômeno como um não-lugar. Nem criança, nem adulto. Mas uma ideia interessante é a compreensão da juventude como um processo, não como um estado ou algo estanque. Desse modo, o conceito se expande entre as possíveis imagens dos grupos concebidos por sua classificação, substituindo uma imagem esquemática do jovem por outras. Por exemplo, o grupo dos jovens que estudam, dos jovens que trabalham, dos jovens suburbanos ou, para usar uma expressão deste estudo, o grupo dos jovens que “deram certo na vida”. Os jovens estudantes (revolucionários) surgiram na cena política brasileira entre os anos 1960 e 1970, marcando uma imagem de contestação. Foram o momento e o movimento que os qualificaram assim. Portanto, faz-se necessário considerar o momento histórico atual (de extrema violência nas comunidades populares das grandes cidades do Estado de Pernambuco e do Brasil, por exemplo), em que se pesquisa e problematiza tal grupo (ALVIM e PAIM, 2000).

Na tentativa de compreender a juventude contemporânea, a perspectiva de Castro (2001) é relevante, já que se afasta de uma lógica desenvolvimentista (o que fundamentaria o estabelecimento de diferenças entre crianças e adultos), bem como de uma visão normativa da infância (ideia de sequência, ordem e fase – inicial - da trajetória de vida). Segundo a autora, de acordo com esse entendimento, a criança (e o adolescente e o jovem, por consequência) acabaria por ser concebida como incapaz de ser “porta-voz de seus próprios desejos e direitos”, reforçando-se, assim, uma visão adultocêntrica da criança.

⁹ Ao utilizarem o termo no plural, vários(as) autores(as) têm se preocupado em apreender a heterogeneidade inerente ao termo. Regina Novaes (1997) é uma dessas autoras.

De uma forma mais global, Kehl (2004), analisa que o prestígio da categoria juventude é recente. Ao relacionar o *boom* do fenômeno com as crescentes forças do capital, que bem souberam aproveitar a “oportunidade” em torno da lógica do mercado, afirma que ser jovem se transformou em peça publicitária:

a “juventude” se revelava um poderosíssimo exército de consumidores, livres dos freios morais e religiosos que regulavam a relação do corpo com os prazeres e desligados de qualquer discurso tradicional que pudesse fornecer critérios quanto ao valor e à consistência, digamos, existencial de uma enxurrada de mercadorias tornadas, da noite para o dia, essenciais passa a nossa felicidade (KEHL, 2004: 92).

Capítulo II – Metodologia

*Lá não tem brisa
Não tem verde-azuis
Não tem frescura nem
Atrevimento
Lá não figura no mapa
No avesso da montanha,
é labirinto
É contra-senha,
é cara a tapa... (...)
Casas sem cor
Ruas de pó, cidade
Que não se pinta
Que é sem vaidade.
Chico Buarque*

2.1.Perspectiva metodológica

Retomando o objetivo geral desta pesquisa, procurou-se investigar o *desenvolvimento integral* de jovens em famílias em situação de vulnerabilidade social, buscando:

- (a) Identificar os momentos fundamentais de participação da família que marcaram as vidas dos(as) jovens, o que implicou em mudanças significativas em suas trajetórias de vida;
- (b) Compreender os recursos dos quais famílias em situação de vulnerabilidade social se utilizam para criar seus(suas) filhos(as); e

(c) Identificar os sentidos que os(as) jovens produzem sobre as interações afetivas em seu contexto familiar.

Tendo em vista que o principal instrumento escolhido para se chegar aos referidos objetivos foram as entrevistas, trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa. Também se utilizou o diário de campo como ferramenta de auxílio, uma vez que observações eram registradas à medida que acontecia o trabalho.

2.1.1.A pesquisa qualitativa

Segundo Filias e Rigas (2008), os métodos qualitativos compõem “retratos” representativos de uma época, de uma cultura, de uma classe social, tendo sido os antropólogos os primeiros a conferir um *status* científico ao método biográfico. Nos anos 1920-1930, a Escola de Chicago dominou a cena científica americana do método qualitativo. Hoje, na Europa, os métodos qualitativos conhecem um olhar de interesse, tanto por parte da sociologia quanto da psicologia social.

Entende-se por investigação qualitativa o que Chizotti (1991), *apud* Paulilo (2008), caracterizou como:

...o mergulho nos sentidos e emoções; o reconhecimento dos atores sociais como sujeitos que produzem conhecimentos e práticas; os resultados como fruto de um trabalho coletivo resultante da dinâmica entre pesquisador e pesquisado; a aceitação de todos os fenômenos como igualmente importantes e preciosos: a constância e a ocasionalidade, a frequência e a interrupção, a fala e o silêncio, as revelações e os ocultamentos, a continuidade e a ruptura, o significado manifesto e o que permanece oculto (PAULILO, 2008: 1).

Bogdan e Taylor (1980) remetem o pesquisador qualitativo à questão do envolvimento dele com as vidas de seus informantes. Para esses autores, o pesquisador não deve procurar nem verdade nem moralidade em suas pesquisas, mas deve apenas tentar compreender, o que faz pensar na *psicologia descritiva e analítica* de Dilthey (2002).

Por meio dos métodos qualitativos, aprendem-se coisas sobre outras pessoas, o que não seria possível de outro modo. Assim, o conceito de verdade na pesquisa qualitativa seria um conceito “evasivo”, já que as pessoas podem descrever uma mesma experiência de formas diferentes e, mesmo assim, estar expressando a verdade de acordo com a sua perspectiva e suas próprias

interpretações. É importante considerar que tal perspectiva muda através do tempo (BOGDAN & TAYLOR, 1980).

2.1.2.O recurso das histórias de vida

A partir do século XIX, na Europa, um novo grupo de cientistas passou a se interessar pelo estudo dos fenômenos sociais com o uso do método biográfico:

A história de vida é apresentada, desde o início, como a “narração” autobiográfica do Outro: desviante, pobre, imigrante, etc. O método biográfico é uma relação centro-periferia: o pesquisador representa a cultura dominante, o *centro* interroga o Outro da periferia, a fim de apreender de onde ele vem e quem ele é (FILIAS e RIGAS, 2008: 123).¹⁰

Dessa maneira, as histórias de vida são um recurso metodológico que permite a compreensão de uma trajetória de vida individual ao mesmo tempo em que ela se relaciona com as marcas sociais de um determinado tempo histórico. Significa debruçar-se sobre a narrativa de um sujeito, partindo de suas experiências do dia-a-dia. Além de articular as vivências cotidianas dos indivíduos, as histórias de vida criam uma certa ordem e significado para o dia-a-dia. Tais narrativas ilustram “como as pessoas experimentam suas vidas subjetivas” (TERTO JR, 2000: 3), o que proporciona ao pesquisador(a) um dado entendimento sobre os outros indivíduos, podendo favorecer um espaço de fala aos que são marginalizados mediante a utilização de discursos hegemônicos.

Segundo Oliveira, Rego e Aquino (2006), ao apresentar uma narrativa autobiográfica, um sujeito “organiza a apresentação de seu passado” (p. 1) no momento em que narra sua história. Lembrar seria, portanto, recriar as experiências do passado com os olhos do presente.

Entende-se, assim, que “as histórias de vida buscam reconstruir as experiências individuais em determinados momentos históricos” (TERTO JR, 2000: 1), com o objetivo de, a partir da fala do sujeito, a relação entre o indivíduo e sua cultura.

¹⁰ Tradução desta autora

Paulilo (2008) afirma que “a vida olhada de forma retrospectiva faculta uma visão total de seu conjunto e que é o tempo presente que torna possível uma compreensão mais aprofundada do momento passado” (PAULILO, 2008: 3).

Ao narrarem suas histórias de vida, os sujeitos vão utilizar marcadores que identificam “pontos de viragem” em suas trajetórias. Esses marcadores podem ser mais ou menos precisos, indicando pontos de tensão, contradição, crise, etc. É interessante pensar que, ao mesmo tempo em que são idiossincráticos, tais marcadores dialogam com os “pontos de viragem” culturalmente estabelecidos (OLIVEIRA, REGO & AQUINO, 2006).

De acordo com tal perspectiva metodológica, a seleção dos informantes se dá pelo desejo e disponibilidade dos sujeitos de contarem suas histórias, não sendo, portanto, o número de entrevistados o critério mais importante, podendo ser bem reduzido. Isso se deve

à intenção de deixar transparecer com o máximo de detalhes possível o relato dos processos experimentados, esperando possibilitar a emergência de outros atributos e variáveis que possam ampliar a compreensão de questões que vêm sendo abordadas através de outras metodologias (TERTO JR, 2000: 6)

O número de entrevistas com o mesmo informante também não é algo predeterminado, podendo ser uma ou mais entrevistas realizadas com a mesma pessoa, a depender de como o pesquisador avalie o primeiro encontro.

As histórias de vida devem registrar o período em que se conviveu com os informantes da pesquisa, ou seja, o compartilhamento de seu cotidiano. Mas podem registrar também, com o consentimento do sujeito, outras fontes de pesquisa, tais como contatos suplementares com outras pessoas que façam parte de sua vida, uso de documentos biográficos, como fotografias, diários, etc., que possam ser relevantes e servir ao conhecimento de seu estilo de vida (TERTO JR, 2000).

É importante lembrar que as histórias de vida não visam produzir resultados definitivos ou descobertas científicas, mas sim, considerar aspectos dos processos sociais trazidos à tona pelas histórias individuais de cada um(a).

Bruner (1990), ao discutir a questão do *Si mesmo* no campo da psicologia, diz que a noção do “*Eu* como contador de histórias” (BRUNER, 1990: 112) surgiu por volta do início dos anos 1980. Não foi muito longe desse período que o “reconhecimento de que as pessoas narrativizam as suas experiências do mundo e

do seu próprio papel nele” (BRUNER, 1990: 115) levou os cientistas sociais a reverem o modo como utilizam o seu principal instrumento de pesquisa: a entrevista. Até então, interessavam mais as respostas “esperadas” às perguntas predeterminadas, deixando de lado, muitas vezes, a narrativa de uma conversação mais informal entre o(a) pesquisador(a) e o(a) informante.

Segundo Jovchelovitch & Bauer (2002),

Através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma seqüência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social. Contar histórias implica estados intencionais que aliviam, ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal (JOVCHELOVITCH & BAUER, 2002: 91).

Dessa maneira, o ato de contar histórias seria uma habilidade relativamente independente dos níveis de educação e de competência linguística. Embora esta última seja desigualmente distribuída em cada população, a capacidade de contar histórias não o seria, ou ao menos seria em menor grau. Ainda segundo os autores, o ato de contar histórias implica duas dimensões: uma cronológica e uma não-cronológica. A primeira seria uma seqüência de episódios, e a segunda, o que se chama de enredo, ou seja, um todo formado a partir dos sucessivos acontecimentos. Assim, o enredo seria fundamental para a estrutura narrativa, já que essa não é apenas a seqüência de fatos contados pelo narrador, mas “uma tentativa de ligá-los, tanto no tempo, como no sentido” (JOVCHELOVITCH & BAUER, 2002: 92). O enredo é o que vai dar coerência e sentido às narrativas. Mas os autores lembram que o sentido não deve ser buscado somente no fim da narrativa, pois ele está em toda a história. Dessa maneira,

compreender uma narrativa não é apenas seguir a seqüência cronológica dos acontecimentos que são apresentados pelo contador de histórias: é também reconhecer sua dimensão não cronológica, expressa pelas funções e sentidos do enredo (JOVCHELOVITCH & BAUER, 2002:93).

Para facilitar a pesquisa que usa a entrevista narrativa, Jovchelovitch & Bauer (2002) sugerem seis passos para instrumentalizar a investigação. O primeiro passo é a *preparação*, em que o(a) pesquisador(a) deve familiarizar-se com o campo de estudo, bem como pensar em uma lista com questões de seu interesse que lhe

sirvam de referência. O segundo passo se dá com o *início* da entrevista propriamente dita, quando se pede o consentimento do(a) informante para gravar sua fala, seguindo-se a explicação do procedimento: narração sem interferências [do(a) entrevistador(a)] e introdução de um tópico que faça desencadear a fala do sujeito. Em terceiro lugar, busca-se a *narração central*, na qual não se devem fazer perguntas, mas apenas encorajar verbalmente o(a) entrevistado(a). O quarto passo é chamado de *fase de questionamento*, em que a escuta do(a) entrevistador(a) origina algumas questões imanentes que visam completar as lacunas da história. Na *fala conclusiva*, sugere-se parar a gravação e continuar uma conversa informal, que servirá de base para o último passo, o registro das *memórias* da fala conclusiva.

É evidente que tais indicações servem para nortear uma entrevista narrativa, não sendo o caso de “engessar” o(a) pesquisador(a) no seu trabalho de campo. O princípio que deve servir de base a isso tudo é, sobretudo a perspectiva da mínima influência do(a) entrevistador(a), evitando o esquema pergunta-resposta e privilegiando uma narrativa dos acontecimentos em que o(a) informante possa utilizar sua própria linguagem espontânea. “Todo aquele que conta uma boa história, satisfaz as regras básicas do contar histórias. Aqui surge o paradoxo da narração: são exigências das regras tácitas que libertam o contar histórias” (JOVCHELOVITCH & BAUER, 2002: 96).

2.2.A pesquisa de campo

2.2.1.Dos participantes

Esta pesquisa teve como informantes nove pessoas com idade entre 18 e 24 anos, sendo dois jovens do sexo masculino e sete jovens do sexo feminino. O Conselho Nacional de Juventude (CONJUV), citado inicialmente, adota uma definição de faixa etária abrangente: dos 15 aos 29 anos, considerando uma divisão em três subgrupos: os *adolescentes-jovens* (dos 15 aos 17 anos), os *jovens-jovens* (dos 18 aos 24 anos) e os *jovens-adultos* (dos 25 aos 29 anos). Portanto, optou-se que todos os jovens da pesquisa pertencessem à categoria dos *jovens-jovens*.

2.2.2.Das entrevistas

Foram realizados dois tipos de entrevistas, que serão descritas a seguir.

Entrevista 1: as cinco jovens abordadas nessa modalidade de entrevista foram contatadas pela entrevistadora a partir de um conhecimento prévio¹¹ existente e consentiram em responder às questões da pesquisa. Nesses momentos, era feita a seguinte pergunta à entrevistada: *Você pode me apontar algum jovem, entre dezoito e vinte e quatro anos, que deu certo na vida?* Esses encontros eram breves e duravam cerca de dez minutos cada um, o que totalizou quase uma hora de gravação.

Respondidas as perguntas, buscava-se contato com os/as jovens indicados(as), sempre com a ajuda das primeiras entrevistadas. Dessa forma, concomitantemente às informações necessárias de como se daria a pesquisa (do que se tratava, tempo aproximado de duração, importância do registro com o gravador, acordos de sigilo e respostas a eventuais dúvidas), era feito o convite para a participação. Com exceção de uma jovem, que não apresentou disponibilidade de tempo suficiente, todos(as) os(as) outro(as) concordaram em contribuir para as entrevistas aqui relatadas.

Entrevista 2: No intuito de começar a apresentar em profundidade as quatro pessoas entrevistadas, a partir deste momento elas serão chamadas pelos seus nomes (todos fictícios, como forma de garantir o sigilo e as identidades dos(as) informantes).¹² Marcelo é o mais novo dos quatro participantes, com 18 anos (completados no período das entrevistas). Rafaela tem 19 anos e Francisca tem 21. Rodrigo é o mais velho dos quatro, com 24 anos. Portanto, todos são considerados jovens-jovens, segundo a classificação do CONJUBE.

De todos(as), a única que não permitiu a realização das entrevistas no seu local de moradia (primeira opção da pesquisadora) foi Rafaela. Dessa maneira, os encontros com ela foram realizados no *campus* da Universidade Federal de Pernambuco, em uma sala reservada de uma das bibliotecas.

Com exceção de Francisca, que foi entrevistada em um único dia, todos os jovens levaram mais de um encontro para contar suas histórias de vida à

¹¹ Todas as cinco jovens foram alunas da pesquisadora em um programa de governo para jovens. No período da pesquisa de campo, tal atividade já havia sido encerrada.

¹² Todos os nomes dos familiares dos(as) entrevistados(as) também foram modificados.

entrevistadora. Com Rodrigo ocorreram dois momentos, e com Rafaela e Marcelo houve três momentos. Cada encontro durou em média cinquenta minutos, podendo o tempo variar um pouco menos ou um pouco mais, o que resultou em cerca de sete horas de gravação.

Após o término de cada encontro, era marcada uma nova entrevista, de acordo com a disponibilidade de cada jovem. Dessa maneira, não houve um intervalo de tempo predeterminado, podendo variar de uma semana (no mínimo) a um mês (no máximo) entre os encontros. A entrevista com Rafaela, por exemplo, ocorreu em um período de três meses, sendo um encontro em cada mês.

Também não foi acordado inicialmente com os(as) participantes um número predeterminado de encontros, uma vez que o desenvolvimento da pesquisa é que deveria apontar o fim de cada história. Porém foi interessante observar que esse fim (do processo de cada entrevista) foi demandado pelos(as) próprios(as) informantes, o que é coerente com a perspectiva de uma ética dialógica (SPINK, 2000), em que se deve garantir uma relação de transparência e respeito entre o(a) pesquisador(a) e o(a) pesquisado(a). Em dado momento, os(as) jovens pediam para encerrar a entrevista porque entendiam que não tinham mais nada para contar à entrevistadora. As palavras de Marcelo podem ajudar como exemplo:

eu já falei tudo, assim, da minha vida, tal... da Igreja... eu não tenho nada que... (...) eu sei que tem muito assunto, né? A pessoa fala, fala, fala, mas sei lá... mas entendeu? Eu já falei, eu já falei tudo, assim... não que é, que é pra pesquisa, tal, num é? mas eu sinto que eu já falei tudo...

Assim, considerando os dois tipos de entrevistas, o tempo total dos registros foi de oito horas. Todas as gravações foram transcritas integralmente pela pesquisadora como forma de iniciar o trabalho de análise, tanto das entrevistas do tipo 1 quanto das histórias de vida (tipo 2), de maneira que na repetição das falas já foi sendo possível destacar certos pontos que viriam a tornar-se categorias no decorrer do trabalho analítico.

Faz-se relevante destacar também o fato de Rafaela ter sido a única entrevistada que já conhecia a pesquisadora anteriormente.¹³ Isso remete à implicação da entrevistadora nessa relação. No entanto, isso foi, na medida do

¹³ A jovem foi aluna da entrevistadora no referido Programa Social.

possível, observado, bem como foi explicitado no enquadramento (permanente) com a jovem, procurando deixar clara a diferença dos papéis de professora e pesquisadora, ao longo de todo o processo. Pode-se afirmar que não houve dificuldade nesse sentido, mesmo que não se possa deixar de salientar uma relação transferencial entre a ex-professora e Rafaela. O próprio fato de não permitir que a entrevista ocorresse em sua casa pode ter sido decorrente dessa relação.

Todos(as) os(as) nove entrevistados(as) leram e concordaram com o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), conforme as recomendações da Resolução 196/96, presentes nas Normas para pesquisa que envolve seres humanos, documento que teve como objetivo resguardar os participantes de possíveis relações abusivas de poder e, também, garantir o máximo possível de transparência na relação entre pesquisador(a) e pesquisado(a). Apoiando-se na perspectiva de uma ética dialógica (SPINK, 2000), pretendeu-se desenvolver a referida pesquisa a partir dos três cuidados éticos descritos por essa autora. O *consentimento informado* garante que, em aceitando participar da pesquisa, o informante tenha a possibilidade de desfazer o acordo selado a qualquer momento. Aos participantes da pesquisa foi assegurado o direito de não-revelação ou de revelação velada das informações, *resguardando-os das relações de poder abusivas*, assim como a garantia do *anonimato* (possibilitando que não sejam identificados de nenhuma maneira) desses informantes.

Nesse sentido, a pesquisa foi realizada, atentando-se para a questão da desigualdade de poder entre jovens e adultos, tentando contribuir para o rompimento de regimes de verdade que acabam por submeter o jovem a um lugar de não-reconhecimento (CASTRO, 2001).

Para iniciar as entrevistas das histórias de vida, foram utilizadas algumas perguntas-chave que funcionaram como catalizadoras da fala dos sujeitos, tentando-se fazer o(a) entrevistado(a) falar o máximo possível de sua própria trajetória.

Assim, inicialmente, dizia-se a seguinte frase: “Eu gostaria que você me contasse a tua vida...”. Depois que os(as) jovens começavam a narrar suas vidas. Após alguns momentos (considerados adequados de acordo com o andamento da narrativa), perguntava-se “Quais foram os momentos em que houve mudanças na sua vida?”; “Quais foram os encontros significativos da sua vida?”; “Quem você considera sua família?”; e por fim, “Por que você acha que foi escolhido/a como alguém que deu certo na vida?” e “Como se sente sabendo disso?”

É importante destacar que cada entrevista teve o seu ritmo, e que tais perguntas-chave não necessariamente seguiram essa ordem, uma vez que o que era relevante era a ordem de narração do sujeito. Tentou-se fazer com que as interferências fossem as mínimas possíveis. Ao mesmo tempo, sabe-se que, em alguns momentos, os(as) próprios(as) entrevistados(as) solicitam que a pesquisadora faça uma pergunta, seja diretamente (“o quê mais?”; “diga mais!”), seja indiretamente, por meio de um olhar ou de uma pausa, para citar alguns exemplos.

As entrevistas ocorreram entre os meses de maio, junho, julho e agosto de 2008, tendo acontecido, nesse período, algumas mudanças na vida dos jovens (como é o caso de Marcelo, cuja mãe volta a morar com ele um dia antes do último encontro).

2.3.Da análise

Uma vez constituído o *corpus* de pesquisa, obtido a partir das interlocuções entre entrevistadora e entrevistados(as), procurou-se, com base na perspectiva teórica apontada, analisar o conteúdo tanto das entrevistas do tipo 1 quanto das histórias de vida (tipo 2).

Segundo Bardin (2004), a análise de conteúdo é “um conjunto de técnicas de análise das comunicações” (BARDIN, 2004: 27). Se o método da História de Vida consiste em ouvir o sujeito narrar as suas experiências subjetivas, estabelecendo um canal de comunicação com ele, torna-se possível analisar o conteúdo dessa fala, quando se tenta fazer um esforço de interpretação das mensagens. Daí a “tarefa de desocultação” que cabe ao(à) pesquisador(a).

A análise de conteúdo situa-se entre dois extremos: o do rigor da objetividade e o da fecundidade da subjetividade. É nesse caminho que o investigador deve sentir-se atraído: pelo escondido, pelo latente, pelo não-aparente, pelo não dito da fala do sujeito (BARDIN, 2004).

Nesse tipo de análise, cada entrevista é compreendida na sua totalidade, sendo considerada como “um discurso único e singular” (PAULILO, 2008).

Assim, foram analisados os conteúdos explícitos e implícitos das falas dos sujeitos, no que se refere à relação do(a) jovem com a sua família; quais os sentidos de famílias apontados; como os(as) jovens estão levando suas vidas na família;

quais foram os chamados *pontos de viragem* de suas trajetórias, dentre outras questões que se apresentaram como relevantes no decorrer da pesquisa.

O presente trabalho procurou, ainda, problematizar duas questões: o que se considerou como “jovem que deu certo na vida” e o que se entende por *desenvolvimento integral*, a partir da própria fala dos(as) jovens. Toda essa discussão se refere a um contexto específico, que será brevemente apresentado a seguir.

2.4.Caracterização da comunidade

Antes de apresentar as histórias de vida coletadas, tentar-se-á descrever brevemente o lugar onde vivem as nove pessoas entrevistadas. Conhecida popularmente como *favela do Detran*, visto que foi se formando em torno do muro do Departamento de Trânsito-PE, a comunidade fica bem próxima à BR-101. No seu conjunto, situam-se outras três favelas, conhecidas como “Ayrton Senna”, “Duplex” e “Caiara”. A região de favelas localiza-se no bairro da Iputinga, situado na zona norte da cidade, às margens do rio Cabiparibe, conhecido como *bairro dos artistas*. Iputinga, chamado de Ipueira nos documentos antigos, é um nome de origem tupi, “usado pelos indígenas para designar *lugares do campo que se enchem d’água no inverno, permanecendo alagada por algum tempo*”.¹⁴

Poucas são as ruas asfaltadas e saneadas, sendo visíveis os esgotos a céu aberto. A maioria das casas é de alvenaria. No *Detran* não há posto de saúde. O mais próximo fica na favela vizinha, *Caiara*. Além de alguns campos de várzea, os únicos espaços públicos existentes são uma “quadra esportiva” (sem cobertura) e uma pequena “praça”, onde quase não há vegetação, percebendo-se uma grande aridez. Não há creches nem escolas na comunidade. Além disso, observa-se um número considerável de bares, bem como de igrejas protestantes. Apesar de estar localizada no “bairro dos artistas”, não se observam movimentos culturais ou artísticos.

Tomando emprestada uma reflexão de Fonseca (2004), pretende-se considerar a “natureza heterogênea” da comunidade, mesmo que o foco deste

¹⁴ Informações obtidas junto a jovens moradores da comunidade e por meio da observação realizada pela pesquisadora, bem como retiradas do site: <http://www.fundaj.gov.br/notitia/servlet/newstorm.ns.presentation.NavigationServlet?publicati onCode=16&pageCode=306&textCode=2938&date=currentDate>

trabalho não seja analisar a *favela do Detran*, como fazem os pesquisadores das ciências sociais. Mas é preciso que fique claro que, tanto na análise das falas e histórias de vida dos(as) nove jovens quanto nas observações realizadas na pesquisa de campo, procurou-se compreender os pobres numa perspectiva “contextual” e “cambiante”, ou seja, evitando estudar os grupos populares como um bloco único e homogêneo, conforme critica a autora.

A seguir, serão descritas e analisadas as quatro histórias de vida pesquisadas, na perspectiva de problematizar o que se está chamando, neste trabalho, de “dar certo na vida”, bem como a relação da família com os processos de desenvolvimento.

Capítulo III - As histórias de vida

*Uma coisa é pôr idéias arranjadas,
outra é lidar com país de pessoas,
de carne e sangue,
de mil-e-tantas misérias...
Tanta gente – dá susto se saber –
e nenhum se sossega:
todos nascendo, crescendo,
se casando,
querendo colocação de emprego,
comida, saúde, riqueza,
ser importante,
querendo chuva e negócios bons...*

João Guimarães Rosa

3.1. “Quem te viu quem te vê”

A história de Rafaela

...ela era uma pessoa que não se entrosava; se entrosava bem pouco e, assim... ela, a partir do curso, ela foi desabrochando mais... aí a partir do momento que ela saiu do curso eu pensava que ela só ia ficar no... só ia ficar nessa: só de curso, casa e colégio. Mas aí ela arrumou um trabalho, tá trabalhando, teve oportunidade de trabalhar e tá aí, desabrochando... Por isso mesmo, por ela ser uma pessoa que não se entrosava com a turma, não se dedicava muito ao trabalho com o grupo, uma pessoa também explosiva. Por isso que eu pensei nela. E hoje eu vejo que ela tá trabalhando, tá se dedicando ao trabalho... (Fabiana, colega de Rafaela).

Essa foi a resposta de Fabiana quando questionada sobre algum(a) jovem morador(a) da comunidade do Detran que “deu certo na vida”. A pessoa apontada é Rafaela. As duas se conheceram em um programa de governo,¹⁵ tendo convivido por alguns meses.

Relações familiares

Rafaela mora com a mãe, Iolanda, e com os irmãos mais novos, Sandro e Guilherme. Além disso, tem uma irmã, Lúcia, que é casada e mora em um outro bairro da cidade, com o marido Lito e o filho Leonardo. Seu pai morreu quando ela estava na barriga da mãe. Rafaela não sabe ao certo o seu nome. Iolanda teve quatro filhos, todos de companheiros diferentes. Há cerca de três anos mantém um relacionamento com o sr. Luciano.

É interessante destacar que a jovem relata não ter boa relação com os ex-companheiros da mãe (os pais de Lúcia e de Guilherme); no entanto, no que se refere ao atual companheiro, narra que a relação com ele “...é boa, viu? quando ele pega assim um dinheiro, ele dá logo pra mainha, aí vai eu e mainha fazer feira...” Vale ressaltar que o referido casal vive em casas separadas.

Rafaela nunca teve contato com outros familiares. Não conhece nem os parentes maternos, nem os paternos. Sobre quem é sua família, relata:

Minha família que eu considero é minha mãe, minha irmã, meus irmãos, né? mesmo o que eu num falo, mas faz parte da família, e meu sobrinho, e meu padrasto também, e meu cunhado. Minha família é pequenininha, só...

Nota-se que a jovem fala sobre um dos seus irmãos. Ela refere-se a Sandro, que tem quatorze anos e ocupa o lugar da preocupação da família:

A minha história até agora tá sendo boa, né? minha família, graças a deus, tudo reunida, minha mãe trabalhando, eu também; agora só... é... minha mãe se preocupa mais com meu irmão, comigo ela não se preocupa muito, não...

¹⁵ O referido Programa tinha como principal objetivo a inserção no mercado de trabalho de jovens entre 16 e 24 anos, moradores da comunidade do *Detran* – Iputinga, no ano de 2007.

Em vários momentos de sua narrativa, Rafaela relata a dificuldade que tem sido a convivência com o irmão:

...eu não falo com ele, não, porque quando a gente era pequeno a gente brigava muito; a gente parou agora, porque ele só quer ser o brabo... ele fica dando no meu irmão pequeno, não obedece minha mãe, a gente não pode deixar nada dentro de casa que ele vai lá e pega... pega tudo, se a gente deixar um dinheiro, oxe, ele vai lá e pega, não pode deixar uma fruta, tem que tá escondendo na casa dos outro, isso é muito chato... meus lanches de ir pro trabalho eu deixo na casa dos outro... éé... aí pronto quando eu chego da escola, eu vou lá, pego e boto dentro da minha bolsa, aí pego, boto a bolsa junto de mim e vou me embora dormir, porque se eu deixar lá não fica, não... não fica nada...

Sandro tem uma história de comportamentos de risco, como pequenos furtos (inclusive dentro de casa) e uso de drogas, e parece não conseguir lidar com figuras de autoridade, como a mãe. Essa, nas palavras de Rafaela, ao não saber o que fazer diante das diversas situações ocasionadas pelo “mau comportamento” do filho, chega a expressar o desejo de que Sandro seja interno na FUNDAC. Chama a atenção a explicação de Iolanda (e conseqüentemente a de Rafaela), por ser o adolescente tão “difícil”. Evangélica, acha que está pagando um preço caro por não ter dado o filho ao pai, no momento da separação do casal: “Mainha disse que ele (o pai de Sandro) pediu, ela disse que tá sofrendo por causa... por ele, porque ele pediu muito, só faltou ajoelhar nos pés dela pedindo ele e ela não quis dar.” Por isso, Iolanda repete que está “pagando” e que se arrepende por não ter dado o menino. A jovem se refere ao irmão com muita indignação e raiva e diz que quando ele está em casa, “acabou-se a paz”.

Em alguns aspectos, a história de Rafaela, parece ter sido contada pelos seus vizinhos, sobretudo no que se refere à sua infância e a (o pouco que sabe sobre) seu pai. Talvez isso se deva ao jeito calado de Iolanda que, segundo a filha, “não conta nada, não” de suas histórias aos filhos. Assim, o que sabe é pelos outros:

...os povo, lá na rua, diz “não, ela parece com o pai dela”, aí fica dizendo lá... “ele morreu ainda quando ela tava na barriga...” porque ele era segurança, aí foram roubar lá, parece que ele não deixou entrar, aí foi e atiraram nele... numa agência de carro... o que eu sei só isso; aí ela disse que minha família, eu não conheci minha família de parte de pai, não, aí ela disse que minha família ficou com os meus direito... porque ele não me registrou, né? que eu ainda tava na barriga, aí ficaram dizendo que eu não era filha dele,

essas coisa, aí depois não tinha mais como, que só tinha... não tinha mais como fazer nada; mainha também era toda... num sabia dos direito, tá entendendo? aí nem pediu, nem fez nada, deixou pra lá...

Ao mesmo tempo em que se emociona ao falar do pai que não conheceu, o silêncio de Rafaela parece ilustrar o vazio causado pela falta da figura paterna. No entanto, esse pai parece ter-lhe deixado como herança o valor do trabalho. "...se não, eu penso que ele era o quê? que ele era trabalhador, né? que ele morreu trabalhando..."

A pessoa mais importante na vida de Rafaela é sua mãe: "...só ela mesmo". Para a jovem, Iolanda teve uma vida de sofrimento e sacrifício:

eu penso que é de sofredora, porque um monte de filho, tudo sem pai; ela sozinha, acho que ela pensava toda noite 'meu deus do céu, como é que eu vou educar esses monte de menino?'

Infância

Aspectos de sua infância, conforme foi afirmado acima, também foram contados por pessoas da comunidade. Rafaela apresenta bastante dificuldade em lembrar momentos dessa fase de sua vida. Ela recorda um único episódio:

...eu lembro nada, não; eu lembro que uma vez eu caí dentro dum, de uma pa... de um, daqueles fogo de carvão, eu me lembro isso... um fogo de carvão; porque mainha trabalhava, deixava eu com a minha irmã mais velha, Lucinha, aí sei lá como foi, eu sei que ela me dizendo que eu caía, vivia pela rua só de calcinha, essas coisa de menino... mas eu não me lembro de muita coisa, não...

Disse que a gente vivia de calcinha no meio da rua, também toda assanhada, a barriga maior do que tudo, cheia de verme... ela que fica dizendo, os povo lá da rua também, quando tá todo mundo junto... "óa quem te viu, quem te vê, Rafaela¹⁶.... pela rua, descalça, de calcinha..."

Aqui parece ficar claro que a infância de Rafaela foi marcada por uma certa ausência materna no seu cotidiano. É interessante observar que a única cena que consegue lembrar é um pequeno acidente, trazendo a dimensão de descuido e risco na qual parece ter vivido os seus primeiros anos de vida. Aos "cuidados" da irmã (dois anos mais velha), ela vivia "no meio da rua", o que contrasta com a sua vida

¹⁶ Grifo da pesquisadora

atual: “...sei não, porque não vivo assim no meio da rua, descalça, de calcinha, cabelo todo... tá entendendo? porque agora eu cuido de mim; antigamente, não, ela (irmã) que cuidava da gente, aí deixava a gente a boléu....”

Ela associa as condições (social e econômica) de vida da família a um desenvolvimento infantil mal sucedido:

...eu acho que foi ruim... porque era minha mãe, sozinha, nunca, assim, teve marido, ela era só, ela trabalhava e sustentava a casa; e agora não, agora eu acho que tá melhor, ela cozinhava em forno de lenha, agora tá no fogão; tá entendendo?

Vida escolar

Rafaela tem dezenove anos, estuda (atualmente está no primeiro ano do ensino médio) e trabalha numa empresa do setor de transportes públicos. Nas horas livres, gosta de ir a *shows*, jogar vídeo-game e conversar com as amigas.

Ao falar de sua vida escolar, ela afirma:

...sei lá, eu já entrei velha, porque, assim, eu ia, aí minha mãe trabalhava, não tinha ninguém assim por mim, pra mandar eu ficar indo direto, aí eu ia me embora pra escola, estudava lá no outro lado da BR, no Santo Antônio, aí ia me embora atravessava, aí ia me embora dormir com sono... aí agora que eu fiquei assim, mais velha, aí eu “pôxa, se eu não tivesse feito o que eu tinha feito, já tinha terminado”... que eu nunca repeti, eu só ficava fazendo isso, aí depois com meus dez, aí eu fui aprendendo, aí pronto, aí também até hoje e não pretendo desistir, não...

O que chama a atenção no relato de Rafaela é a falta de incentivo que teve para estudar. No entanto, ela pretende tentar o ingresso em uma faculdade. Quer fazer o curso de Direito. Já teve vontade de estudar Medicina, mas acha “que é muito difícil, né? porque é muita gente concorrendo, assim, esses públicos, é muita gente... eu queria fazer pra Medicina, mas também é muita...” Talvez a jovem esteja ilustrando o fato de muitos jovens moradores de comunidades pobres terem dificuldade de relacionar os estudos com a carreira desejada, “não conseguindo visualizar as etapas que devem ultrapassar para alcançarem seu objetivo profissional” (CASTRO, 2005). Assim, almejam carreiras, como Medicina e Direito, e, muitas vezes nem mesmo freqüentam a escola. No caso da entrevistada, fica claro o seu distanciamento do que se pode chamar de “realidade universitária”, uma vez

que narra: “...mas também estuda demais, é dez anos, ôxe... é os povo diz que é, pra... parece que é pra Direito que é dez, é vinte... sei lá...”

A maioridade e o trabalho

Retomando a fala da colega Fabiana, no início, pode-se observar a referência que se faz ao fato de a jovem ter conseguido um trabalho. Além do pai que morreu trabalhando, Rafaela também conta que a mãe saiu da casa da família aos quatorze anos “pra trabalhar”. E é a possibilidade de entrada no mundo profissional que ela considera como tendo sido o momento mais importante de sua vida:

...o mais importante foi eu ter ficado de men, de maior, né? que eu fiquei de maior e fui logo lá pra praça,¹⁷ a gente ficou lá um mês, aí depois quando eu completei dezenove anos, aí eu fui e entrei no meu trabalho, carteira assinada...

Dessa forma, a maioridade poderia ser considerada como um “ponto de viragem” na história de vida de Rafaela, uma vez que um lugar profissional parece ter-lhe dado um outro sentido, como se a partir de então passasse a ser respeitada como trabalhadora.

É interessante destacar que foi a participação no referido programa social que possibilitou a entrada de Rafaela no mundo do trabalho. No entanto, seus avanços enquanto aluna (o seu “desabrochar”) foram determinantes para que fosse selecionada dentre um grande número de jovens.

A vida na comunidade e as relações sociais

Quanto à vida na comunidade, o trecho da entrevista a seguir faz pensar em alguns pontos importantes, tanto sobre a vida de Rafaela quanto sobre as vidas dos jovens moradores das comunidades populares, de maneira geral:

¹⁷ A praça a que Rafaela se refere foi a sua primeira oportunidade de trabalho remunerado. Em dezembro de 2007, ela foi contratada temporariamente por uma empresa, para uma atividade de recolhimento de doações para instituições carentes da cidade. Tal ação se deu na praça de um bairro nobre, onde foi instalada uma decoração de Natal, para ser visitada por crianças e adultos.

Rafaela - Ser jovem é bom, mas... na comunidade, a gente tem que saber porque... os povo oferece muitas drogas à pessoa... a pessoa pega se quiser, né? mas tem gente que é, ôxe, as meninas de lá é tudo nova, tudo já buchuda... tudo usando droga... ôxe, eu vejo as meninas que eu estudei lá no outro lado, tudo, umas já morreram... eu fico assim pensando, pôxa... tá entendendo?... assim pensando... estudou comigo, ó... tá buchuda... tá grávida... fica usando droga... assim, porque a gente pensa, né? faz tudo... estudou com a gente, ó... só eu que tô assim ainda... graças a Deus...

Entrevistadora – assim como?

Rafaela – Assim, sem filho, sem nada, sem tá usando droga...

A entrevistada chama a atenção para os riscos que existem na realidade em que vive. Em suas palavras, são poucas as jovens que, como ela, não têm filhos, não usam drogas e não têm “nada” que lhes complique a vida do ponto de vista dos comportamentos de risco, talvez. “Dar certo na vida” seria, então, não ceder às “tentações” do mundo fora de casa?

...é levar esta minha vida que eu tô: de casa pro colégio aqui... é, de casa pro trabalho, do trabalho pra casa e da casa pra escola, às vezes... sei fazer, onde chegar eu sei fazer amizade, sei entrar, sei sair... aí pronto, levo a minha vida assim...

Seria a fórmula casa – trabalho – colégio, que tantas vezes apareceu nesta pesquisa, a equação do(a) jovem bem sucedido(a)?

Quanto às suas relações de amizade, Rafaela ressalta uma certa ambivalência em seu discurso. Ao mesmo tempo em que parece não se importar com elas, considera-as como necessidade de companhia:

ah... pra falar a verdade mesmo, representa eu acho que nada, porque as amizades que eu arrumo é tudo falsa... tá com a pessoa, aí depois fica falando... aí eu me saio logo, fico mais dentro de casa por causa disso...

...porque se a pessoa for pensar assim em ser tudo falsa, não vai viver com ninguém na vida, aí a gente tem que levar, né? ela é falsa com a pessoa, mas não a gente ser com ela... porque desse jeito, a gente vai ficar sozinha no mundo...

É interessante perceber que a entrevistada fala várias vezes, durante sua narrativa, no seu jeito de levar a vida “brincando”. Rafaela refere-se a uma certa

facilidade em fazer amizades: “...o jeito que eu levo assim, faço amizade, onde eu chego eu faço amizade, gosto de tá conversando, brincando, rindo, na escola mesmo as meninas (falam) ‘chegou Maria do bocão’...” O apelido “Maria do bocão” indica uma característica de popularidade entre os colegas, o que parece fazer muito bem a ela. Por outro lado, o mesmo apelido parece ilustrar o jeito “explosivo” a que se refere a colega Fabiana quando a descreve, conforme relata no início deste capítulo. Mesmo se ressalta o seu “desabrochar”, ao indicar uma transformação pela qual a jovem passou durante o programa do qual fizeram parte.

O espaço de fora de casa, mesmo quando representa uma certa ameaça ao *desenvolvimento integral* dos jovens, também pode ser apontado como um lugar de consolo para o que se passa de ruim dentro do espaço doméstico, ou dentro da família:

...aí quando tem, assim, esses meus atritos, eu vou logo pra rua, aí fico lá conversando, quando eu vejo tô em casa de novo, aí já faço as coisas e vou-me embora pra escola, pra esquecer mais, porque se não eu endoido dentro daquela casa... éé, mm, endoido mesmo, sem... depois a senhora vê, eu tô doida com a camisa de força me levando...

Essa relação ambivalente com o espaço da rua fica evidente quando Rafaela fala de certo fatalismo, como se quem vivesse na comunidade onde mora não pudesse “se salvar” de um destino de fracasso:

...sei não, porque eu... vê, naquela comunidade algumas que se salvam ali, meu deus do céu, tem que tá dando graças a deus todo dia porque convive com aqueles, com aquelas pessoas e não têm o mesmo costume deles...

E é como se fosse da ordem do inexplicável o fato de alguém da favela poder “dar certo na vida”:

...óá, teve que ser, porque é o destino, né? quando é, é; porque minha mãe só vivia trabalhando, a gente ficava com a minha irmã mais velha, então eu acho que não teve nem uma educação; cada um seguiu... num sei, né? sei nem como falar isso...

Ao mesmo tempo, Rafaela arrisca-se a dar uma explicação:

...mente fraca, pra mim é mente fraca isso... (...) ...eu acho que é ou se não é... quer aparecer, quer se amostrar no meio de turminha, “me dá”, tá entendendo como é? negócio assim... é, aí diz, aí mãe “não, fulano é assim por causa de cicrano”, eu disse “mentira, é não, é assim porque ele quer, porque ofereceu, foi porque quis, tem dois caminho, se eu fumo, outra pessoa num fuma, pra quê eu vou oferecer àquela pessoa? Pega se quiser, né não? ...não, menino, depois comigo isso não cola, não, que foi só porque chamou, foi porque quis....

As palavras da jovem salientam uma pergunta um tanto desafiadora: o que é que faz um jovem “optar” por um caminho ou por outro? Como se pode definir uma “mente fraca”? Como se constrói essa “força” que Rafaela parece ter quando nega a droga que lhe foi oferecida? “...a menina me ofereceu, mas eu não quis, não, aí peguei saí de junto e pronto, aí a amizade continuou a mesma, aí mais nunca ela ofereceu nem ninguém, graças a Deus...” Retomando o objetivo deste trabalho, pode-se perguntar: qual o peso da família na construção dessa “força”, a que se refere a entrevistada?

Projetos de vida

Quanto aos seus projetos pessoais e afetivos, Rafaela não pensa em se relacionar com alguém nem pretende ter filho por enquanto. Preocupa-se com o seu jeito explosivo, impaciente, e acha que isso não seria bom para a criança. Talvez haja aí uma explicação racional, pelo entendimento elaborado de que criança não nasce para sofrer. Assim, ela permanece diferente daquelas jovens que são mães “precocemente”?

Mas, mesmo que no longo prazo o projeto de formar uma família exista em sua vida, no entanto, antes disso pretende ter a sua “casinha”, concluir o ensino médio e conseguir uma vaga em uma faculdade de Direito.

3.2. “É uma luta muito grande a pessoa tentar ser direita”

A história de Rodrigo

Eu acho que uma pessoa que deu certo foi o meu marido porque na vida dele, ele teve muitos problemas, ficou órfão cedo, aí mataram o irmão dele, essas coisas... e, assim, geralmente os homens, assim, as pessoas que acontece muita coisa na vida, dão pro caminho errado e eu acho assim que deu certo porque ele ficou no caminho

certo, ele procurou trabalho, procurou ajudar os irmãos, eu acho que ele tá dando certo, né? (Roberta, esposa de Rodrigo)

Ao pedir que Roberta indique algum jovem que “deu certo na vida”, a entrevistada fala do seu marido, como se ele tivesse tido todos os motivos para apresentar uma trajetória diferente da que vem traçando.

A infância na comunidade e as relações sociais

Atualmente Rodrigo está com vinte e quatro anos. Mora na comunidade do *Detran*. E é falando sobre o lugar em que vive que o jovem começa sua narrativa:

Minha vida? foi um poço, muito... foi turbulada... a vida aqui, né? nesta, nesta comunidade, o pessoal tem que saber, saber lidar... nesta comunidade aqui, violência, negócio de do, de drogas... é porque muitos já começam de pequeno aqui, na safa... vendo, vendo o que acontece, aí pensam que é bom, aí querem fazer também, né? já começa de pequeno, que eu vejo muito, tem muitos por aí que... doze, quinze anos já tão tirando onda, cheirando esses negócios...

O jovem nasceu em um município da zona da mata norte, Estado de Pernambuco, mas mudou-se para o Recife bem pequeno, com dois anos. Foi morar na comunidade do *Detran* por volta dos cinco anos de idade. É o mais velho de cinco filhos, todos homens. Segundo ele, “uma escadinha”. Sobre sua infância, Rodrigo relata que ele e seus irmãos “andavam” muito:

Eu pequeno aqui, eu era, eu não vou mentir, não, eu era muito maloqueiro... andava muito, eu e meus... eu tinha eu e mais três irmãos¹⁸, a gente andava muito, vivia pela beira da maré aí, do açude, todo dia que a gente chegava em casa, apanhava... porque andava muito, né? mas, assim, eu e meus irmãos a gente andava, perturbava, mas nunca chegou em pegar em droga, em nada, não, mas...

É interessante observar como a aparente brincadeira ganha o sentido de algo errado ou proibido, que parece que se tenta corrigir com os castigos e surras a que os pais submetem os filhos. A rua aparece aqui como ameaça, portanto, deve ser evitada:

¹⁸ Aqui, Rodrigo não insere o irmão *especial* em seu discurso.

...eles tentavam, tentava prender a gente, mas... toda vez que a gente se soltava... segurava a gente em casa, né? passava a tarde todinha trancado... na manhã, ia pro colégio, quando chegava ficava até três horas trancado, três horas, quatro horas, mas quando saía só ia chegar à noite; ou quando a gente saía de manhã, que às vezes não ia pro colégio, ficava o dia todinho na rua, só chegava à noite também...

Em seu discurso, Rodrigo enfatiza que não havia espaço para brincar que fosse perto de casa (o que certamente seria mais seguro para as crianças):

Era ruim que na comunidade tinha lixo direto, as ruas tudo esburacada, cheia de lama... não tinha espaço pra gente se divertir, só... por isso que a gente, eu perturbava muito; o espaço que tinha era longe, né? no mato, na beira da maré, espaço que tinha a gente de correr, brincar de bola, andar, perto de casa não tinha espaço, não...

Na fala acima, parece ficar clara uma relação entre um espaço público insuficiente e o (mau) comportamento do jovem.

O que era bom na infância era a escola, mesmo se ela não era perto de casa, como diz o jovem. Rodrigo estudou até a sétima série do ensino fundamental. O motivo da interrupção dos estudos foi a entrada no mundo do trabalho: “Deixei de estudar pra trabalhar; minha mãe precisava, meu pai precisava, aí eu comecei trabalhar.”

As relações familiares

Durante os anos da adolescência, Rodrigo conta que em casa vivia em um clima de tensão e isso, de alguma forma, parece tê-lo levado ao que ele chama de “deixar de sair”. Estar dentro de casa representava proteger Inês, sua mãe:

Em casa era muita confusão, meu pai bebia muito... ele bebia muito, aí chegava já querendo espancar minha mãe; meus irmãos sempre tava na rua e eu, depois, depois dos treze anos pra cá, eu deixei de sair pra tá em casa tomando conta da minha mãe, quando começava, ele chegava querendo fazer confusão, eu tava em casa pra defender ela...

Tal situação parece ter feito com que o jovem deslocasse o seu lugar dentro da família. Ele passa a ser o protetor e conselheiro da mãe: “...eu segurava ele,

empurrava ele, tirava ele... que ele ia bater nela; dava um jeito, né? às vezes apanhava também...” E segue narrando que “...durou mais de sete anos... dava conselho pra minha mãe deixar ele, ela não deixava, por causa da gente, né? cinco homens... era cinco homens dentro de casa, cinco filhos ela tinha...”

Desses cinco, um morreu aos dezessete anos. João Paulo (era conhecido como Dado) é o irmão a que Rodrigo mais faz referência ao longo de sua fala: “Um morreu; mataram, né? entrou na vida errada... o que era encostado a mim...”

Mas, antes da morte do irmão, Rodrigo vivenciou as perdas de sua mãe e de seu pai. Inês não tinha completado quarenta anos quando sofreu um enfarte e morreu. Depois de um ano, Romildo adoeceu do fígado e também faleceu, aos cinqüenta e dois anos de idade. O jovem associa a morte da mãe com as dores causadas pela violência que sofria:

Essa história aí acabou dando um enfarte na minha mãe; ela morreu nova, trinta e nove anos; meu pai depois com desgosto, um ano depois, morreu também, devido à bebida, não quis parar de beber... aí ficou eu e meus irmãos só; depois, com um ano depois, mataram meu irmão... foi um ano atrás do outro, em dois... num durou três anos eu perdi três pessoas da minha família.

Nesse período, Rodrigo tinha entre dezoito e vinte anos. Ele lembra a época como tendo sido muito difícil, quando teve de assumir a casa e cuidar dos irmãos mais novos: “Um tempo de muito sofrimento... fiquei quatro anos dentro de casa, fazia as coisas dentro de casa, tudinho, lavar prato, cozinhar, tomar conta dos meus irmãos...” O papel de autoridade exercido pelo primogênito, e, até mesmo uma certa reprodução da violência paterna, ficam evidentes quando diz:

...e eu nem sempre tava em casa, eu trabalhava direto, aí quando eu chegava em casa aí tava aquela bagunça, aí eu tinha que mandar eles fazer algumas coisas e... às vezes acabava batendo neles...

A casa em que moram até hoje, exceto um dos irmãos, foi a herança deixada pelos pais. Os dois irmãos – Rinaldo e Romero (o caçula) – acabaram deixando os estudos. Renan passou a morar com uma tia materna (Amara), “porque ele é um pouco especial, aí tem que ter mais atenção, né?”. Ao ser questionado sobre como é o irmão, Rodrigo responde: “É da cabeça, só da cabeça, mas ele é esperto, vai e vem sozinho... porque ele é meio abestalhado, esquece muito as coisas.” Renan tem

dezoito anos e é o único dos quatro que estuda. Mora em um município da Região Metropolitana do Recife e demonstra muita vontade de voltar a morar com os irmãos.

Fora a tia Amara, que lhes deu apoio frequentando a casa dos sobrinhos logo após as mortes da irmã e do cunhado Rodrigo refere-se ainda à avó paterna, uma referência afetiva, uma vez que está “muito velhinha”, bem como a uma vizinha (amiga de Inês) que os ajudou muito: dona Dé. Ela mora ao lado e, segundo ele “ajudou muito a gente, ela que lavava as roupas da gente, passou mais de quatro anos lavando as roupas da gente...”. É interessante observar que a rede de apoio com a qual os meninos contaram é formada unicamente por mulheres.

Ao falar sobre quem considera sua família, Rodrigo diz que considera dona Dé como se fosse sua mãe. Além disso, refere-se à avó e aos irmãos.

Revendo os momentos mais significativos de sua vida, diz que pensa logo nas perdas todas que sofreu e acha que “só tem coisa ruim”:

...acho que não tem uma coisa boa; a única coisa boa que tem é que eu encontrei uma pessoa, casei com ela, né? pra tomar conta das minhas coisas, é Roberta; a única coisa boa que aconteceu na minha vida foi isso mesmo...

O casamento e as mudanças

Rodrigo e Roberta estão casados há um ano. Ele conta que conhece os irmãos da companheira desde criança e quando mais novo já dizia aos colegas que ia ficar com a irmã deles: “...aí eu falava com o irmão dela ‘vai ser meu cunhado, tu ainda vai ser meu cunhado’”. Mais tarde, os dois estudaram no mesmo colégio e se conheceram nas aulas de dança promovidas pelo estabelecimento. Entre um forró e outro, começaram a “ficar”, depois namoraram e casaram.

Um ponto que merece ser destacado é o que o jovem chama de “deixar de sair”. Da mesma maneira que os episódios de violência do pai em relação à mãe o fizeram ficar em casa, a ameaça de experimentar a vida lá fora – com a possibilidade de se envolver com o tráfico, por exemplo – parece que o faz tomar a decisão de se proteger, ficando em casa. Rodrigo conta que quase não faz programas noturnos e que, “quando tem um dinheirinho sobrando”, vai com Roberta ao Horto de Dois Irmãos (o zoológico da cidade) ou em uma pizzaria. Faz isso muito

mais por ela (que sempre pede para irem passear) do que por vontade própria. Em suas palavras, “não gosto de tá perto de, de, de gente anarquista...” A rua parece ainda constituir para ele uma ameaça.

O trabalho

Quanto ao trabalho, conforme foi dito, Rodrigo começou a trabalhar quando os pais ainda eram vivos. Há quase cinco anos trabalha em um mercadinho próximo de casa (“dois anos clandestino que eu tenho e vai fazer três de carteira”). Ele possui uma relativa experiência nessa área, uma vez que é o terceiro mercado no qual trabalha, tendo sido seu primeiro emprego numa padaria. Nos seus projetos para o futuro, cabe o desejo de mudar de função, porém de permanecer no mesmo ramo de atuação. O jovem reconhece a importância do pai na transmissão do valor do trabalho, uma vez que era um homem trabalhador e que exigia que os filhos trabalhassem:

Acho que importante foi meu pai... meu pai sempre teve a bebedeira dele, encrencava muito com a minha mãe, mas ele sempre foi importante pra mim e pros meus irmãos... ele ia trabalhar, às vezes saía de casa de duas horas, três horas da manhã e levava a gente pra trabalhar com ele, pra CEASA trabalhar...

...ensinou a gente o caminho do trabalho... poder ganhar dinheiro suado, a gente sempre, sempre trabalhou... pequeno a gente perturbava, andava, mas ele sempre levava a gente pra trabalhar; quando a gente tava em casa parado, ele incentivava a gente a vender picolé, uma vez comprou umas caixas de picolé pra gente vender...

Em nenhum momento da narrativa, Rodrigo percebe tal incentivo como nocivo ao seu desenvolvimento; pelo contrário, considera que o fato de ser trabalhador hoje se deve ao que o pai lhe ensinou. O trabalho é um valor social que possibilita o reconhecimento, a valorização e a integração na sociedade. É parte da identidade do sujeito.

Mas, se o maior valor passado pelo pai foi o trabalho, o que desejava a mãe era que o filho estudasse: “Minha mãe... sempre me incentivou a estudar... mãe sempre sonhava que... ela dizia que eu ia estudar pra ser médico... ‘estuda, estuda, estuda’, me, me incentivava direto ‘estuda’, me levava pro colégio...” Porém conciliar

trabalho e estudo não foi possível para Rodrigo na época. No entanto, voltar a estudar (talvez fazer um supletivo) faz parte dos planos do jovem, sobretudo porque significa poder conseguir um emprego melhor:

Queria trabalhar de promotor - ou promotor ou vendedor - que é uma área que... todo mundo, todo mundo que vai no mercadinho, que trabalha nessa área, disse que, fala, fala pra mim que eu ia daria certo trabalhando ou como vendedor ou como promotor, que eu conheço tudo dentro do mercadinho; eu que faço lá as faltas dentro do mercado, pedido... eu penso muito em terminar os estudos pra...

As relações entre irmãos

Sobre a convivência com os irmãos, Rodrigo relata que sempre foram bastante unidos, porém aponta alguns aspectos com os quais não têm sido fácil lidar, sobretudo depois que ele e Rinaldo casaram. Ele fala que, em relação a esse, “mudou, mudou, a gente sempre andou junto, sempre era amigo... mas (hoje em dia) só se fala quando é necessário...” As respectivas mulheres não se dão bem e isso tem afetado a “união” da família. Mas essa situação de desavença entre Roberta e sua cunhada tem levado Rodrigo a pensar no projeto de alugar um outro lugar para morar com a companheira e o irmão mais novo. Um fato relevante é a forma que Rodrigo e Rinaldo encontraram de como dividir o espaço comum. Cada um tem um fogão diferente, no qual suas respectivas mulheres cozinham as refeições, ou seja, cada um é responsável pela sua “feira”. Cada casal tem um quarto e Romero (responsabilidade de Rodrigo) tem o seu. No móvel da sala, dois porta-retratos: cada um com a foto de cada casal. A forma de minimizar os possíveis conflitos é bastante interessante e nos faz pensar nessa capacidade de Rodrigo de não entrar no enfrentamento, optando até por sair da casa deixada pelos pais, lugar em que, ao longo dos anos de trabalho, conseguiu fazer algumas mudanças. Parece que ele assume o lugar daquele que renuncia em nome da paz na família: “...é, eu fico tenso... quando... eu num gosto nem de tá dentro de casa muito; eu saio muito porque... pra não ter desavenças, né? entre eu e meu irmão...”

Por outro lado, Renan é colocado em um lugar, de fato, *especial*. Sua condição de doente é legitimada a ponto de receber a aposentadoria a que tem direito (uma atitude da mãe, que “correu” atrás e conseguiu). Rodrigo fala de maneira muito carinhosa (e também preocupada) sobre o irmão:

Ele é... é doentinho, assim, fraquinho, que ele num lembra as coisas, não, ele... ele tem dezoito anos, mas ele num aprendeu a ler nada, não, que ele num consegue lembrar das letras; de vez em quando dá o ataque de epilepsia nele, aí ele toma o remédio controlado direto, ele é bem calminho...

A grande preocupação que diz ter atualmente é com o irmão caçula:

Eu fico lembrando direto ao menor 'Mero, Mero, tu num se envolve com esses negócio, tu visse o que aconteceu com teu irmão...', fico lembrando a ele pra ele num esquecer, né? 'tu visse o que aconteceu com teu irmão, de se envolver com esses negócio...'

Rodrigo aflige-se com a forma como Romero vem levando a vida. Pelo fato de o irmão ser menor de idade, sente-se responsável por ele.

Dado

A história de Dado é uma história à parte na vida de Rodrigo. Com o irmão, ele viveu um período significativo de sua infância e adolescência, dividindo descobertas, alegrias e tristezas. Os dois *andavam* muito juntos, e Rodrigo parece associar o envolvimento do irmão no tráfico com a sua entrada (informal) no mundo do trabalho:

...aí quando ele começou ele tinha uns quinze a dezesseis anos, que ele andava muito comigo, aí quando eu deixei de, de, de andar com ele, porque eu sempre fui o irmão mais velho dele, né? Aí sempre quando ele inventava, ele tava comigo, quando ele inventava de fazer alguma coisa errada, aí eu dizia "não, Dado", eu sempre tive a cabeça no lugar, eu dizia "não, isso tá errado, né assim, não, pensa direitinho, olha..." eu ficava tentando tirar ele, desviar ele do mau caminho, né? Aí depois que eu comecei trabalhar, meu pai começou a levar eu pra CEASA, ele ia também, mas ele não gostava de ir; aí eu arrumei um bico, trabalhava na quitanda, aí ele já ficou sozinho em... ficava sozinho, né? Aí começou a andar com as más companhias...

Percebe-se aí uma certa separação dos dois irmãos, uma vez que o entrevistado narra um episódio, ocorrido pouco tempo depois, em que ele toma conhecimento de que Dado "era errado". Não parece haver um sentimento de culpa por ter deixado o irmão "sozinho"? Ele foi interno na FUNDAC por seis meses e

depois foi preso no Cotel. Na segunda vez, de acordo com Rodrigo, ele não demorou muito tempo,

porque ele, sempre que ele era preso, ele não era preso, assim, por porte ilegal de arma, esses negócio, assalto... ele sempre, ele... sei lá, eu acho que ele era esperto às vezes, que toda vez que ele era preso era quando alguém vinha... era pego e vinha entregar ele, né?

No mesmo período em que foi solto, a companheira de Dado ficou grávida e, pouco tempo depois, ocorreu a morte do pai. Foi nesse momento que Rodrigo chamou o irmão para conversar:

...ficou só eu e ele, eu disse “Dado, só tem eu e tu pra tomar conta da família, a gente não tem pai, não tem mãe mais, bota a cabeça no lugar”, dei uns conselho a ele, conversei muito com ele, aí ele disse que ia parar; aí parou, né?

Em seguida, o adolescente passou um tempo em casa, sem sair e sem atender aos chamados dos companheiros. Isso durou mais ou menos uns cinco meses, até que um dia foi vítima de um chamado fatal. O “dono da parada” quis falar com ele ao telefone; depois o que se conta é que “...chamaram ele pra beber, pra fumar, ele foi, pegaram ele na trairagem, né? Bebeu, fumou, brincou com os cara lá e depois fizeram a trairagem com ele...”

Rodrigo narra que, logo após o ocorrido, um amigo de Dado o chamou para vingarem tal morte: “Eu pensei em ir, mas eu olhei... se eu fosse fazer alguma besteira aqui, eu, eu ia ter que... sair daqui, né? Não ter família mais aqui... e um negócio desse às vezes endoida a cabeça da pessoa, né? Uma pessoa jovem...”

Rodrigo passa grande parte de sua narrativa falando sobre a vida na comunidade. Ele conta casos de intimidação e violência que aconteceram com ele ou com pessoas conhecidas. Fala da dificuldade de circulação no ambiente da favela.

A gente fica com muito medo também, às vezes pensa de, de, de, de tentar fazer alguma coisa, né, pra parar com isso, entrar no meio, sei lá... a gente pensa muita besteira... uma vez eu tava trabalhando, aí, eu trabalho dentro do mercado... eu trabalho dentro do mercado, aí o patrão pegou não tinha ninguém, os meninos que entregam compra num tavam lá, aí ele mandou eu entregar; a compra era lá pra ponte da salvação, aí eu fui entregar, foi mais à noite, já tava pra gente fechar o mercado, ia dar oito horas, aí eu fui, aí tinha um primeiro beco lá, depois de um pé de cajá, aí eu peguei, quando eu entrei no beco, vinha, tinha um bocado de cara de lá sentado lá, tudo sentado

lá, tudo com arma na mão, aí eu tive sorte porque quando eu entrei no beco, vinha um colega meu de infância, que ele também é do lado de lá, né? é errado também, aí quando eu entrei no beco, ele disse “meu irmão, tu sois doido, é? Tu tá fazendo aqui, tá fazendo o que aqui? Tu sois doido, é? num vem pro lado de cá, não!”, ele mesmo dizendo, né? aí os outros colegas dele lá que são errado chegou tudo perto de mim já querendo coisar, aí ele disse, “não, isso aí é meu, aí ninguém mexe, não”, eu tive muita sorte, eu acho que... viver na comunidade...

Sua fala também é permeada por críticas sutis à falta de investimento do setor público no local de moradia, bem como por sugestões de mudança. A argumentação abaixo refere-se ao que acha que faz com que alguém se torne “errado”:

Eu acho que às vezes também é influência de amigos ou mente vazia que não tem o que fazer, vai pro colégio, volta, aí fica em má companhia, aí vai andar, os meninos chamam pra andar, depois tá cheirando loló, fumando maconha, aí começa a entrar nessa vida, né?... é mais mente vazia, falta de ter o que fazer... aqui colégio, eu acho que colégio aqui devia ser o dia todo... eu acho que evitava mais...

Rodrigo, disse, inclusive, que ia votar em um determinado candidato à prefeitura da cidade (que tinha como proposta de campanha criar centros de atendimento e lazer para crianças e jovens nas comunidades mais carentes do município) por achar importante ações que possam contribuir para a prevenção da violência. Cabe perguntar: não estariam sendo valorizadas ações que implicam ocupar os jovens?

Ao mesmo tempo, chama a atenção o seu desejo de permanecer na comunidade, apesar da violência, apesar de tudo. Em sua narrativa, reafirma em diversos momentos o projeto de continuar morando no local:

...eu nunca penso em sair daqui, não, eu gosto daqui, de morar aqui, é um lugar bom, mas... se num fosse, se num fosse a violência aqui este lugar seria excelente, é um lugar ótimo de se morar, eu gosto muito daqui, é perto de tudo... minha família já chegou já a dar opinião de vender a casa e a gente sair aqui deste lugar, mas... eu gosto muito deste lugar aqui...

Mesmo se morar nesse lugar tenha representado passar por situações em que ele foi também protagonista de um episódio de violência policial:

...teve uma vez que até da polícia eu apanhei, inventei de ir pra festa à noite com os meninos, aí na volta os meninos inventaram de arrombar, os meus colegas, né? Inventaram de arrombar, arrombar um fiteiro era, eu acho que era umas duas horas da manhã, aí eu disse “não, isso tá errado, bora simbora, deixa isso pra lá, deixa isso pra lá”, os meninos “não, bora, bora! Eu “não, então quer fazer faça vocês” e vim andando, né? vim me embora pra casa, aí quando cheguei na metade do caminho, só vi o corre-corre... era a polícia... pegar eles, né? Aí eu tava de madrugada sozinho na rua, eu tive que correr também; aí eu corri, chegou mais na frente, a polícia me pegou, pegou eles também... me pegou sozinho na frente do, do, do depósito de bebida ali... apanhei de graça... apanhei um monte: mãozada, soco, pontapé... eu tava com, no dia eu tava com dinheiro no bolso e um trancilim de prata que o menino tinha me emprestado; o policial levou, levou minha carteira, levou meu dinheiro, deu na minha cara, eu acho que só, só faltaram me matar; acho que só não me mataram porque na hora apareceu uma vizinha lá, na rua ali e começou a gritar, eles me soltaram; sozinho de madrugada, não tinha ninguém na rua... e eu num fiz nada de errado, eu vim, eu corri porque os meninos tavam correndo, se eu ficasse eu ia apanhar de todo jeito, aí... eu tava, eu tava com um big-big no bolso, aí ele perguntou, o policial chegou a perguntar: “comprasse este big-big por quanto?” aí eu disse a ele “cinco centavos”, ele “mentira, é dez”, aí metia a mão na minha barriga, “foi quanto?”, eu “dez”, ele “mentira, é quinze” e eu cada vez que eu falava eu apanhava mais... depois disso eu deixei de sair pra festa, deixei de andar com os menino errado...

Pode-se, talvez, identificar o episódio narrado acima como mais um “ponto de viragem” na trajetória de Rodrigo. É como se ele tivesse sido testado por mais de uma vez e, apesar da “tentação”, tivesse escolhido o “caminho certo”. Mesmo que isso signifique renunciar ao mundo lá fora.

“A cabeça no lugar” e o “dar certo”

Quando questionado sobre o que o fez “ter sempre a cabeça no lugar”, o jovem fala de uma certa capacidade de moderação: “Eu num sei, eu acho que eu tenho a cabeça no lugar desde criança, eu sempre andei muito, mas eu moderava as coisas, pensava em fazer as coisas erradas, eu tirava meus irmãos do meio...”

Rodrigo qualifica sua própria história de vida como muito triste e carrega uma grande nostalgia do tempo em que sua família era completa, entregando-se várias vezes a um sentimento melancólico:

Eu só vejo tristeza mesmo, fico pensando na minha família... e era uma família tão unida, grande, de repente ficou pequena... era uma família grande, era sete pessoas... dentro de casa... (silêncio)

Sobre o fato de ser considerado como um jovem “que deu certo na vida”, Rodrigo fala do grande desafio que isso significa no contexto em que vive:

sei nem o que pensar... eu tô tentando, né? é uma luta muito grande a pessoa tentar ser certo aqui neste lugar... às vezes a pessoa até num querendo, às vezes acaba entrando em confusão aqui com o pessoal... é uma luta muito grande a pessoa tentar ser direita¹⁹... é um lugar bom de se morar, mas se a pessoa não souber falar com as pessoas, com o pessoal... eu tento, né? às vezes eu fico pensando e dou graças a Deus que eu num, num me envolvi com coisas erradas...

Ao mesmo tempo refere-se à grande tentação que o acomete de quando em vez:

...mas a maior tentação que eu tenho aqui mesmo é de, de, de fazer besteira, de, de acabar quem fez a desgraça com o meu irmão, a maior tentação que eu sinto aqui é essa... às vezes dá vontade de tentar fazer justiça, né? porque eu sei quem foi... eu conheço quem fez isso desde criança, a gente jogava bola junto quando era menino... eu acho que ele chegou pra mim até com traíagem pro meu lado, né? que antes de acontecer o negócio, a gente conversava eu, ele, eu e o cara que aconteceu isso, eu conhecia muito ele, né? a gente conversava bastante na rua... aí antes de eu saber, ele chegou pra mim, antes de eu saber o que tinha acontecido com meu irmão, ele chegou pra mim e perguntou “poxa, cadê, achasse teu irmão?” eu “achei, não”, ele fez “pois tu sabe quem foi que fez?” pra mim, né? aí eu disse “sei não, tenho nem idéia”, eu disse a ele, né? aí ele fez “se tu soubesse quem foi, tu ia fazer o quê?”, aí eu disse a ele... disse a ele “eu num sei quem foi, mas se eu soubesse...” eu esqueci... eu disse, eu sei que eu disse a ele “se...”, eu só não ia fazer nada porque eu não tava envolvido como meu irmão, né, com os negócios dele, eu não conhecia no que ele tava envolvido, eu disse pro rapaz, né? que eu num conhecia com o que ele tava envolvido... se eu tivesse envolvido com ele tinha que ser os dois, eu disse mesmo assim pra ele... aí desse dia pra cá nunca mais ele quis falar comigo; eu passo por ele, ele baixa a cabeça... eu só soube, eu só soube que foi ele porque eu vi ele dando entrevista, ele foi preso, aí tava dando entrevista na Rádio Jornal, né?

Rodrigo foi o filho que assumiu todas as responsabilidades: cuidar do pai doente no hospital, cuidar dos irmãos órfãos (inclusive conversando com Dado para

¹⁹ Grifos da pesquisadora

sair da “vida errada”), prover a casa, providenciar o enterro do pai e do irmão... Mas o tempo todo ele fala de uma violência que precisa ser contida:

...eu sou calmo, mas quando pisam no meu calo, eu sempre fui cricri, nunca fui de ficar por baixo, não, quando acontece comigo ou com a minha família ou com meus irmãos, eu vou logo em cima pra ver o que é; até com os vizinhos mesmo aqui... () eu sei lá, eu viro outra pessoa, fico violento... acho que por conta de ter muita convivência aqui com a violência, a pessoa fica... () eu chego logo na bucha seca... até com a convivência desde pequeno que meu pai sempre disse pra mim “ói, num traga desaforo pra casa, não, se chegar em casa apanhado, vai apanhar também”, desde pequeno que eu... eu sou calmo, mas às vezes...

O próprio discurso do jovem ajuda a esclarecer sobre o que o faz conter sua potencial violência: “O que me segura é a família; eu acho... se eu num, se eu num tivesse encontrado minha esposa Roberta, eu já tinha... eu já tinha me envolvido, feito alguma besteira... porque eu gostava muito do meu irmão...”

3.3. “Porque eu sou livre agora pra adorar ele”

A história de Marcelo

...tem o vizinho, né? o vizinho aí na frente; eu acho que ele se dá bem, né? não se dá, tenta se dá, né? vai seguindo em frente do que... porque tem dificuldade, mas vai vencendo, né? pronto, aí ele... ele tava num trabalho, saiu, aí procurou em outro... (...) ele se dá bem, ele tenta, ele é um menino... desenvolvido... ele tenta ir em busca dessas coisas assim, num sei; ele tá se dando bem, né? porque a mãe não mora com eles, os dois moram só, um trabalha, outro não trabalha... aí... ele vai se dando bem; ele faz estágio, ele terminou, ele fica estudando em casa, às vezes... tudo que... ele não é de tá nesse mundo assim, também... (Carolina, vizinha de Marcelo)

Marcelo é um rapaz muito falante e com “vários planos” para o futuro. Mora com o irmão mais velho, Martin, e há alguns meses se converteu à religião evangélica. No período das entrevistas, buscava um trabalho: “Minha vida hoje em dia é só é isso: ir pra igreja, ficar em casa e buscar emprego.”

O jovem tem dezoito anos - completados durante o período das entrevistas. Descreve que houve muitas mudanças recentes em sua vida, tais como a sua inserção na Igreja, a retomada da convivência com o pai e a saída (temporária) da mãe para ir morar na casa de sua avó. Tais acontecimentos se deram nessa ordem.

E o motivo do afastamento da mãe foi a necessidade de cuidados de saúde para sua genitora, a avó de Marcelo.

Relações familiares

Os pais de Marcelo estão separados há cerca de cinco anos. Seu pai - Tadeu - formou um outro núcleo familiar no qual teve mais um filho e uma filha. A mãe – Rosa - sempre trabalhou “passando jogo de bicho”. O jovem narra o esforço dela para criar os dois filhos depois da separação, uma vez que ficaram “sozinhos”:

...sempre batalhando, buscando que a gente estudasse, concluísse o terceiro ano... e hoje, até mesmo, ela diz “eu nunca imaginei vocês grandes, buscando emprego, trabalhando até... terminando o segundo ano...”, ela nunca imaginou. Mas por todo sacrifício, depois que ele - meu pai - foi embora, mas a gente conseguiu... e vai sempre levando a vida, né?

Depois do divórcio, Marcelo conta que tinha pouco contato com o pai, inclusive ocorreram alguns desentendimentos entre os dois. Ele relata que não havia muita procura pelos filhos, por parte do pai. Chegaram a ficar mais de um ano e meio sem se ver. Porém, depois que “aceitou Jesus”, procurou de novo o genitor e sua família paterna: “Comecei a falar com todos que eu não falava porque Deus não quer isso, desunião; aí agora eu tô me reaproximando dele... mas agora eu convivo muito bem com ele; tudo certo, tô retomando de novo a vida... perto dele...”. O jovem refere-se à reconciliação com o pai como a melhor coisa que aconteceu no ano de 2008. É interessante notar que Marcelo sempre fala de sua família remetendo-se a pessoas como tios, primos e avó, ou seja, ao contrário dos outros jovens que se referem mais ao núcleo pai-mãe-filhos (ou mãe-filhos), ele narra as relações que tem com sua família extensa, além do núcleo pai, mãe e irmãos.

Segundo suas palavras, sua família é muito “desunida”, havendo muitas brigas entre as pessoas, que muitas vezes nem se falam entre si. Ele se refere quase sempre à sua família materna, que parece ser bastante numerosa e gira em torno da matriarca. Da família paterna, fala de uma tia que é também sua madrinha, de quem se afastou no mesmo período do distanciamento de Tadeu - após a separação.

O jovem destaca a honestidade como um valor familiar, utilizando o termo “limpo” para definir o seu “povo”. De acordo com ele, na sua família “só um deu pro lado ruim”: o primo Valter, que atualmente está preso, segundo Marcelo, por tráfico de drogas. Em sua narrativa, percebe-se uma responsabilização do outro por ter “escolhido” o “caminho do mal”:

...e a família toda sofre com isso – minha mãe, minha avó também, ela, os irmãos... sofre muito e sempre tem aquele pensamento “ele buscou isso, foi ele que buscou”, porque ele sabe, nós sabemos o caminho do bem e do mal e optamos pra seguir qual o que for melhor pra gente e ele seguindo o do mal duas vezes, duas vezes que ele ‘caiu’? Devia ter se consertado naquele tempo que caiu e foi solto, na condicional; devia estar aqui com a gente, brincando, até estudando, trabalhando... que quando a pessoa cai uma vez, né? fica com a ficha suja pra sempre, sempre vai ser presidiário, sempre “ó, o presidiário”, sempre, buscar um trabalho? fica tudo mais difícil, com a ficha suja... mas não quis, caiu de novo, quebrou um bocão de código, e... todo mundo fica muito chocado, muito, muito mesmo... só o povo limpo aqui...

As prisões de Valter ficam marcadas como “mancha” em um grupo familiar em que se preserva uma imagem de honestidade diante dos outros.

Por isso, quando questionado sobre quem é sua família, Marcelo responde: “Minha família? meu irmão... minha mãe, meu irmão, meu pai também, minha tia Sandra, que é a tia que eu sou mais apegado, e meu tio Mateus, e os filhos deles também, minha avó...” Um ponto que merece ser destacado é a relação do entrevistado com o casal de tios mencionado. Mateus é o irmão mais novo de Rosa:

são muito presentes na vida da gente; sempre nos apoiou muito, sempre teve presente na nossa vida... desde pequenininho! Muito amiga da minha mãe, minha tia, que é casada com meu tio, muito amiga, como uma mãe pra mim e pra Martin...

Marcelo justifica essa relação afetiva tão forte em função da presença dos dois na vida dele, desde a infância. Atualmente, os tios moram em João Pessoa e continuam mantendo contato com os sobrinhos. O apoio dado pelo casal no momento da separação dos pais nunca foi esquecido e parece ser sempre retribuído. Em vários momentos de sua narrativa, ele reitera tal ligação: “Porque são como um pai e uma mãe pra mim”. Uma outra afirmação ajuda a pensar na questão dos diversos papéis familiares e das várias figuras de identificação no desenvolvimento de uma criança e, conseqüentemente, de um jovem:

eu tava dizendo até com Martin que é um amor assim estranho, porque são tio e tia, né? que eu amo muito meus tios, amo muito, são muito legais, tenho muito a aprender com eles também...

Será que o “estranhamento” a que ele se refere não está relacionado ao fato de se reproduzir o aprendizado de que o amor maior deve ser dedicado ao casal parental? O discurso do jovem indica, talvez, o tio como uma maior figura de identificação. Ao mesmo tempo, entende-se que pai e tio não são figuras excludentes.

O entrevistado deixa claro que a família é fundamental para a formação do caráter do jovem, na medida em que se deve ter em quem se espelhar para crescer:

eu acho que... por ver... é bom quando a pessoa vai crescendo, vendo a família, é bom, que ela de um certo modo ela é fundamental pro caráter, ver... se espelhar nos tios como se eles estão se desenvolvendo, acho que é bom, família é fundamental pro caráter também, a mãe, a escola também, a família é, a família é... é tipo a base, né? Que, que... tipo a base de tudo...

Três aspectos chamam a atenção em tal afirmação: o primeiro é a não-responsabilização total da família nuclear; o segundo (diretamente ligado ao primeiro) é a possibilidade de identificar-se com outros parentes da família extensa, ou seja, o jovem pode “escolher” outras figuras de identificação, ampliando seu repertório de com quem pode contar; e o terceiro ponto é a importância que é dada à escola, ou talvez aos espaços extrafamiliares de socialização.

Ao mesmo tempo, refletindo ainda sobre a importância da família, mais especificamente sobre seu desenvolvimento, o jovem afirma que tal instituição não teve tanta influência assim em sua vida: “Em mim, não... num foi tão importante, que família, família sempre é importante, mas acho que pra mim num foi não, eu acho, não; tenho certeza, pra mim não foi tão importante, família, foi não...” Outros espaços são citados como mais importantes: o programa social, o primeiro emprego, o relacionamento com os amigos e a Igreja.

Um ponto que merece ser destacado também é a intensa relação entre os irmãos Marcelo e Martin. Isso fica evidente nas vezes em que o entrevistado faz referência ao irmão e à proximidade dos dois. Sempre que fala nos momentos de sua vida, menciona Martin. Esse, inclusive, passou a ser evangélico por influência do irmão.

A infância e a comunidade

Quanto aos anos iniciais de sua vida, Marcelo enfatiza o tempo de felicidade que foram os seus tempos de infância:

...eu sempre fui muito feliz; o meu pai ele sempre teve presente, tal... sempre, é... sempre fui mais mimado, mais mimado, entre eu e meu irmão daqui... aí eu sempre fui muito mimado, assim, muito... sempre tive quase tudo, porque... sempre tive quase tudo, mas sempre batalhei também pra conseguir... e... foi muito boa minha infância... ah, menino, joguei muito bola de gude, brinquei muito aqui nesta rua...

O jovem “nasceu e se criou” na comunidade do *Detran* e refere-se de forma afetuosa ao seu lugar:

aí eu gosto muito daqui, do meu bairro, da minha casa, mas sempre foi muito bom morar aqui, sempre... às vezes tem aquele reboião, bala, assim, que todo bairro tem, né? assalto... esta área aqui é a mais calma que tem, mas pra lá e mais pra lá é o que tá pior... mas sempre gostei muito de tá aqui, minha infância foi ótima, sempre estudei tudo certinho, nunca repeti ano, graças a deus, nunca e sempre foi muito bom, muitos amigos aqui, aí depois se afasta, como todo, toda amizade, né? toda pessoa tem uns amigos depois se afasta, faz novos amigos aqui dentro... foi muito bom, muito bom minha vida... até hoje, né? sempre tem aquelas coisas, dificuldades toda vida tem, mas que foi muito proveitosa, foi, até hoje tá sendo, graças a deus, vai ser mais e mais, eu sou novo...

Parece existir uma correlação direta entre o lugar em que viveu a infância e o “resultado” de seu desenvolvimento. Mas Marcelo fala das ameaças que existem para as crianças que crescem no espaço da favela. Há violência, dificuldades, mas também existe a possibilidade de uma infância feliz. Os registros fotográficos compartilhados, nostalgicamente, pelo jovem ilustram um tempo em que parece ter sido vivido com muito prazer, mesmo se quem vive nos limites para fora da comunidade associe esse espaço à fatalidade de um desenvolvimento mal sucedido ou infeliz.

Vida escolar

O entrevistado concluiu o ensino médio em 2007. Seu discurso mostra que a vida na escola foi bastante irregular, considerando-se o seu nível de investimento nos estudos. No último ano do ensino médio, por exemplo, ele conta que teve muito

“ânimo” pra estudar. De acordo com suas palavras, sua mãe foi alguém que incentivou bastante os estudos dos filhos. Marcelo narra que nunca foi muito de estudar. Em alguns momentos da entrevista, chega a admitir que não gosta de estudar. E acrescenta: “Sempre filei, num vou mentir (risos), sempre filei, como todo adolescente...” No entanto, conta que sempre chegou à sua meta, que era passar de ano.

A ligação afetiva com a escola da infância é ilustrada pelo tom carinhoso e um tanto nostálgico com que fala, especialmente de duas de suas professoras dos tempos de criança.

Atualmente, apesar de ter planos para entrar em uma faculdade, admite “não (risos), eu não tenho estudado, não...”.

Programa social

Logo no início da narrativa, Marcelo destaca a sua passagem por uma escola de artes e ofícios. Tal programa social, segundo o jovem, é um curso profissionalizante, que mantém convênios com outras empresas, “pra mandar meninos de lá, que se destacam mais, pra o mercado de trabalho”.

Ao falar do Programa, Marcelo demonstra muito entusiasmo. O espaço do “Dom João”²⁰ parece ter-lhe oferecido um “outro mundo”, onde ele conta que pôde fazer “novas amizades”. Seu discurso mostra um encontro significativo com um amigo, que mais tarde o levaria à Igreja – ponto que será discutido adiante. Foi a partir de uma maior aproximação com os colegas de curso que encontrou motivação para destacar-se e conseguir uma vaga no mercado de trabalho:

aí depois, no terceiro módulo, parece que foi uma coisa, eu... me aquietei, me aquietei mesmo, fiquei perto de pessoas que... pudessem me dar mais, me dar mais entendimento, mais aprendizagem, lá mesmo no curso e eu fui fazendo tudo certinho no terceiro módulo; parece que foi uma coisa mesmo... eu me aquietei mesmo, aí... eu consegui...

Do mesmo modo que levou a vida escolar, o jovem conta que no início do curso brincava muito e não levava as aulas a sério, pois, no fundo, não acreditava que pudesse “chegar lá”.

²⁰ O nome do Programa foi alterado como forma de resguardar a identidade do entrevistado.

Como fez o curso de “auxiliar administrativo”, acabou sendo encaminhado para um estágio no programa “menor aprendiz” do Banco do Brasil.

O trabalho

Um ponto que chama a atenção é a ênfase que o jovem dá a esse tempo de um ano e oito meses de aprendizado no Banco:

...era bom, tinha um salário mínimo e... tinha plano, tudinho, passagem, muito bom; foi muito proveitoso esse tempo que eu passei; aprendi muito com pessoas mais velhas no meu trabalho, entendeu? deu pra planejar o que eu queria pro meu futuro...

Tal fato vai ser retomado em sua fala diversas vezes ao longo dos encontros, o que faz pensar que a experiência ficou marcada na vida do jovem e fez mudar sua imagem diante dos outros. A interação com os trabalhadores do Banco parece ter dado a Marcelo um repertório de informações sobre a vida profissional de maneira geral, desde como se portar no trabalho, como tentar o ingresso em uma faculdade. É a partir desses encontros que ele diz planejar o seu futuro, o que inclui tentar uma vaga no ensino superior, mais precisamente no curso de Administração de Empresas:

Ó, eu quero muito fazer faculdade agora, por esses... futuramente eu quero, e... ter um emprego bom; eu me imagino, assim, trabalhando num emprego bom, que possa, eu possa trabalhar fazendo o que eu goste, o que eu goste... tipo essa área mais administrativa, mais... empresa, ou até mesmo no suporte de uma empresa... (...) imagino centrado no que, no que eu quero fazer; centrado... sabendo... sabendo o que, é... eu posso aprender mais e... ai, ter certeza do que eu quero fazer, gostando e tendo certeza; quero estudar, ah, eu quero estudar muito, muito, muito porque eu sei, eu não tô estudando agora, assim, no momento, estudando em casa, mas eu digo que estudo é tudo; assim, pra pessoa crescer, isso é em qualquer lugar, eu quero muito, tenho muito essa força de vontade, mas só falta essa força de vontade, mas só basta eu querer, ter a coragem de ir lá e meter a cara nos livros, que estudar não é difí... não é fácil, não é fácil estudar, não... mas a pessoa só ganha tudo estudando, e eu que quero muito estudar, fazer minha carreira, como eu tava dizendo... trabalhar e ser remunerado, com o meu trabalho, ganhar bem... pra ter mais um... condição de vida, uma melhora de vida... quero muito; ser mais maduro também, que eu brinco muito (rindo) de um jeito muito extrovertido... ser mais maduro, mudar, mudar muito...

No período das entrevistas, Marcelo buscava emprego. Para ele, a entrada em uma faculdade está atrelada a conseguir um posto de trabalho. Mas tentar um curso superior exige um esforço nos estudos, para o qual o jovem não parece estar muito disponível no momento. Ele evidencia essa contradição ao falar de sua dificuldade em estudar:

eles (as pessoas que trabalhavam no banco) sempre, sempre me diziam muito isso, pra eu crescer, ter muita motivação... e buscar os meus objetivos, e eu quero muito isso; eu não tô estudando no momento, mas eu... eu tô estudando assim, eu num tô estudando no momento, mas eu quero buscar muito isso, porque eu não quero ficar só num emprego de trezentos e noventa... de quatrocentos reais, não, eu quero crescer, quero fazer uma carreira até, na Igreja ou em qualquer lugar, quero muito, não quero ficar só...

O referido estágio é para ele algo que, ao mesmo tempo em que o coloca numa posição diferenciada diante de grande parte dos jovens, dado o lugar onde habita, o distancia do “mercado”, uma vez que já não procura mais o “primeiro emprego”.

A Igreja como espaço de socialização

Segundo Marcelo, um dos seus projetos de vida é “crescer pessoalmente, mentalmente e espiritualmente” na Igreja. Esse é um espaço mencionado com muito fascínio e adoração, desde o início da primeira entrevista.

A chegada ao espaço religioso aconteceu, conforme foi mencionado anteriormente, pela influência de um companheiro de curso. Uma das justificativas de tal interesse foi a capacidade de mudanças que Deus pode “operar” na vida das pessoas: “Porque eu vejo, também, os exemplos de outras pessoas que tão na Igreja”. Já em um período de cerca de seis meses depois de sua “aceitação” (época da pesquisa de campo), o jovem mostrava o quanto se modificara, uma vez que antes fazia muitas “coisas erradas”. O trecho a seguir ajuda a ilustrar o porquê (ao menos racional) de sua entrega à religião evangélica:

eu vi que, com a palavra de Deus, que nada disso, esse mundo assim bebida, cigarro é... droga, nada disso vale a pena, não; o que vale a pena é só Cristo mesmo, tá lá... porque minha Igreja é ótima, minha Igreja... e... só tá perto de Deus que vale a pena, de Jesus, crescendo nele, entendeu? Buscando também coisas materiais, assim, não se apegando, mas nada disso vale a pena, cigarro, bebida, esse mundo, essas músicas? Nada disso vale a pena... porque eu sou livre agora

pra adorar ele,²¹ a glorificar ele e é muito bom, muito bom; antes a gente pensa que é livre, mas tá sempre preso a essas coisas, bebidas, cigarro... dança, farra... e agora eu sou livre; eu, eu acredito, não, eu sou livre, se Deus quiser, pelo sangue de Jesus, eu sou livre porque... não tem coisa melhor, não, do que ir pra Igreja, estar na Igreja, ambiente de Deus, sentindo a presença dele... tem coisa melhor, não...

É interessante perceber que a citada liberdade parece ser o que o protege de um mundo que o afasta do que é posto socialmente como um caminho errado, mesmo que seja uma liberdade entre aspas, uma vez que tal religião impõe regras radicais que proíbem certos prazeres e hábitos juvenis:

...assim, eu, eu num falo mais palavrão, (...) antes eu falava, eu num fico mais, não assim, mesmo que seja, se fosse de vez em quando, se fosse prêu beber, prêu fumar; agora eu sei que isso é errado, eu num danço mais, porque eu sempre gostei muito de dançar, agora eu danço pra Cristo, graças a Deus e... graças a Deus ele tá me... me... me mudando também por esse lado, que é muito difícil, músicas assim, em todo lugar tem música... e meu comportamento também, tô mais centrado no que eu quero fazer, assim, pro lado da Igreja, na bíblia, mais determinado, quero crescer muito também na Igreja, espiritualmente, quero muito mesmo e... tenho que buscar, é a mesma coisa do, de uma faculdade; tenho que buscar, lutar bem muito pra crescer também; não crescer por interesse, assim, mas crescer pra ficar mais perto de Deus, ter sempre esse interesse, né? mais perto de Deus, comunhão com ele, mas... o que é que... mas foi eu mudei muito meu jeito assim, não, só nesse ponto de falar palavrão, mudei muito; meu jeito de pensar também... mudei muito mesmo...

Marcelo conta que o amigo que o “apresentou” à Igreja era “pior” que ele, no sentido de se colocar em comportamentos de risco, e que ele “foi mudado por Jesus mesmo”. Acrescenta que conhece “muitos jovens também que saiu disso de beber, até os mais adultos saíram de uma vida de alcoolismo, de drogas...”.

Ele aponta “a Igreja” como um dos momentos mais significativos de sua vida. E é nesse espaço que ele passa grande parte de seus fins de semana, inclusive fazendo cursos (cita a “escola de líderes”) e aulas de canto.

Ao mesmo tempo, pôde-se notar que o entrevistado apresenta uma grande dificuldade em se concentrar em algumas atividades, dada a sua popularidade no “novo” espaço. O apelo dos colegas e dos outros fiéis parece instalar um conflito entre o que deve ser feito na Igreja e o que, muitas vezes, se vê “tentado” a fazer:

²¹ Grifo da pesquisadora

eu acho que todo mundo, quando a gente tá em um grupo, a gente quer agradar, quer ser o melhor... chamar mais atenção... então agora é tempo de só chamar a atenção de Deus... num importa o que os outros falam, se... tipo... é, num importa o que os outros falam, se tiver namorando, se tiver fazendo alguma coisa... porque acontece muita fofoca na Igreja, acontece muita mesmo... de não importar o que eles falam, “Marcelinho só quer ser o santo, bábábá”, eu quero ser o santo, como eu fui pro culto ontem (...) que santo quer dizer separado, separado deste mundo, então “ó, Marcelinho só quer ser o santo”, aí eu: “eu quero ser santo mesmo, eu quero ser santo mesmo, separado pra Deus!” E não importar o que ninguém fale, “ó, Marcelinho, num sei quê, não, fofuquinha, não... só prestar atenção em Deus, porque este é o momento...”

Em sua narrativa, fica claro que a estratégia traçada pelo jovem Ihe causa muitas castrações, ou seja, ser santo (separado deste mundo) implica muitas perdas e tensões.

A capacidade de convencer o outro de que o caminho escolhido pode ter ganhos (a princípio espirituais) para a vida de qualquer um rendeu-lhe mais pessoas convertidas na família (em sua maioria católica). O irmão Martin e os tios Sandra e Mateus também se tornaram evangélicos e, mais recentemente, Rosa “tá quase aceitando, assim, quase aceitando Jesus, minha mãe...”.

Quanto ao fato de ter sido considerado como um jovem que deu certo, Marcelo expressa seu sentimento da seguinte forma:

é tipo uma força, é uma força que hoje eu não tô meio que aproveitando porque já, no Banco também o povo, os funcionários sempre me apoiaram muito, com isso, pra eu crescer, tal, mas é bom saber que, que eu tô mostrando aos outros que eu posso crescer, que eu tenho capacidade de crescer; por isso que eu tenho que agarrar isso com unhas e dentes pra não deixar passar porque vai passar o tempo e eu num já vou ser “ó, aquele menino que tinha oportunidade de crescer e num cresceu”, entendeu? Eu acho isso muito bom. E é prêu aproveitar agora, pra crescer mesmo, pra dar certo, que minha mãe disse que aos vinte e cinco anos, ela ia sair de casa, ela não ia mais tomar conta da gente nem nada, pra fazer a vida da gente... e eu quero crescer, quero sempre ser assim...

3.4. “Eu penso demais, eu penso demais...”

A história de Francisca

acho que deu certo porque ela é uma pessoa que... pensa muito antes de fazer as coisas. Ela pensa muito, ela tem medo de tomar certas atitudes pra depois não se arrepender. É uma pessoa beeem cabeça no lugar... (...) acho que por isso que dá certo, deu e tá dando

certo, né? porque ela pensa muito, ela tem medo das coisas... tudo dela é pensar, pensar, pensar (Rita, amiga de Francisca).

Francisca nasceu no dia 24 de fevereiro de 1987. Tem, portanto, vinte e um anos de idade. Ela foi apontada por uma outra jovem (e amiga) como alguém que vem dando certo na vida.

As relações familiares

Como os outros três entrevistados desta pesquisa, também mora na comunidade do *Detran*. Com ela em sua casa, moram sua mãe Maria, seu pai Heitor e sua irmã Flora.

Maria e Heitor conheceram-se quando iam levar e buscar seus filhos pequenos na creche onde estes eram cuidados durante o dia, enquanto os pais trabalhavam. Francisca tinha dois anos nessa época. Camilo, o pai biológico da menina, não a reconheceu como filha, e os dois nunca se conheceram. Depois do encontro na creche, Heitor e Maria compraram uma casa e foram morar juntos no local onde habitam até hoje. Heitor adotou Francisca como sua filha. Naquela época, tiveram Flora, hoje com dezenove anos, irmã inseparável da entrevistada. Antes de ir morar com Maria, Heitor foi casado oito vezes e teve nove filhos e filhas. A jovem refere-se a quatro dos seus nove irmãos: uma mora nos Estados Unidos, outro mora em um bairro próximo, na zona norte, e outros dois moram em bairros diferentes da zona sul na cidade.

A família de Francisca ilustra o que se convencionou chamar de *família recomposta*. Após terem vivido relacionamentos amorosos anteriores (nos quais tiveram filhos), pai e mãe formaram um “novo” grupo familiar. No entanto, há referências a outros parentes (como os irmãos e irmãs), que não necessariamente moram na mesma casa.

A infância e a vida escolar

A entrevistada conta que brincava muito durante sua infância. Ganhava muitos brinquedos dos moradores do prédio em que Heitor trabalhava. Ela diz que os espaços de brincadeiras eram o quintal de casa e a rua – ainda permitida nessa

época. Deliberadamente, seus pais a matricularam em uma escola particular, em um bairro distante, na zona sul (perto do trabalho do pai). Segundo Francisca, isso se devia a uma preocupação recorrente dos pais, sobretudo de Heitor, quanto ao “perigo da amizade” na comunidade onde vivem:

a gente estudou lá, fora daqui... também por causa do perigo da amizade, que não era muito... boa; aí sempre foi assim, quando sempre a gente chegava da escola: dentro de casa, sempre dentro de casa, sempre dentro de casa, sempre dentro de casa, era sempre assim; até mesmo tem muitas menina aqui que não vão muito com a cara da gente, da minha e da minha irmã, dizem que a gente é chata, é metida, porque a gente não tem muito contato...

Na rotina de viverem “de casa pro colégio, do colégio pra casa”, o espaço de sociabilidade com as pessoas da comunidade (ou da rua) lhes foi praticamente negado por muito tempo. Em seu discurso, aparece um pai muito rígido no cuidado com as filhas: “...pra gente não acabar se envolvendo, e pá... assim, não acabar... esse tipo de amizade que a gente sabe que num presta, aí ele sempre ficava dizendo ‘não’...” Tais amizades são aquelas

peessoas que não querem nada com a vida, querem tá só pelo meio da rua andando pra cima e pra baixo... meu pai nunca quis isso assim, nunca quis, por isso que ele sempre botou a gente dentro de casa, sempre a gente ficava dentro de casa... agora que, agora que ainda tá... a gente depois que tá, né, aí é que ele deixa mais a gente, pra sair mesmo eu só vim sair, tô saindo agora pros cantos...

Desde a infância, uma marca que ficou em Francisca foi o desconhecimento sobre seu pai biológico: “Eu só tenho a curiosidade de conhecer meu pai... verdadeiro.” O que sabe sobre seu pai “de sangue” é o seu nome e que tem uma mulher e dois filhos. Mas, ao mesmo tempo em que fala do desejo de conhecer Camilo, ela relata um certo medo de como seria um possível encontro entre os dois: “Eu tenho vontade de conhecer, e ao mesmo tempo eu tenho receio do que ele vá me dizer, sei lá, tenho medo.” Talvez a jovem esteja falando do medo de uma segunda rejeição, uma vez que a mãe lhe contou que “...pelo menos isso ela nunca escondeu de mim, que quando ela me teve ele disse que... eu num era filha dele...”.

Sobre a vida em família, Francisca coloca claramente a facilidade que tem na convivência com a mãe e com a irmã. A relação com Maria é tida como “aberta”:

“Tudo eu converso com ela, tudo; e ela também, tudo ela se abre comigo e com a minha irmã, porque com meu pai a gente né muito, com ele não...” Com Flora, conta que são muito companheiras e que ambas se preocupam muito uma com a outra, indicando uma relação de cuidado mútuo: “É uma preocupação, eu me preocupo muito com ela, que parece ser minha filha...”. No entanto, com Heitor o dia-a-dia é narrado como difícil, dadas a sua rigidez e intransigência: “Porque aqui quem dita mais é ele, ele que fala mais alto...”.

Tais características paternas são relacionadas (e mesmo atribuídas) a alguns sintomas psíquicos desenvolvidos em um período em que estava “sem fazer nada” (entre a conclusão do ensino médio e o ingresso num programa social). Francisca relata que é “muito nervosa”, que teve diagnósticos médicos de depressão e de pânico e fala de sintomas como ansiedade, vômitos e insônia:

eu... minha mãe gastou tanto dinheiro comigo em hospital, tanto dinheiro, tudo eu sentia dor, tudo eu sentia dor, eu dizia que tava com uma dor de cabeça, dizia que tava com... tudo era dor, tudo eu tinha dor, tudo eu tinha dor, tudo eu tinha dor, aí disse que eu tava com uma dor de cabeça, disse que eu tava com um... eu ia pro médico, o médico dizia “minha filha, você não tem nada”, sempre ele dizia, sempre dizia “não tem nada, não tem nada”, agora eu porque, porque eu ficava o dia todinho dentro de casa, eu tinha terminado meus estudos, o quê, eu acho que eu tava com dezoito anos, eu tinha terminado meu estudo e ficava dentro de casa o dia todinho aí só vinha besteira na minha mente, só pensando besteira, besteira, besteira... assim, doença, essas coisas, aí pronto eu cheguei um ponto de tomar até remédio...

eu fico achando só coisa ruim, só pensando em doença ruim, não sei quê... eu mesmo já passei por uma fase que eu tive quase começo de depressão, eu tive... porque eu acho que também foi por causa, eu acho que foi assim minha infância que foi muito, eu era muito presa, em casa, que até quando a minha mãe me levou pro médico, o médico disse a minha mãe “essa menina sai, mãe? deixa essa menina sair”, porque eu só tava acumulando doença na minha mente, tudo que eu sentia, tudo que eu sentia, eu dizia que tava, eu dizia que tava...

Em algumas das vezes em que foi ao médico, acompanhada por Maria, ouviu frases como “ô, mãe, esta menina não tem nada”. A jovem associa tais sintomas ao fato de ficar muito tempo dentro de casa (por exigência do pai e por ocasião do período entre a conclusão do ensino médio e o ingresso no programa social), oscilando, em sua fala, entre algo que passou e algo que ainda é vivido. Em uma

das idas ao médico, ela conta que esse chegou a mandar um recado para seu pai: “Diga a ele que ele vai terminar matando a filha dele.”

Atualmente, Francisca frequenta *shows* e realiza saídas noturnas com as amigas e com a irmã (o pai coloca como condição que as duas saiam de casa sempre juntas). Mesmo em suas palavras: “não sou muito de tá na rua, sou mais de casa, assim...”, pois acha que se acostumou com uma vida caseira, a partir da forma de criação dos seus pais. Destaca que não é “de beber”, nem “de fumar, não tenho esses vícios”. A “conquista” da permissão para sair à noite parece ter sido decorrente das “orientações médicas” (como um terceiro que vem intervir na educação familiar),²² bem como da inserção da jovem em um novo espaço de socialização, que foi o programa social do qual fez parte.²³

Em relação à sua vida escolar, Francisca relata que foi muito boa e que pôde aprender muitas coisas. Em sua auto-avaliação como aluna, ela se considera “preguiçosinha” para estudar, só o fazendo quando as professoras davam um “puxavão” em sua orelha. Porém, era querida por elas porque era uma aluna que “num vivia de baderna na sala”, uma referência, aqui, ao seu bom comportamento.

O programa social e o trabalho

Conforme foi destacado acima, Francisca terminou o ensino médio e trabalha em uma empresa do setor de transportes urbanos há pouco mais de um ano. O percurso até chegar ao mundo do trabalho não foi fácil. Segundo ela, “...sempre, sempre queria trabalhar, sempre quis e toda vez quando eu botava currículo, eu nunca conseguia, nunca fui chamada em nada.” A entrada em um programa governamental na comunidade onde mora permitiu-lhe o tão desejado primeiro emprego. Há pouco mais de um ano, ela exerce um “serviço de fiscalização nos ônibus, nas ruas, a respeito da gratuidade das carteiras de livre acesso”. Nessa função, ela trabalha diretamente com o público, o que é considerado pela jovem como um grande aprendizado, dada uma certa superação de sua timidez, característica ressaltada desde o início da narrativa. Francisca descreve-se como

²² Para aprofundar o assunto, indicam-se os trabalhos de Jurandir Freire Costa (2004); Michel Foucault (1987, 1988) e Jaques Donzelot (1986).

²³ Refere-se ao mesmo Programa do qual Rafaela fez parte.

“uma menina muito, muito tímida”, como alguém muito calado, que não é “muito de falar”.

Francisca atribui ao programa à brusca diminuição dos sintomas mencionados, uma vez que passou a ter uma ocupação: “Esse curso pra mim foi muito bom, foi ótimo, ótimo, ótimo; que eu perdi todos os meus medos...” Para a entrevistada, o momento mais significativo de sua vida foi o início do trabalho. A jovem fala do referido programa como algo que mudou a sua vida em alguns sentidos: em relação à vida profissional e em relação à socialização com pessoas da mesma comunidade, o que não acontecia antes. “Lá foi que eu fui ter diálogo com o pessoal daqui.” Ela fala muito das novas amigas que conheceu nesse período. Até então suas referências de amizades eram as do período da escola.

Projetos de vida

Com relação ao futuro, Francisca projeta fazer um curso universitário de Administração de Empresas:

eu pretendo fazer um curso de qualquer coisa, pra terminar, fazer um cursinho, pra terminar meus estudos, assim, eu terminei, já concluí meus estudos todinho, fiz o terceiro, até o ensino médio, completo, mas eu quero ir mais a frente, mais além...

Além disso, no âmbito pessoal, ela tem o projeto de formar uma família: “Ah... na minha vida, eu queria, eu... eu quero ter uma família... ter um esposo, ter filhos, eu quero; isso eu quero pra minha vida...” No entanto, embora demonstre tais desejos, ela parece carregar um medo de que isso nunca aconteça:

...eu até brinco com a minha mãe, que eu digo ‘ah, mainha, eu acho que eu nunca vou ter um filho, eu acho que eu nunca vou me casar’, porque sei lá, do jeito que o mundo tá hoje... eu penso demais, eu penso demais,²⁴ e do jeito que o mundo tá hoje, pra encontrar uma pessoa e a pessoa se relacionar é tão difícil... pra pessoa montar uma família, ter um filho, essas coisas... responsabilidade zero.

É essa característica de pensar demais que aparece na fala da amiga de Francisca, Rita, quando lhe foi perguntado por que acha que a jovem deu certo na

²⁴ Grifo da pesquisadora

vida: “Acho que deu certo porque ela é uma pessoa que... pensa muito antes de fazer as coisas... porque ela pensa muito, ela tem medo das coisas.” Esse jeito de levar a vida, aqui, é valorizado, na medida em que se refere, ainda, à amiga como “uma pessoa beeem cabeça no lugar.”

Relacionada a isso, chama a atenção uma outra fala comum aos discursos de Francisca e Rita: “A gente tem mania de chamar Francisca de ‘velha’... ela age como se fosse uma velha”. Francisca cita a fala recorrente da amiga e diz que: “...porque ela diz que eu pareço com a mãe dela, que é muito cuidadosa, é muito, muito cuidadosa, muito com, sei lá... ela diz que eu pareço (risos) muito com a mãe dela...”

O medo mencionado por Francisca aparece em vários níveis, inclusive no que se refere às possibilidades de um relacionamento amoroso:

eu tenho muito medo de me relacionar com uma pessoa, meu problema é este, eu tenho muito medo, eu tenho muito medo de me relacionar... eu tenho medo de, sei lá, eu tenho medo de sofrer, eu tenho...

Aqui caberia uma pergunta: será que esse medo tão grande de se relacionar (seja do ponto de vista das amizades, seja do ponto de vista afetivo-sexual), apontado por Francisca, não estaria relacionado a um certo medo de reviver possíveis experiências de abandono, dada a rejeição de seu pai biológico?

Quanto ao fato de ter sido considerada como uma jovem que deu certo na vida, ela foi a jovem (das quatro pessoas entrevistadas) que demonstrou maior surpresa diante de tal “indicação”. Francisca reage e diz que acha “estranho”, pois se ela ao menos estivesse fazendo uma faculdade, talvez achasse adequado ter sido considerada dessa forma: “Se eu tivesse fazendo uma faculdade, tivesse, né? tendo uma profissão, no caso, sei lá, se eu fosse formada, eu acho que eu tava dando certo na vida”. Porém, após um pouco mais de reflexão, ela concorda com a amiga e diz:

Apesar que eu dei, eu acho que dizem que eu dei certo na vida, né? sei lá, pela mente que eu tenho, que eu não sou muito de, de deixar me levar por conversa de muita gente.... (...) eu acho que deve, deve ser por isso, num sei, acho que deve ser... que eu gosto de fazer minhas coisas tudo certa; trabalho mesmo, eu gosto de ser muito pontual, gosto de tá... essas coisas, tudo eu sou assim... acho que pelo jeito de eu ser, eu acho que é isso...

Parece que, para a entrevistada somente o “jeito de ser” não seria suficiente para dar-lhe o *status* de bem sucedida. Dessa forma, nem a garantia de ter um trabalho com “carteira assinada” e direitos garantidos a colocaria nesse lugar, uma vez que lhe falta uma profissão ou uma carreira. Talvez a “exigência” de Francisca esteja relacionada com o fato de ter uma irmã formada em Letras pela UFPE (a qual é mencionada tanto pela filha quanto pelo pai, no momento em que a pesquisadora inicia a entrevista).

Capítulo IV - Uma análise das aproximações e distanciamentos

*Mire veja: o mais importante e bonito,
do mundo, é isto: que as pessoas não estão
sempre iguais, ainda não foram terminadas
– mas que elas vão sempre mudando.
Afinam ou desafinam. Verdade maior.
É o que a vida me ensinou...*

João Guimarães Rosa

4.1.O que aproxima e o que distancia as histórias de Rafaela, Rodrigo, Marcelo e Francisca?

Dando continuidade ao trabalho de análise, deve ficar claro - relembrando a questão metodológica - que a ideia é analisar o conteúdo das falas apresentadas e compreender que as trajetórias dos(as) jovens trazem suas especificidades. São histórias de vida individuais que dialogam com questões sociais de uma determinada época. Rafaela, Rodrigo, Marcelo e Francisca apresentam em suas narrativas sentimentos e projetos que podem ser semelhantes a sentimentos e projetos de outras pessoas de sua faixa etária. Ao mesmo tempo, seus caminhos são singulares em muitos aspectos. Assim, neste capítulo, será feito um esforço de discussão de conceitos centrais, como a noção de “desenvolvimento integral”, a questão do “pontos de viragem” e também o que se entendeu por “dar certo na vida”. Antes disso, haverá uma concentração na problematização do fenômeno das famílias.

4.2.Como se desenham as famílias pesquisadas?

Parte-se do pressuposto de que os grupos familiares têm formas e estilos próprios de funcionar e, portanto, não serão tratados a partir de generalizações, mesmo se apresentam condições socioeconômicas semelhantes (PERES, 2001).

Será utilizada a noção de *desenhos de família*²⁵ e procurar-se-á analisar o que aproxima e o que distancia as famílias pesquisadas, por meio das narrativas dos(as) jovens.

Primeiro, cabe chamar a atenção para o caráter diverso dos *desenhos* observados. Conforme foi apontado por vários autores, não se pode mais falar da família como um padrão único a ser alcançado ou como um sistema universal, mas deve-se, sim, falar de famílias (no plural), compreendendo que cada grupo tem diferentes estruturas e estilos de viver (ARIÈS, 2006; COSTA, 2004; PERES, 2001).

A primeira história (Rafaela) apresenta uma mãe e seus três filhos. Mas há ainda uma filha mais velha, seu marido e seu filho, relações para além do espaço de moradia. A genitora divide-se cotidianamente entre a casa em que mora com os filhos e a do companheiro. Rafaela narra com muita naturalidade o fato de sua mãe estar se relacionando com o quinto companheiro, tendo tido quatro filhos de relações anteriores. Fonseca (2004) relaciona a “matrifocalidade” com o poder exercido em uma unidade familiar (que não se resume na questão residencial) e destaca a “presença financeira” dos homens nesses casos. Considerando o fato de a mãe de Rafaela receber uma pensão do pai do seu filho caçula, ter uma filha que trabalha e, ainda, ser “ajudada” pelo atual companheiro, pode-se dizer que seria essa uma família do tipo “matrifocal”. Mas a jovem entrevistada fala diversas vezes de suas obrigações domésticas, o que parece fazê-la compartilhar com a mãe o lugar de chefe-de-família. Seria, então, um modelo de “família recomposta”, uma vez que há mais de um “casamento” na trajetória de sua mãe?

A segunda história traz uma família de quatro irmãos e, ao mesmo tempo, de casais que co-habitam. Mas, antes disso, se o interesse é pensar o desenvolvimento dos jovens, durante boa parte da vida de Rodrigo houve uma mãe, um pai e seus filhos, ou seja, o que pode-se chamar de “família conjugal”. Nesse caso, há o irmão morto, bem como o casal parental, que são muito mencionados, o que aponta para uma presença constante das ausências na narrativa do jovem.

²⁵ Noção discutida por Irene Rizzini e desenvolvida para designar a multiplicidade de formas e contextos familiares presentes na sociedade contemporânea. Para conhecer melhor, indica-se a obra *Desenhos de família – Criando os filhos: A família goianense e os elos parentais* (2001), sob a coordenação de Sônia M. Gomes Sousa e Irene Rizzini.

A história de Marcelo mostra um *desenho* do tipo “unidade mãe-filhos” (FONSECA, 2004), por um lado e, por outro, uma “família recomposta”, formada pelo pai, sua companheira e dois filhos.

Do mesmo modo, a história de Francisca mostra uma “família recomposta”, uma vez que pai e mãe vivenciaram relacionamentos anteriores.

Pôde-se perceber que em todas as quatro trajetórias de vida, os(as) jovens foram criados(as) pelas suas mães (biológicas). No entanto, em relação à presença dos pais na formação dos(as) informantes, nota-se que Marcelo e Rodrigo puderam conviver com seus genitores, mesmo se num dado momento essa convivência foi interrompida. No caso do primeiro, devido à separação dos pais. No caso do segundo, em função da morte do pai. Já em relação às entrevistadas, há um desconhecimento total de seus pais biológicos. Pouco sabem sobre eles (nem mesmo o nome), embora, no caso de Francisca, exista a presença de seu pai adotivo.

A partir desses *desenhos*, cabe considerar e problematizar os conceitos de família, perguntando: de que ponto de vista se olha quando se nomeia, de uma maneira ou de outra, um *desenho* familiar? Quando se diz que um grupo familiar é recomposto, ou conjugal, não se está colocando os(as) genitores(as) no centro da discussão? E o grupo que vive sem a presença das figuras paternas ou maternas? No caso de Rodrigo, deve-se tomar o grupo familiar pelos casais ou pelos irmãos? E há, ainda, a questão residencial.

Quando Rafaela diz que mesmo o irmão com o qual “não fala” é parte de sua família, ela está considerando a perspectiva da consanguinidade? Ou seria a convivência?

Problematizando a questão da naturalização da instituição familiar como uma unidade biológica (pai, mãe e filhos), Sarti (2004) afirma que

essa naturalização das relações sociais acontece de forma mais clara em relação à família do que a outras instituições sociais precisamente porque a família é o espaço social onde se realizam os fatos da vida vinculados ao corpo biológico, como o nascimento, a amamentação, o crescimento, o acasalamento, o envelhecimento e a morte (SARTI, 2004: 119)

Mas ocorreu que tal perspectiva de família não foi determinante nas histórias de vida apresentadas. O caso de Francisca pode ser tomado como exemplo, na

medida em que é adotada pelo marido da mãe. Ao mesmo tempo, não se pode deixar de destacar o desejo dessa jovem de conhecer o pai biológico, já que sabe muito pouco sobre ele. Os *desenhos de família* são complexos e podem ser constantemente “retocados”, a partir de encontros que possam vir a acontecer.

Sobre a questão dos familiares “ausentes” - ou porque morreram ou porque praticamente não conviveram fisicamente -, é preciso destacar a “presença” dessas pessoas no discurso de três dos(as) participantes. As histórias de Rodrigo, Rafaela e Francisca ilustram essa afirmação. Para Rafaela, o fato de não ter conhecido o pai (assassinado enquanto trabalhava) traz claramente uma frustração e se coloca como falta, ao mesmo tempo em que ele parece também ser referência para ela. Para Francisca, o fato de não conhecer o pai biológico (que não a reconheceu como filha) parece estar relacionado com os medos que diz sentir, e que chegaram, inclusive, a atingir a sua saúde. No caso de Rodrigo, a morte dos pais (em virtude de doenças) e de Dado (assassinado por envolvimento com o tráfico de drogas), ao mesmo tempo em que parece ter causado um dano do ponto de vista afetivo, pode tê-lo protegido de uma vida inconsequente (ou de ter “dado errado”), visto que lhe restou a responsabilidade de dar continuidade à tarefa de seus pais de prover o sustento dos quatro irmãos.

Desse modo, é preciso considerar tais ausências como parte das famílias, mesmo se nas narrativas os(as) jovens não se referem a essas pessoas quando dizem que são suas famílias.

4.2.1. Como se ocupam as famílias?

No que diz respeito à ocupação dos(as) familiares dos(as) jovens informantes, percebeu-se que todas as mães trabalham fora de casa. Iolanda – mãe de Rafaela - trabalha como empregada doméstica. Antes de prestar seus serviços “em casa de família”, foi funcionária de uma fábrica de bolos, na comunidade. O pai da jovem trabalhava como segurança em uma empresa, conforme já foi dito.

A mãe de Francisca também trabalha como empregada doméstica. Seu pai é porteiro. Em relação a essa família, é importante lembrar o grupo de irmãos, que parece ter ido além do pai no que se refere aos seus trabalhos, destacando a irmã que mora fora do país e é formada em Letras. Quanto a Flora, faz um curso de *telemarketing*.

Quanto à família de Marcelo, sua mãe trabalhou “passando jogo de bicho”, mas no período das entrevistas se ocupava com o cuidado com a mãe doente. O pai trabalha “fazendo bico”. Além disso, seu irmão Martin é empregado em um supermercado, e os tios Mateus e Sandra se mudaram para outro Estado do país em função de uma oportunidade de emprego.

No caso da família de Rodrigo, seu pai foi funcionário durante muitos anos de uma empresa de alimentos que faliu e, a partir daí, passou a trabalhar “pegando frete e biscate” na CEASA. Sua mãe sempre foi dona de casa, tendo como principal função cuidar do filho Renan. Um dos irmãos do jovem, Rinaldo, trabalha no mesmo mercadinho no qual ele trabalha, enquanto o caçula Romero “faz uns bicos” de vez em quando, no mesmo local dos dois irmãos mais velhos.

Assim, pode-se afirmar que as pessoas que compõem as famílias dos(as) jovens entrevistados(as) são trabalhadores(as), tanto do mercado formal quanto do mercado informal, não havendo predominância de um ou de outro, o que faz pensar em um certo *up grade* de seus filhos, uma vez que esses estão tendo a oportunidade de entrar no mundo do trabalho com contratos formais, o que caracterizaria uma maior segurança nesse sentido. Com exceção de Rodrigo, os(as) informantes iniciaram suas vidas profissionais com direitos trabalhistas garantidos, mesmo que se saiba que houve um programa social, nesses três casos, que oportunizou tal conquista.

É interessante observar que eles trabalham para prover a família, distanciando-se do modelo de família das camadas médias da sociedade, cujos filhos são sustentados pelos pais (esses sim provedores).

4.2.2.Outras figuras de referência

Uma figura familiar que foi trazida pelos dois jovens foi a figura da avó. No caso de Marcelo, a materna; no de Rodrigo, a paterna. Para este último, a mãe do pai é alguém que existe, mas, por estar “velhinha”, funciona como uma referência afetiva, aparece como alguém a quem se deve visitar, não sendo uma pessoa que pode cuidar efetivamente dos netos. A pessoa que vem a exercer o cuidado sobre eles, por ocasião da perda materna, é uma vizinha (que era amiga da mãe), que de certa maneira passa a ocupar uma representação materna. O jovem narra um evento em que foi preciso arriscar-se para protegê-la, assim como fazia com a mãe.

Na história de Marcelo, a avó aparece como alguém que é amada e odiada ao mesmo tempo, havendo uma mudança extrema na forma como se refere a ela. Na primeira entrevista com o jovem, essa avó é mencionada com um tom de preocupação por estar doente, e há uma crítica em relação aos tios e tias que não cuidam da mãe/sogra, cabendo somente à sua mãe os cuidados com a saúde da genitora, tanto que Rosa (mãe do informante) se muda para a casa de sua mãe. Porém, no último encontro (no qual sua mãe estava de volta ao local de moradia), a criticada é a avó, que num dado momento recusa os cuidados da filha:

...foi ingratidão da minha vó, menina... ela disse, pediu pra mainha ir embora, assim, pediu mesmo, disse, mainha disse “eu vou embora, mãe” – que ela tava muito ingrata, “eu vou embora”, ela “vá, vá” e mainha vendo, brigou lá, tudo, passaram na cara o dinheiro... (...) e ela veio magoadíssima, magoadíssima, mainha só fazia chorar... e agora tá melhorzinha e a casa dela, que ela se sente melhor...

Tal discussão em torno de outras figuras femininas, além da materna, narrada pelos jovens, é colocada para que se possa pensar em um aspecto, no que diz respeito à instituição familiar: o sujeito cria estratégias de interação social (uma vizinha, por exemplo) que podem ser-lhes “vantajosas”, no sentido de agregar referências afetivas, o que parece, no caso de Rodrigo, ter sido uma saída saudável para a falta do casal parental.

4.2.3.A idealização da família

Outro ponto a ser pensado é a confirmação de que a consanguinidade nem sempre garante somente relações positivas para o sujeito. Os modos de se relacionar na família extensa de Marcelo parecem trazer-lhe sofrimento, sobretudo quando, com o passar dos anos, vai desmistificando aquela que parecia ser tão unida: “...aí é muita desunião, num cooperam, muitas pessoas não se falam... tem brigas, muitas brigas...”

A questão da *idealização da família* foi tratada por alguns autores (MARTINS e SZYMANSKI, 2004; DE ANTONI e KOLLER, 2000) e, neste trabalho, pôde ser observada, sobretudo, na história de Rodrigo:

...eu só via alegria quando tava a gente tudinho junto... saía, ia pra praia... ia pros cantos... pro parque 13 de maio, às vezes a gente saía

junto, passear a família toda... muito divertido, a gente ria muito, conversava...

Diante de tal fala, cabe aqui perguntar: não estaria o jovem idealizando a família perdida? Pois não se devem esquecer as situações de violência que o filho mais velho vivenciou nos seus tempos da infância e adolescência. Por outro lado, não se pretende negar aqui o caráter dialético das relações, entendendo que lembranças “positivas” de um tempo que não existe mais têm a sua coerência no discurso de um jovem com a história de vida de Rodrigo.

A família ideal para Marcelo é aquela que se apresenta

unida, todo mundo, tipo... que... é... girasse em torno da... da vó, que é... entendeu? Aí fosse na casa da vó, mesmo depois de grande, da mãe, aí dia de domingo um visitasse o outro, mesmo se não fosse lá na casa dela, um visitasse o outro, aquela união, todo mundo se falasse, ficar, dividisse as alegrias, também às vezes as tristezas, né? Que ninguém é... perfeito; feliz é... família é isso, né? União...

Para ajudar nessa reflexão, pode-se tomar emprestada uma afirmação de Peres (2001):

os eventos previsíveis ou imprevisíveis, felizes ou infelizes, com os quais a família se confronta podem dar continuidade ao seu desenvolvimento, tornando-se importante descrevê-los, a eles e as circunstâncias que o cercam (PERES, 2001: 77)

4.2.4. Como as estratégias de criação dos filhos são percebidas pelos(as) jovens?

Um ponto central na análise está nas narrativas que se referem a como os(as) informantes percebem a forma como suas famílias os(as) criaram. A partir de suas falas, é possível identificar que não é verdade absoluta a responsabilidade familiar por terem “dado certo” ou não, na vida. Outras interações afetivas são apontadas como mais significativas em suas trajetórias. Alguns trechos do discurso de Marcelo servem para ilustrar o que ele pensa sobre a importância da instituição familiar, em geral:

é bom quando a pessoa vai crescendo, vendo a família, é bom, que ela de um certo modo ela é fundamental pro caráter, ver... se espelhar nos tios como se eles estão se desenvolvendo, acho que é bom, família é fundamental pro caráter também, a mãe, a escola também, a

família é, a família é... é tipo a base, né? Que, que... tipo a base de tudo...

Percebe-se que o jovem reproduz, de certa maneira, o discurso dominante sobre a família, no qual se espera que ela seja “a base de tudo”. A mesma fala aponta para o entendimento de que os familiares são possibilidades de referências positivas para os jovens. No entanto, segundo Marcelo, a escola seria uma outra instituição fundamental para a formação do caráter de uma pessoa, o que leva a inferir que a centralidade no desenvolvimento parece não estar necessariamente no grupo familiar. Em relação à importância da família na sua própria criação, o entrevistado admite:

num me influenciou em nada pra mim, a família... (...) em mim, não... num foi tão importante - que família, família sempre é importante - mas acho que pra mim num foi não, eu acho, não, tenho certeza; pra mim não foi tão importante, família, foi não...

Marcelo aponta o programa social do qual fez parte e a Igreja como locais que lhe permitiram interações sociais determinantes no seu desenvolvimento. Muito mais do que sua família.

Para Rafaela, a forma como foi criada não seguiu regras, nem é considerada educação:

teve que ser; porque é o destino, né? quando é, é; porque minha mãe só vivia trabalhando, a gente ficava com a minha irmã mais velha, então eu acho que não teve nem uma educação, cada um seguiu... num sei, né? sei nem como falar isso...

Uma leitura que se pode fazer é a de que apoiada, talvez, pelo que se considera, de maneira hegemônica, como o que deve ser uma “boa educação”, a jovem tem dificuldade de perceber aspectos que contribuíram para o seu desenvolvimento, ficando surpresa com o fato de ter sido considerada uma jovem bem sucedida.

Dessa forma, para os(as) jovens pesquisados(as), a família seria mais um espaço de ligação afetiva, mas outras possibilidades, como a escola, o programa social, a igreja e os amigos podem ter uma participação fundamental nos seus processos de desenvolvimento:

Os jovens caracterizam-se precisamente pela busca de outros referenciais para a construção de sua identidade fora da família, como

parte de seu processo de individuação, perante o mundo familiar e social. Necessitam falar de si no plural, recriando “famílias” (como construção de “nós”) fora de seu âmbito familiar de origem, através dos vários grupos de pares (peer groups), seja em torno de música (rock, rap), de outras atividades culturais, esportivas ou de outras formas de expressão dos jovens no espaço público (SARTI, 2004, p.123).

Outro aspecto que deve ser abordado é a necessidade de desconstruir “verdades” que relacionam a vida em comunidades populares com infâncias infelizes e fadadas ao risco. É evidente que não se pode esquecer a vulnerabilidade a que as pessoas que vivem nas favelas estão sujeitas, porém a afirmação de Marcelo confirma que há espaço para uma infância boa de ser lembrada:

aí eu sempre fui muito mimado, assim, muito... sempre tive quase tudo, porque... sempre tive quase tudo, mas sempre batalhei também pra conseguir... e... foi muito boa minha infância... ah, menino, joguei muito bola de gude, brinquei muito aqui nesta rua...

4.3.A juventude pesquisada: quem são os jovens que “deram certo na vida”?

A opção de utilizar o termo “dar certo na vida” foi uma maneira de chegar o mais perto possível da juventude entrevistada. Outros termos poderiam ter efeito semelhante, tais como “jovem bem-sucedido”, “ser alguém na vida” ou “jovem que teve um bom desenvolvimento”. Acredita-se, no entanto, que essas noções são complementares e não antagônicas.

Dito isso, pretendem-se apresentar categorias eleitas a partir das falas dos(as) nove informantes, dialogando com suas concepções e entendimentos em torno da questão de pesquisa.

As respostas das jovens entrevistadas à pergunta *Você pode me apontar algum jovem, entre dezoito e vinte e quatro anos, que deu certo na vida?* trazem aspectos semelhantes em alguns sentidos. Fabiana (colega de Rafaela) aponta para o fato de Rafaela ter mudado ao longo do curso, em uma referência ao seu jeito de ser. “Ela foi desabrochando” e chegou a conseguir um trabalho. Roberta explica que escolheu seu companheiro, Rodrigo, como alguém que “deu certo na vida”, porque ele “teve muitos problemas, ficou órfão cedo” e perdeu um irmão assassinado. Em seu entendimento, essas circunstâncias poderiam tê-lo conduzido para o “caminho errado”. Apesar de tudo, ele procurou trabalhar e ajudar os irmãos. Carolina, ao

indicar o vizinho Marcelo, salienta que ele terminou os estudos (nível médio), já fez um estágio profissional, não mora com a mãe (ou seja, vai se virando) e “não tá nesse mundo assim”. E Rita, que apontou Francisca, faz menção à postura responsável da amiga diante da vida, uma vez que “pensa muito antes de fazer as coisas” e tem a “cabeça no lugar”, como se tal jeito justificasse o entendimento de que vem “dando certo”.

A partir dessas falas, e tomando também as próprias narrativas dos(as) jovens “escolhidos(as)”, pode-se chegar a alguns pontos convergentes, tais como: as experiências profissionais (em sua maioria decorrentes da passagem por programas sociais); a conclusão (próxima ou real) dos estudos; o não-envolvimento com “o mundo das drogas”; o fato de ter passado por algum “problema” (seja de comportamento, seja de perdas ou faltas) na vida, e o que se poderia chamar de um “jeito de ser” ou de viver.

Em sua pesquisa com jovens (do sexo masculino) que estão construindo trajetórias de vida diferenciadas, Longhi (2008) encontrou variados discursos e categorias, a partir das próprias pessoas da comunidade pesquisada:

Os jovens lembrados são jovens que estão associados ‘ao bom caminho’ e este bom caminho significa, basicamente, não estar envolvido com o tráfico ou com atos ilícitos, ser bom filho e/ou bom chefe de família, trabalhar, ou estar na universidade ou ainda fazer parte de uma das igrejas locais e destacar-se por sua ação dentro desta (LONGHI, 2008: 34)

A autora argumenta que ser considerado como “pessoa de bem” seria o resultado de uma combinação de fatores, que nem sempre são os mesmos. O que foi comum entre todos os seus entrevistados foi o fato de serem considerados bons filhos e, sobretudo, serem bem conceituados na comunidade em que vivem. Nesse sentido,

O valor da pessoa está na sua capacidade de realizar coisas boas, coisas de pessoas de bem, mas, e apesar disso, não negar seu espaço de moradia. Continuar morando na comunidade e ter um bom relacionamento com quem vive ao seu redor é um dos aspectos fundamentais nesta construção de uma pessoa *bem vista*. (LONGHI, 2008: 41)

Na presente pesquisa, pode-se afirmar que os(as) informantes, também destacados por pessoas do lugar onde vivem, se aproximam bastante, em alguns sentidos, dos jovens da referida pesquisa. Sem esquecer a especificidade do recorte de gênero feito pela autora, percebeu-se a existência de discursos similares no que diz respeito, por exemplo, ao apego ao lugar onde moram, seguido do fato de desejarem continuar morando no *Detran*. Além disso, as falas das jovens nas entrevistas do tipo 1, apontam para o entendimento de que todas as características às quais se referiram diminuem de alguma maneira a vulnerabilidade da juventude que vive nas favelas. Quanto mais reconhecidos forem os(as) jovens, mais protegidos eles e elas estariam das diversas situações de risco.

Retomando as noções de *pertencimento* e *desterro*, pode-se afirmar que, entre o medo e o prazer, esses(as) jovens sentem-se pertencentes à realidade em que vivem, uma vez que é nesse espaço que são construídos os vínculos afetivos, independente se estes são ou não vínculos familiares. Também é na comunidade que projetam suas vidas. Desse modo, se *pertencimento* é a maneira como os adolescentes se integram no cenário da favela, como se constituem os vínculos e como se estabelecem os seus projetos de vida - em sua maioria elaborados a partir de encontros significativos com outrem, Rafaela, Rodrigo, Marcelo e Francisca falam claramente de um sentimento de pertença. Se *desterro* é a violência que se produz contra os adolescentes, podendo interromper a vida na favela, não se observou em tais histórias de vida o abandono do local de moradia. Mesmo se viveram situações de violência, como é o caso de Rodrigo. Talvez, os encontros significativos, como as pessoas do Banco, no caso de Marcelo, tenham se sobreposto às experiências negativas.

Uma expressão recorrente, nos dois tipos de entrevistas realizadas, em relação ao modo de levar a vida, foi a combinação “de casa pro trabalho, do trabalho pra escola, da escola pra casa” (ou “de casa pro colégio, do colégio pra casa”). Praticamente todos os informantes utilizaram essa construção para se referir a uma necessidade de se proteger do mundo lá fora. No caso de Francisca, essa era uma exigência dos pais. Cabe formular uma pergunta: será que a equação casa-trabalho-escola é igual a jovem que “deu certo na vida”? Seria essa uma “fórmula de sucesso”?

Nesse sentido, a rua é excluída da equação, mesmo se faz parte, de certa maneira, da vida deles(as). Na narrativa de Rafaela, a rua é claramente um espaço

que ajuda a suportar as frustrações vividas no espaço doméstico. Porém, a relação com a comunidade é autorizada quando se é criança. Nesse caso, a rua é permitida como espaço de brincadeira (com exceção de Francisca, em todas as outras histórias essa permissão é percebida). No entanto, durante o período da adolescência a rua é ameaçadora, pois passa a ser o lugar do tráfico, das tentações, do aliciamento dos jovens.

4.3.1. Categorias que definem o que é “dar certo na vida”

Apesar das idiossincrasias e singularidades de cada história de vida, foram encontrados aspectos comuns que merecem serem elucidados e discutidos.

Mas, em meio a essa discussão, é importante fazer uma reflexão: o que se entende por “dar certo” parece ser sempre pensado em relação a alguma coisa considerada negativa, o “errado”, que tem habitualmente relação com comportamentos de risco (uso exagerado de drogas lícitas ou ilícitas, furtos, envolvimento com tráfico de drogas, dentre outros). No entanto, tratam-se de categorias opostas. Nesse sentido, será que os meninos que “dão certo” não formariam um grupo social diferente dos jovens traficantes, por exemplo?, sem, necessariamente, serem os “bonzinhos”, numa realidade social que, via de regra, é associada ao que é negativo. Melhor dizendo, será que não se poderia pensar em um grupo (que faz parte do grupo maior de jovens) que não seria nem o estereótipo “do bem”, nem “do mal”, mas simplesmente um grupo que, por algumas razões, faz escolhas consideradas acertadas?

O trabalho como categoria

Problematizando a questão do primeiro emprego, Longhi (2008) aponta para o trabalho oficialmente reconhecido como o alvo principal da juventude, uma vez que seria a inserção em tal lógica formal que lhes daria o reconhecimento como jovens trabalhadores(as). Isso parece evidenciar-se nas entrevistas realizadas, em que as pessoas apontadas como jovens que “deram certo” têm ou tiveram uma experiência de trabalho “com carteira assinada”. No caso de Marcelo, apesar de não estar empregado no período em que ocorreu a pesquisa, o fato de ter sido estagiário do Banco do Brasil lhe deu o passaporte para ser alguém na vida.

Segundo Castro, 2005, “a família é a principal referência na articulação dos elementos que estruturam o discurso legitimador do trabalho no Brasil” (CASTRO, 2005: 113). E o trabalhador a quem se deve respeitar é aquele que faz parte de uma família e que a ajuda na sua sobrevivência.

De acordo com as narrativas em análise, pode-se afirmar que os valores das categorias em estudo perpassam os grupos familiares dos(as) jovens. Em primeiro lugar, praticamente todos(as) os(as) pessoas citadas nesse sentido são trabalhadores(as) e dedicadas ao sustento de suas famílias – quando não, estão em busca de uma ocupação, sendo o desemprego algo circunstancial. Em segundo lugar, há o reconhecimento, por parte dos(as) filhos(as), em relação à herança passada pelos(as) seus(suas) provedores(as):

...ensinou a gente o caminho do trabalho... poder ganhar dinheiro suado, a gente sempre, sempre trabalhou... (...) ele sempre levava a gente pra trabalhar; quando a gente tava em casa parado, ele incentivava a gente a vender picolé, uma vez comprou umas caixas de picolé pra gente vender... (Rodrigo)

porque eu sou esforçado, não, eu num sou esforçaaado, não, de certo modo eu f... não agora, mas eu fui esforçado, eu consegui tipo emprego cedo, eu acho que os outros pensam assim também e foi uma conquista desse emprego, que nem todo adolescente consegue um emprego tão longo quanto eu consegui; e sempre estudando, sempre... nunca faltei muito, assim, sempre estudando, assim, batalhando; eu acho que passa pros outros que, que eu vou conseguir; tomara! Que eu vou conseguir, que eu sou inteligente, eu sou (...) passa pros outros essa imagem, num é? Mais responsável também, depois do emprego, eu fiquei muito mais responsável e... passa pros outros essa imagem, num é? Passa... (Marcelo)

acho que o melhor momento pra mim foi quando eu fui trabalhar porque sempre eu botei currículo em tudinho e nunca fui chamada, aí eu, eu acho que o melhor momento pra mim foi esse... porque eu sempre, sempre queria trabalhar... (Francisca)

O programa social como “trampolim”

Espaços educativos parecem ter uma importante dimensão simbólica entre as pessoas das comunidades populares. A busca por cursos e por qualificação profissional demonstra as expectativas dos jovens em relação à inserção no referido mundo do trabalho. De acordo com Gouveia (2000), os programas sociais e os

cursos são vistos pelos jovens como instituições diferentes das escolas, sobretudo pelo cunho disciplinar destas últimas.

De fato, fica evidente nas falas de Marcelo, Francisca e Rafaela a dimensão positiva que os programas sociais lhes proporcionaram, seja do ponto de vista da entrada no mercado de trabalho, seja do ponto de vista das interações sociais com professores(as) e colegas. Para os três entrevistados, é como se esses espaços tivessem sido definitivos em suas trajetórias.

Segundo Longhi (2008), “os ganhos percebidos estão mais no campo social e individual do que na questão da capacitação profissional propriamente dita” (LONGHI, 2008: 77). Nos programas sociais, é possível aos jovens desenvolverem a capacidade de se relacionar e de tomar iniciativas, desenvolvendo a autoconfiança e a capacidade de se expressar.

Francisca relata as transformações, inclusive em relação aos seus medos, decorrentes de tal experiência:

isso aí foi logo antes, logo antes de eu trabalhar, que eu tava na, eu tava... antes de eu fazer esse curso, esse curso pra mim foi muito bom, foi ótimo, ótimo, ótimo...

...mudou porque, assim, eu comecei a conhecer gente nova, conversar, dialogar, tem pessoas bem, assim, muito boas assim lá...

...aí serviu pra mim, muito mesmo, muito, me ajudou muito, pelo menos eu saí de casa, assim, no caso, eu ficava dentro de casa, né? quando, ficava dentro de casa, aí eu saí, depois quando eu acabei o estudo foi quando eu fui chamada pro curso, eu tinha acabado o estudo, aí pronto eu ficava o dia todinho dentro de casa, o dia todinho.

O “não-envolvimento” como categoria

Se existissem dois caminhos possíveis, era como se Rodrigo estivesse no limite do “dar certo” ou do “dar errado”. Quando fala sobre o irmão que “deu errado”, relata que ele “usava [drogas], traficava, matava...” e que era possível que tivesse entrado para essa vida também, uma vez que “só andava com ele; o mais pegado comigo era ele”. Apesar de identificar a escolha do irmão como errada, Rodrigo sempre se refere a ele com afeto, respeito, consideração, o que faz pensar sobre uma forte identificação com Dado, a qual aparece algumas vezes ao longo de sua

fala. Mas o que fez, então, com que tivesse “escolhido” a vida “certa”? Segundo ele mesmo diz,

...que eu ia pras festas, que eu via os meninos envolvidos nos negócio... eu pensei direitinho, olhei, vi que tava sozinho, não tinha ninguém pra tomar conta de mim, num tinha pai, num tinha mãe, botei a cabeça no lugar e... deixei de sair pro cantos...

...pensei nos meus irmão menor e comecei a ficar em casa... e meu irmão continuou...

Foi justamente a sua desproteção, o seu desamparo, que fez com que Rodrigo não “se envolvesse”, como o irmão? Uma vez que tomou a responsabilidade de proteger os outros irmãos?

Por que dois irmãos, filhos do mesmo pai e da mesma mãe, escolhem caminhos tão diferentes? Lembrando as ideias de Winnicott (2005), certamente os momentos afetivos que o casal parental viveu durante a espera desses filhos foram bem diferentes, o que pode ter marcado as existências de Rodrigo e de Dado de maneiras diversas. O próprio fato de o entrevistado ser o primogênito faz com que se possa pensar nesse lugar de cuidador em que ele parece ter sido colocado – seja pela sua família, seja pelas circunstâncias pelas quais passou na vida.

Nas palavras de Marcelo, “dar pra errado é entrar na... (risos) mexer com droga... com arma, tráfico... isso pra mim é que é dar pra errado”.

O “jeito de ser” como categoria

Um aspecto que chama a atenção no discurso dos(as) informantes é uma certa popularidade dos jovens: Rodrigo conhece a Iputinga toda, Marcelo tem dificuldade de se concentrar nas tarefas da Igreja, uma vez que os colegas buscam estar perto dele, e Rafaela é quem anima a sala de aula e gosta de ocupar esse lugar da “bagunceira”, “maria do bocão”. Já Francisca tem um “jeito de velha”, levando a vida de maneira responsável.

É interessante observar que todos(as) têm em seus jeitos aspectos geralmente positivados na sociedade. Características que vão da simpatia à cordialidade; da responsabilidade à educação (formal ou não). Por outro lado, o jeito apontado como bem sucedido difere dos “outros que se envolvem”.

Projetos de futuro como possibilidade

Um outro ponto a ser analisado é algo que aparece nas quatro narrativas. Os projetos para o futuro dos(as) entrevistados(as) vão desde a entrada em um curso universitário (e a aquisição de uma profissão) até a compra de uma moto, como forma de investir em uma ascensão profissional (caso de Rodrigo). O adiamento da maternidade ou da paternidade também se apresenta como plano para o futuro. Ou seja, todos os projetos relacionam-se com o trabalho.

Assim, pode-se afirmar que é possível para Rafaela, Marcelo, Francisca e Rodrigo, uma vez que são vistos como “dando certo na vida”, ao menos vislumbrarem tais projetos, enquanto grande parte dos(as) jovens que moram nas comunidades populares não conseguem nem considerar a possibilidade de entrada em uma faculdade, já que não chegam a concluir o ensino médio. É interessante observar que o único jovem que não projeta uma carreira universitária é Rodrigo, que parou de estudar na sétima série do ensino básico. Rafaela, apesar de não ter concluído o ensino médio, pode projetar a continuidade dos estudos, mesmo se sua fala aponta para um grande desconhecimento das “regras” necessárias ao ingresso no ensino superior. Ela diz que o curso de Direito é realizado em um período de dez anos. Já Marcelo apresenta um maior conhecimento do funcionamento do campo universitário, porém admite não estar estudando para passar no vestibular. Francisca também não menciona o estudo como atividade atual, dedicando-se exclusivamente ao trabalho, porém projeta entrar em uma instituição de ensino superior. É como se, mesmo afirmando a vontade de serem administradores ou advogados (ou seja, seguir uma carreira de nível superior), não relacionassem os estudos com as profissões almejadas, não conseguindo, ao menos, visualizar as etapas que devem ser ultrapassadas para alcançarem seus objetivos (CASTRO, 2005).

No entanto, a condição de jovens lhes dá a “possibilidade de desenvolver mecanismos para adiar a realização de projetos sem que isso represente abrir mão deles” (LONGHI, 2008: 68). Assim, sonham com algo concretamente possível, pois têm tempo pra isso. Desse modo, podem deixar para depois a realização da maternidade e da paternidade.

Ao mesmo tempo, parece haver uma contradição diante das perspectivas de futuro desses jovens. Como no caso de pesquisa com a juventude pobre carioca, as

narrativas de Rafaela, Rodrigo, Marcelo e Francisca mostraram um paradoxo em que, mesmo que se percebam falas otimistas em relação a seus projetos, há claramente o confronto com grandes dificuldades em relação ao que é desejado (CASTRO, 2005).

Por outro lado, uma vez que um dos pontos de discussão é a questão da família, percebeu-se que os(as) jovens apostam na instituição familiar, uma vez que sonham e projetam formar novas famílias, ter filhos, mesmo que “não agora”, ou “ainda não”. É como se uma gravidez em suas vidas atuais atrapalhasse os seus caminhos de “sucesso”, uma vez que poderia afastá-los do mundo do trabalho, por exemplo.

Os espaços de socialização, para além da família

Neste momento, cabe discutir o papel dos vínculos afetivos que os(as) jovens vão construindo ao longo da vida. Seria a qualidade dessas interações que os impediria de entrar no “mundo do crime”, como no caso de Rodrigo?

Em vez de falar em resiliência (como algo individual ou força interna) parece que os resultados da pesquisa apontam mais para as interações sociais que se constroem ao longo da trajetória de vida - interações cujos vínculos afetivos são fortes. Nessa direção, os programas sociais, as escolas, a igreja, acabam tendo uma função de socialização, quando os meninos e as meninas constroem novos círculos de amizades – que influenciam a ponto de Marcelo se converter religiosamente. Francisca e Rafaela também falam de suas experiências e ressaltam a importância do programa social pelo qual passaram, como sendo o espaço onde fizeram novas amigas.

Mas as amizades, ao mesmo tempo em que são extremamente importantes em seus processos de socialização, representam também um canal de ameaça do mundo lá fora, do que seria “dar errado” para eles:

na comunidade, a gente tem que saber porque... os povo oferece muitas drogas à pessoa... a pessoa pega se quiser, né? mas tem gente que é, ôxe, as meninas de lá é tudo nova, tudo já buchuda... tudo usando droga... ôxe, eu vejo as meninas que eu estudei lá no outro lado, tudo, umas já morreram... eu fico assim pensando, pôxa... tá entendendo?... assim pensando... estudou comigo, ó... tá buchuda... tá grávida... fica usando droga... assim, porque a gente pensa, né? faz

tudo... estudou com a gente, ó... só eu que tô assim ainda... graças a deus... (Rafaela)

sempre desde nascido, desde que a gente nasceu, a gente estudou lá, fora daqui... também por causa do perigo da amizade, que não era muito... boa; aí sempre foi assim, quando sempre a gente chegava da escola: dentro de casa, sempre dentro de casa, sempre dentro de casa, sempre dentro de casa, era sempre assim; até mesmo tem muitas menina aqui que não vão muito com a cara da gente, da minha e da minha irmã, dizem que a gente é chata, é metida, porque a gente não tem muito contato (Francisca)

4.4.Os jovens e os “pontos de viragem”

Ao falar das circunstâncias que marcaram sua vida, Rodrigo faz uma reflexão (um tanto contraditória) que leva a pensar sobre a noção de “ponto de viragem”:

Eu acho que não me fez mudar, né? eu amadureci mais, tive que tomar conta dos meus irmãos, num mudei, não... se não tivesse acontecido isso também, eu acho que eu devia tá no mundo...

Parece elaborar seu discurso dando-se conta do que representou toda a história do irmão: “Isso significou muito... se não tivesse acontecido isso, talvez eu não estaria nem aqui...”

Diante de tais afirmações, pode-se pensar que esse conjunto de acontecimentos (ruins) na vida do jovem talvez tenha sido decisivo para que ele sustentasse uma trajetória de reconhecimento. De acordo com ele, tivessem as circunstâncias sido diferentes, poderia ter-se “envolvido com alguma coisa”, como Dado. Assim, observa-se uma contradição em seu discurso, uma vez que, ao mesmo tempo em que acha que não mudou, explicita que tudo poderia ter sido diferente. Talvez isso esteja ligado ao fato de estar sendo entrevistado como alguém que “deu certo na vida”.

Se “pontos de viragem” são marcos que operam transformações na vida de um sujeito e que aparecem como feixes de acontecimentos, constituindo-se como momentos de tensão, crise, ruptura (OLIVEIRA, REGO & AQUINO, 2006), estaria ilustrada aí uma virada na trajetória de Rodrigo.

Após o evento da morte dos seus pais, parece haver uma reorganização familiar, de tal modo que Rodrigo passa a assumir o lugar de chefe-de-família: é ele

quem decide, quem sustenta, e até mesmo quem sofre e se preocupa com os irmãos mais novos – o que é, geralmente, função dos pais.

A história de Rafaela aponta a maioridade, junto com o início de uma vida de trabalhos, como um “ponto de viragem”. A partir daí passa a ser vista pelos pares, bem como a se reconhecer como alguém que é bem-sucedido. Isso fica claro quando repete diversas vezes que as pessoas se referem a ela como “quem te viu, quem te vê”, dada a infância que teve, relatada por ela mesma, ou seja, o reconhecimento como trabalhadora faz reverter uma imagem que tinha porque era uma criança que vivia “de calcinha pela rua”.

Conforme foi mostrado acima, Francisca parece ter dado uma “virada” em sua vida quando entra para o programa social que lhe dá a possibilidade de ingressar no mundo do trabalho. Os sintomas psíquicos narrados parecem, se não desaparecer, diminuir após a entrada no “curso”.

Marcelo refere-se à entrada na igreja evangélica como um marco em sua trajetória. É a partir do encontro com as pessoas pertencentes a esse espaço e, em suas palavras, “com Deus”, que ele muda radicalmente sua forma de encarar o mundo. A religião parece promover uma ruptura na forma como levava a vida outrora. Percebe-se, então, um “ponto de viragem” em sua história de vida.

4.5.O jovem e o *desenvolvimento integral*

O Estatuto da Criança e do Adolescente define a noção de *desenvolvimento integral* como

a garantia do desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade de crianças e adolescentes, garantindo-lhes a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 1990).

Dado o universo desta pesquisa, seria possível pensar em um *desenvolvimento integral* desses jovens? Sabe-se que a lei é para todas as crianças e adolescentes do Brasil, porém existem parcelas dessa população que são menos privilegiadas do que outras, social e economicamente falando. Assim, na perspectiva da imprevisibilidade, como famílias que vivem em condições humanas

desfavoráveis, seja do ponto de vista da moradia ou da alimentação, seja do ponto de vista da falta de acesso à educação formal, poderiam criar seus filhos e filhas garantindo-lhes um contexto saudável de desenvolvimento?

Talvez uma maneira de relacionar os resultados deste estudo com as leis seja a compreensão de que o desenvolvimento integral, tal como preconiza o ECA, não é o que necessariamente se observa nos jovens que “deram certo na vida”, uma vez que desde o nascimento alguns direitos lhes são negados. Porém do ponto de vista do que eles(as) puderam fazer com o conjunto do que não lhes foi negado, possam ser considerados integralmente desenvolvidos – ou em desenvolvimento.

Acrescentando tal discussão, o desenvolvimento vai além do crescimento biológico e passa a constituir-se também como processo simbólico. Sarti (2004) afirma que:

As condições favoráveis para que uma criança “cresça” ou um jovem se desenvolva na família se ampliam quando seu pai, sua mãe ou quem deles cuide possam se pensar, eles mesmos, como pessoas em permanente crescimento, em cada novo lugar que ocupem na família (SARTI, 2004: 121).

Desse modo, a perspectiva do desenvolvimento humano que considera rupturas e tensões como parte da vida dos sujeitos, ajuda a compreender a fala de Fabiana em relação à história de vida de Rafaela, sendo interessante observar o quanto o desenvolvimento parece estar sendo entendido como algo da ordem do processual: a jovem está “desabrochando”.

Os(as) jovens que “deram certo na vida” tiveram momentos de rompimentos e recomeços, mas continuam escrevendo suas trajetórias sem uma regra ou uma lei que lhes tenha sido determinante. Suas histórias demonstraram que o desenvolvimento, de fato, não foi algo linear nem previsível. Deve ser entendido como um processo que inclui, simultaneamente, avanços e retrocessos, ganhos e perdas e, principalmente, ambiguidades, rupturas e descontinuidades. Uma combinação de fatores foi imprescindível para que chegassem ao nível de reconhecimento a que chegaram. Interações sociais dentro e fora de suas famílias contribuíram para que se tornassem quem são. Nem “certinhos”, somente. Nem “envolvidos” nos riscos da juventude. Cada um e cada uma com seu jeito de ser e com uma história para contar.

Considerações finais

Como tentativa de síntese, torna-se importante explicitar e/ou retomar alguns pontos abordados no trabalho.

Um primeiro aspecto deve-se ao fato de ter sido proposital o respeito ao que o jovem considerou como sua família, não cabendo à pesquisadora adotar as definições de consanguinidade ou de co-habitação, por exemplo. Também não se pretendeu defender ou condenar a instituição familiar. Interessava mais ouvir o peso que os jovens davam ou não às suas famílias, considerando o seu processo de desenvolvimento. Levar em conta o ponto de vista do outro envolve o confronto com seu próprio ponto de vista, relativizando-o, o que requer o rompimento com estatutos de verdade que profissionais e pesquisadores (os observadores) tendem a atribuir a seu saber (SARTI, 2004).

Verdades essas que, não se pode esquecer, foram construídas pelos próprios técnicos em gestão das vidas das pessoas. Retomando Costa (2004),

muitos dos fenômenos apontados, hoje em dia, como causas da desagregação familiar, nada mais são que consequências históricas da educação higiênica. Em outros termos, as famílias se desestruturam por terem seguido à risca as normas de saúde e equilíbrio que lhes foram impostas (COSTA, 2004: 15).

Como uma conclusão, pode-se afirmar que outros espaços além desse “microssistema” se fizeram importantes nas trajetórias desses jovens. Fazer dialogar

as histórias contadas com uma literatura de referência sobre famílias e juventudes foi a ideia que se procurou seguir:

A família configura um cenário onde o conflito é intrínseco e, sendo assim, o trabalho com famílias pode se dar no sentido de pensar os limites do que é ou não negociável nas relações familiares, a partir da indagação sobre o que constitui conflito para a própria família, e não como uma definição externa e disciplinadora (SARTI, 2004: 126).

Um segundo aspecto a ser retomado é a relação com o que vem sendo construído no espaço das normas. Em meio à discussão do direito à convivência familiar e comunitária reservado às crianças e adolescentes, os resultados da pesquisa apontaram para uma responsabilidade maior da comunidade onde eles vivem (dadas as suas faltas) do que propriamente das famílias, por mais que possam reconhecer suas fragilidades e dificuldades. Muitas das dificuldades que foram relatadas pelos(as) informantes dizem respeito às violências que ocorrem no local onde vivem, bem como à ociosidade (“mente vazia”) e à falta de trabalho. Nesse sentido, caberia às políticas públicas estarem mais atentas ao fortalecimento de um espaço digno onde crianças e adolescentes pudessem desenvolver-se integralmente.

Um outro ponto diz respeito ao que se pode denominar como efeito ou impacto das situações de entrevistas para os(as) jovens informantes. As entrevistas são uma oportunidade única para as pessoas pesquisadas, ou seja, a chance de falar e de ser escutado(a). “São uma prova rara do reconhecimento de sua existência por alguém que não pertence a seu mundo” (SARTI, 2007: 24). Para os(as) jovens desta pesquisa não foi diferente:

Eu fiquei pensando assim, porque ôxe, eu nunca falei isso pra ninguém, né? dizendo as coisas... só falava assim, que os povo lá na rua, todo mundo sabe já como é meu irmão, mas nunca tinha falado assim, nada, nunca também ninguém tinha perguntado nada, chega eu me senti aliviada um pouquinho... (Rafaela)

Naquele dia (no primeiro encontro), eu tipo, desabafei um pouco, foi bom, conversei que só, foi ótimo (Marcelo)

É um trabalho bem legal... eu gostei... pude desabafar e conversar um bocado da minha vida; têm muitas coisas que nem com, com Roberta (companheira) eu falei... (Rodrigo)

Assim, espera-se ter podido contribuir com as suas expectativas desde o momento em que foram convidados a participar da pesquisa.

Faz-se importante, ainda, uma referência à ideia de desenvolvimento humano e interação. Tratando essa questão como algo da ordem da imprevisibilidade, ou seja não interessa apenas entender como a pessoa se desenvolve cronologicamente e biologicamente, mas sobretudo interessa identificar as rupturas e os avanços e retrocessos desse processo. Daí a relevância de identificar os “pontos de viragem” de uma história de vida, pois é aí que se pode perceber momentos significativos de mudança, que norteiam as trajetórias em uma direção diferente.

Por fim, a partir dos resultados apresentados e discutidos, deseja-se salientar a importância de outras pesquisas na área do desenvolvimento dos jovens e suas famílias, inclusive no que se refere a estudos comparativos da juventude que “dá certo” em segmentos social e economicamente diferentes da sociedade.

Referências

ALMEIDA, Ângela, M.O.; GALINKIN, Ana L. Representações sociais da violência entre adolescentes e professores de classe média. In: CASTRO, Lucia Rabello; CORREA, Jane. (orgs.). *Juventude Contemporânea: perspectivas nacionais e internacionais*. Rio de Janeiro: NAU Editora: FAPERJ, p.233-252, 2005.

ALVES, Paola Biasoli. A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados. *Psicol. Reflex. Crit.*, Porto Alegre, v. 10, n. 2, 1997 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721997000200013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07/01/09.

ALVIM, Rosilene; GOUVEIA, Patrícia (orgs). *Juventude anos 90: conceitos, imagens, contextos*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

_____; PAIM, Eugênia. Os jovens suburbanos e a mídia: conceitos e preconceitos. In: ALVIM, Rosilene; GOUVEIA, Patrícia (orgs). *Juventude anos 90: conceitos, imagens, contextos*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, p.13-34, 2000.

ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. 2ª edição. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. (tradução: Estela dos Santos Abreu) - 6ª edição. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2004.

BASTOS, Ana Cecília Sousa; ALCÂNTARA, Miriã Alves Ramos; FERREIRA-SANTOS, José Eduardo. Novas famílias urbanas. In: LORDELO, Eulina da Rocha; CARVALHO, Ana Maria Almeida; KOLLER, Sílvia Helena (orgs.). *Infância brasileira e contextos de desenvolvimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 97-133, 2002.

_____. Pertencimento e “desterro” nas trajetórias de adolescentes da favela de Novos Alagados, Salvador, Bahia. In: CASTRO, Lucia Rabello; CORREA, Jane. (orgs.). *Juventude contemporânea: perspectivas nacionais e internacionais*. Rio de Janeiro: NAU Editora: FAPERJ, p.253-274, 2005.

BOGDAN, Robert; TAYLOR, Steven J., *Introdução aos Métodos da Pesquisa Qualitativa*. (tradução: HAGUETTE, Tereza MF.) Departamento de Ciências Sociais da UFC. Fortaleza, 1980.

BRASIL, Estatuto da Criança e do Adolescente. *Lei Federal nº 8069*, de 13 de julho de 1990.

BRASIL, Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária, 2006.

BRUNER, Jerome. *Actos de significado: para uma psicologia cultural*. Lisboa: Edições 70, 1990.

CARVALHO, Ana Maria Almeida; LORDELO, Eulina da Rocha. Infância brasileira e contextos de desenvolvimento: concluindo. In CARVALHO, Ana Maria Almeida, LORDELO, Eulina da Rocha & KOLLER, Sílvia Helena (orgs.). *Infância brasileira e contextos de desenvolvimento* – São Paulo: Casa do Psicólogo: Salvador, BA Editora da Universidade Federal da Bahia, p. 229-256, 2002.

CASTRO, Lucia Rabello. Da invisibilidade à ação: crianças e jovens na construção da cultura. In _____ (org.). *Crianças e Jovens na Construção da Cultura*. Rio de Janeiro: Nau/FAPERJE, p. 19-46, 2001.

_____; CORREA, Jane. (orgs.). *Juventude contemporânea: perspectivas nacionais e internacionais*. Rio de Janeiro: NAU Editora: FAPERJ, 2005.

_____ e colaboradores. *Mostrando a real: um retrato da juventude pobre no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nau Editora: FAPERJ, 2005b.

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA. Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos. *Resolução CNS 196/96 e outras*. Conselho Nacional de Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2000.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

COSTA, Liana Fortunato; PENSO, Maria Aapecida; ALMEIDA, Tânia Mara Campos. Famílias com abuso sexual infantil: o dilema entre a mudança e a cristalização de influências transgeracionais. In: CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira (org.). *Família em movimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 203-226, 2007.

CUNHA, Marcus V. *A escola renovada e a desqualificação da família*. Disponível na internet via URL: http://www.educacaoonline.pro.br/art_a_escola_renovada.asp
Acesso em 12/09/2004

DE ANTONI, Clarissa; KOLLER, Sílvia Helena. *A visão de família entre as adolescentes que sofreram violência intrafamiliar*. Estudos de Psicologia, 5(2), p. 347-38, 2000.

DILTHEY, Wilhelm. *Psicologia e Compreensão*. Lisboa: Edições 70, 2002.

DONZELOT, Jacques. *A polícia das famílias*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

FONSECA, Cláudia. *Família, fofoca e honra: a etnografia da violência e relações de gênero em grupos populares*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 17ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 25ª edição. Petrópolis: Vozes, 1987.

GOUVEIA, Patrícia. 'Juventude-adolescente pobre' e 'valor-trabalho'. In: ALVIM, Rosilene; GOUVEIA, Patrícia (orgs). *Juventude anos 90: conceitos, imagens, contextos*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, p.59-80, 2000.

HABIGZANG, Luísa F; KOLLER, Sílvia Helena; AZEVEDO, Gabriela A. & MACHADO, Paula X. Abuso Sexual Infantil e Dinâmica Familiar: Aspectos Observados em Processos Jurídicos. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Vol.21 n.3 p.341-348 Set-Dez 2005.

JOBIM E SOUZA, Solange. Ressignificando a psicologia do desenvolvimento: uma contribuição crítica à pesquisa da infância. In: KRAMER, Sônia & LEITE, Maria Isabel P. (orgs.). *Infância: fios e desafios da pesquisa*. 7ª edição. São Paulo: Papirus Editora, p. 39-55, 2003.

JOVCHELOVITCH, Sandra & BAUER, Martin W. Entrevista Narrativa. In: GASKELL, George; BAUER, Martin. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, p.90-113, 2002.

KHEL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, Regina e VANNUCHI, Paulo (orgs). *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, p.89-114, 2004.

KUHN, Thomas S. *O caminho desde A estrutura: ensaios filosóficos, 1970-1993, com uma entrevista auto-biográfica*; editado por James Conant e John Haugeland; tradução de César Mortari; revisão técnica Jézio Hernani B. Gutierrez. – São Paulo: UNESP, 2006.

LONGHI, Márcia Reis. *Viajando em seu cenário: reconhecimento e consideração a*

partir de trajetórias de rapazes de grupos populares do Recife. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

MARTINS, Edna; SZYMANSKI, Heloisa. *Brincando de casinha*: significado de família para crianças institucionalizadas. *Estudos de Psicologia*, 9 (1), 177-187, 2004.

MENEZES, Jaileila de Araújo. Cuidado de Si e Gestão da Vida: da ética grega ao biopoder. In: *Revista Semestral do Departamento de Psicologia da UFF*. Niterói, RJ: Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, vol. 14, nº. 2, Julho/Dezembro, p. 95-109, 2002.

NASCIMENTO, Célia Regina Rangel. "Masculino e feminino no contexto da família: Representações Sociais e Práticas Educativas em Famílias de Classe Popular". Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, 2006.

OLIVEIRA, Marta Kohl; REGO, Teresa Cristina; AQUINO, Julio Groppa. *Desenvolvimento psicológico e constituição de subjetividades*: ciclos de vida, narrativas autobiográficas e tensões da contemporaneidade. *Pró-Posições*, Vol.17, nº 50 maio/ago, p.119-138, 2006.

PAULILO, Maria A.S. *A pesquisa qualitativa e a história de vida*. Disponível na internet em http://www.ssrevista.uol.br/c_v2n1_pesquisa.htm, Acesso em 21/02/2008.

PERES, Vannúzia Leal. Desenhos de família. In: SOUSA, Sônia M. Gomes; RIZZINI, Irene (coord.). *Desenhos de família: criando os filhos: a família goianense e os elos parentais*. Goiânia: Cânone Editorial, p.73-94, 2001.

RIZZINI, Irene; RIZZINI, Irma. *A institucionalização de crianças no Brasil*: percurso histórico e desafios do presente. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2004.

_____; NAIFF, Luciane; BAPTISTA, Rachel. *Acolhendo crianças e adolescentes: experiências de Promoção do Direito à Convivência Familiar e Comunitária no Brasil*. Rio de Janeiro: CIESPI, 2006.

SARTI, Cynthia Andersen. O jovem na família o outro necessário. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (orgs.), *Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, p. 115-129, 2004.

_____. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. 3ª edição. São Paulo: Cortez, 2005.

SOUZA E SILVA, Jailson de. *"Por que uns e não outros?"*: caminhada de jovens pobres para a universidade. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

SPINK, Mary Jane. A Ética na Pesquisa Social: da perspectiva prescritiva à interanimação dialógica. *Revista Semestral da Faculdade de Psicologia da PUCRS*. Rio Grande do Sul: EDIPUCRS, v. 31, n. 1, jan./jul., p. 7-22, 2000.

SZYMANSKI, Heloísa, Teorias e "teorias" de famílias. In: CARVALHO, Maria do Carmo B. (org.). *A família contemporânea em debate*. São Paulo: Educ/Cortez, 2003.

TERTO JR, Veriano. *As histórias de vida na pesquisa sobre homossexualidade e Aids*. Revista Semestral do Instituto de Medicina Social. Rio de Janeiro: Número 14., p. 1-8, 2000.

WINNICOTT, Donald W. *A Família e o Desenvolvimento Individual*. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *Tudo começa em casa*. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FONTES ELETRÔNICAS:

<http://www.pebodycount.com.br/ocorrencia/ocorrenciaConsulta.php> Acesso em 12/02/09

<http://www.mds.gov.br/arquivos/plano-nacional-defende-a-convivencia-familiar-de-criancas-e-adolescentes/> Acesso em 07/01/09

<http://www.juventude.gov.br/conselho> Acesso em 07/01/09

<http://www.acasadealice.com.br/> Acesso em 13/12/08

<http://www.paramountpictures.com.br/linhadepasse/> Acesso em 13/02/08

<http://www.ultimaparada174.com.br/> Acesso em 13/02/08